O CONSELHO ECUMÉNICO DAS IGREJAS REVÊ AS SUAS ESTRUTURAS (PÁG. 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 26 DE SETEMBRO DE 1969 N.º 16 800 ANO 49.º UM ESCUDO

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SÁBADOS

As ELEIÇÕES para DEPUTADOS

CANDIDATOS DA U. N. — 130
OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA — 107

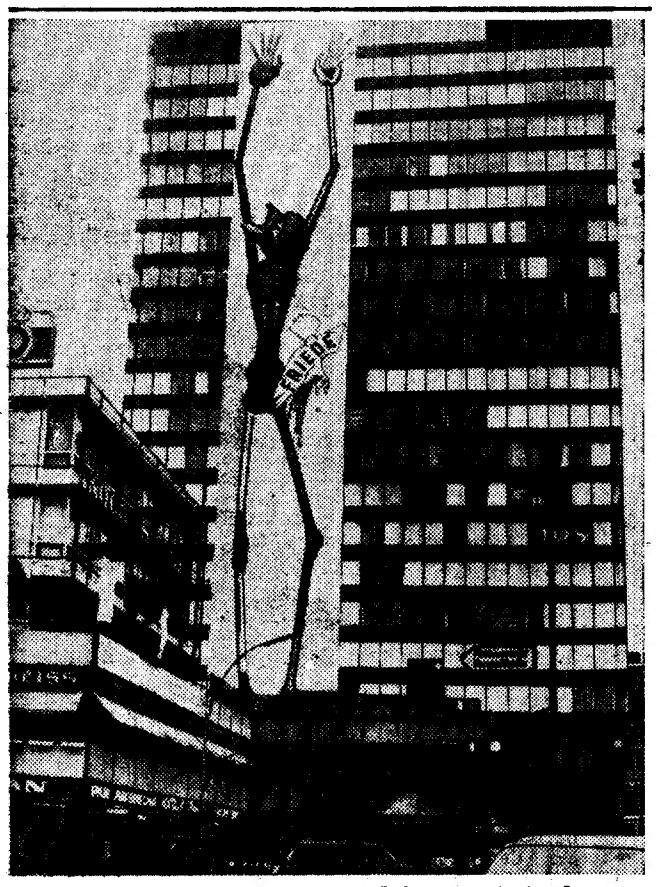
• NÃO FOI APRESENTADA A LISTA DEMOCRÁTICA DE PORTALEGRE

Terminado o prazo de entrega dos processos de candidatura, sabe-se já, com exactidão, quais as listas em presença que disputarão as eleições marcadas para 26 de Outubro. A U.N. como se sabia, concorre aos 130 lugares da Assembleia, sendo já conhecidos todos os seus candidatos. A O. Democrática, no Continente e Ilhas, disputará 100 lugares, 94 no Continente e 6 nas Ilhas Adjacentes (Funchal e Ponta Delgada). No Continente foram apre-

(Continua na 16.ª página)

O PROBLEMA ULTRAMARINO PODE SER DEBATIDO

(Ler na pág. central)



A MAIOR PINTURA DO MUNDO, da autoria do artista alemão Michael Ostwald, foi agora exposta no Centro Europeu de Berlim Ocidental e destina-se a chamar a atenção para os milhões de pessoas que ainda hoje são vítimas da fome. A pintura tem 72,5 metros de altura e 100 pessoas colaboraram na sua colocação

«O ESTADO DE SÃO PAULO» REVELA

MEDICE presidente do Brasil

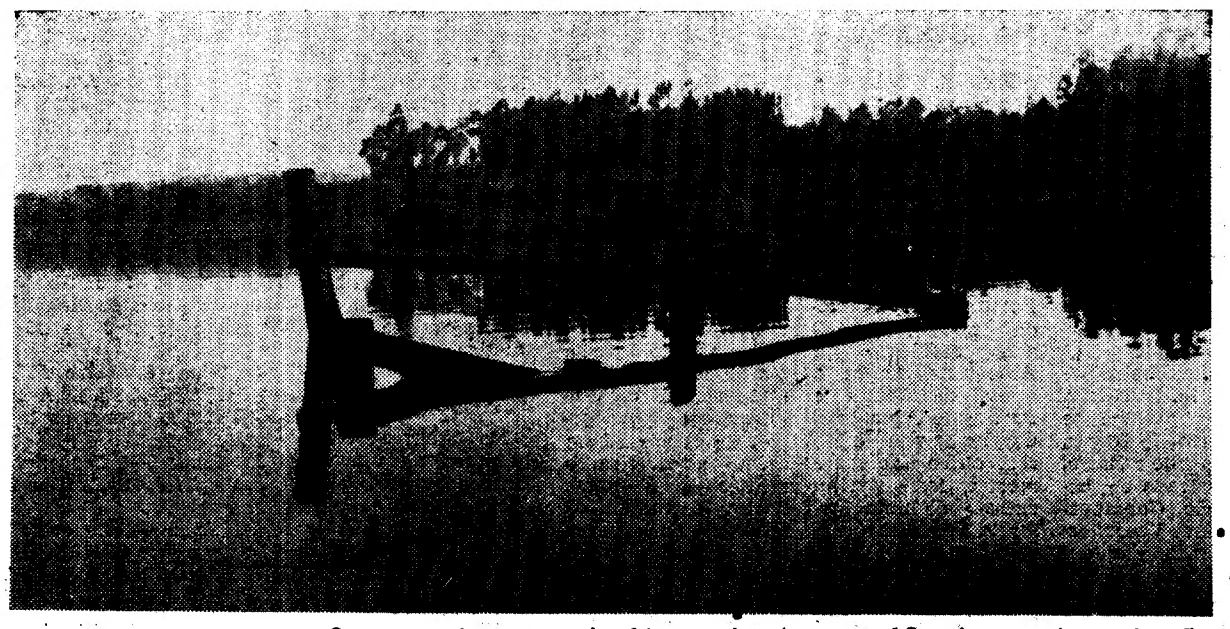
RIO DE JANEIRO, 26 — (F.P.) — O general Emílio Garrastazo Medice foi escolhido para suceder ao marechal Costa e Silva pelas mais altas individualidades militares — segundo entendeu poder anunciar na primeira página o diário «O Estado de São Paulo».

As sondagens efectuadas revelaram que não havia oposição séria ao general Garrastazu e é esperada uma reunião do alto co-

(Continua na 11.ª página)

ELAS VESTEM OS HOMENS

Os grandes da moda feminina são quase sempre homens — de Dior a Yves Saint-Laurent, a Courrèges e a Pierre Cardin. Até agora tem havido, e há, costureira (e muitas), mas dedicam-se todas elas também ao fato feminino. Agora, numa casa de confecções para homens da Rua Auber, em Paris, encantadoras costureiras cortam, fazem e provam os fatos dos clientes. A alta costura masculina ficará em mãos femininas?



«PORTUGAL DESCONHECIDO»

Quarto mil metros de filme colorido para 18 minutos de projecção; um olhar finíssimo sobre as terras, os homens e os objectos. Disto nasceu «Portugal desconhecido», a nova curta-metragem de Faria de Almeida cuja estreia está prevista para o próximo mês (LER NA PÁG. 2)

Primeiro aniversário da posse do Presidente do Conselho

A assinalar o primeiro aniversário da sua posse como Presidente do Conselho o sr. prof. dr. Marcello Caetano recebe amanhã cumprimentos no salão nobre do Palácio de S. Bento, ás 11.30, dos ministros, secretários e subsecretários de Estado, das altas patentes das Forças Armadas, governadores civis e outras autoridades administrativas, dirigentes da União Nacional, funcionalismo civil superior do Estado e outras individualidades.

Nesses cumprimentos falarão o ministro de Estado eng.º Vaz Pinto, em nome do Governo; o general Venancio Deslandes, chefe do Estado-Maior general das Forças Armadas, pelo momento militar; conselheiro Albino dos Reis, em nome da União Nacional e por fim o sr. prof. Marcello Caetano.

A seguir a esta cerimónia as altas patentes do Exército apresentarão cumprimentos ao ministro e subsecretário de Estado da respectiva pasta, no Gabinete do Ministério usando então da palavra o Chefe do Estado-Maior.

HOJE 36 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

NO LICEU D. JOÃO DE CASTRO

Segundo o vice-reitor só a má preparação dos alunos

explica o grande número de reprovações no exame de Matemática (7.º ano)

Foram muitos os alunos do Liceu D. João de Castro reprovados no exame de Matemática do 7.º ano da segunda época. Percentagem exacta: 63 por cento. Quais as razões da reprovação?

Segundo o vice-reitor daquele estabelecimento de ensino «o exame foi sobre o fácil».

— *A razão das reprovações* — disse-nos — *reside no facto da má preparação dos alunos. Como é do conhecimento publico, o Ministério da Educação Nacional autorizou o exame de três disciplinas na segunda época. Muitos foram os alunos que se inscreveram para o exame de três disciplinas, entre as quais as de Matemática, Físico-Química e Grego. Ora estas disciplinas exigem uma preparação aturada. Exigem, em suma, maturidade. É bom de ver que os alunos, a maioria dos quais se debruçou sobre os livros em Agosto, não poderiam inteirar-se devidamente da matéria sobre que incidiram os exames. Daí, pois, a inevitável reprovação — e a disciplina de Matemática foi uma das que originou maior numero de reprovações.*

O professor de Matemática encarregado de ver os pontos escritos disse-nos por sua vez:

— *Só a má preparação dos alunos explica tão grande percentagem de reprovações. O ponto era sobre o fácil e dentro do modelo apresentado no exame da primeira época.*

Elucidou-nos, seguidamente, que dos 213 alunos submetidos ao exame daquela disciplina, unicamente 15 dispensaram da oral.

Foram reprovados 135 alunos. Houve, no entanto, dois examinandos que conseguiram a nota de 20 valores. Com notas inferiores a 5 valores, revelando nenhuma preparação, classificaram-se 71 alunos. Foram á oral 29 alunos com 9 valores.

— *Só a falta de preparação* — insistiu o vice-reitor — *explica, efectivamente, tão alta percentagem de reprovações na disciplina de Matemática. Agosto é um péssimo mês para o estudo, até porque o aluno se vê, práticamente, sem professores ou explicadores. Gozam as suas férias...*

A IBM APRESENTOU O SISTEMA/3

Com a presença do director-geral da Informação, sr. dr. Clemente Rogueiro, de administradores e directores de empresas e de altos funcionários dos serviços do Estado, a IBM apresentou, no Teatro Vilaret, o novo sistema/3, computador electrónico de invulgar capacidade. A apresentação foi precedida duma comunicação do sr. Robert Dunkel, administrador-delegado da IBM, e da exibição de curtas-metragens do sistema/3, além dum documentário da viagem da Apolo 11, cedido pela Embaixada Americana e projectado pela primeira vez em Portugal.

Inauguração de melhoramentos no concelho de Braga

BRAGA, 26 — São hoje inaugurados, ao fim da tarde, diversos melhoramentos nas freguesias de S. Julião de Passos Arentim (ponte sobre o rio Este e novo edifício escolar), e haverá uma sessão na escola da freguesia de Tebosa.

No domingo, na freguesia de Navarra, são inauguradas as obras de ampliação da escola primária e electrificação.

A PRÓXIMA ESTREIA DE «PORTUGAL DESCONHECIDO»

Imagens como esta impressionaram quatro quilómetros de película para 18 minutos de «Portugal desconhecido»

Deve ser estreada comercialmente já em Outubro a nova curta-metragem do realizador Faria de Almeida «*Portugal desconhecido*», produzido pela Telecine — Moro.

«*Portugal desconhecido*», com musica de Jorge Costa Pinto, teve como operador Abel Escoto, que filmou quatro mil metros de filme colorido. A montagem aproveitaria apenas um décimo — cerca de 18 minutos de projecção

Necrologia

FUNERAIS

Maxime Vaultier

Para o cemitério do Alto de S. João seguiu esta manhã o funeral do sr. Maxime Carlos Maria Ontónio Vaultier, figura muito conhecida nos meios comerciais e industriais de Lisboa, sócio-gerente da Casa H. Vaultier desde 1928 e estudioso de Arqueologia e Pré-História.

O extinto contava 70 anos e era filho do falecido industrial Henri Vaultier. Natural de Lisboa, fez estudos em Paris, Londres e Manchester, ingressando na firma do pai em 1922, já depois de haver combatido como voluntário no primeira guerra mundial.

Maxime Vaultier

Director e administrador de empresas, Maxime Vaultier alimentou paralelamente uma outra paixão, a dos estudos históricos e arqueológicos. Deixou uma vasta obra escrita, da qual destacamos «Primeiras Pesquisas na Gruta do Almonda», «Les Plages Anciennes Portuguaises entre les Caps d'Espichel et Carvoeiro et leurs industries paléolithiques». «A Gruta de Porto Corvo», «Estação Eneolítica do Estoril», «Gruta da Nascente do Rio Almonda», «Nouvelles decouvertes paléolithiques en Algarve», «Estação Pré-Histórica da Junqueira». «Influência Egípcia no Bronze Mediterrâneo» e «Le Dolmen de Casal de Penedo». Entre outras condecorações era agraciado com as Ordens do Mérito Agrícola e Industrial, Ordem de Cristo, Cruz Vermelha de Benemerência, medalha militar de França, Cruz dos Combatentes Voluntários de França, Medalha Interaliada e Medalha da Resistência Polaca.

Maxime Vaultier deixa viuva a sr.ª D. Christiane Magnez Vaultier e era pai das sr.as D. Elisabeth Hélene Mireille Vaultier Parain, casada com o sr. Michel René Parain e D. Anne-Marie Vaultier Mathias, casada com o sr. dr. Marcello Duarte Mathias.

À família enlutada apresentamos as nossas condolências.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

DE ONTEM PARA HOJE

O DOENTE MENTAL E O AVIÃO DO RIO

Um «Boeing» da TAP, procedente do Rio de Janeiro, estava ontem a uma centena de metros da pista de aterragem da Portela quando a torre de comando deu instruções ao piloto para voltar a subir. Emergências destas não são vulgares, muito menos se a causa for um homem (desconhecido) caminhando tranquilamente pela pista. Muito menos ainda se esse homem — caso de Joaquim Silva, 53 anos, um algarvio que não se lembra da terra onde nasceu — for um doente mental. E era mesmo. «Há três dias que não como nem durmo», contou ele. «Vinha por aquela estrada grande e ia para aquela casa...». Regressou ao Hospital Julio de Matos, de onde fugira na segunda-feira.

TRAINEIRA NO FUNDO

Repousa á profundidade de cinco braças uma traineira da praça de Aveiro, a «Zodíaco», com 42 toneladas de arqueação e pertencente aos armadores Sebastião Oliveira Luís de Azevedo Félix, que na madrugada de ontem se afundou ao largo da Tocha quando a tripulação fazia preparos para uma redada de sardinha. Causa do afundamento: um rombo irreparável. Os vinte e cinco homens tentaram desesperadamente calafetar a rotura e por fim o mestre, sr. José João Bravo, lançou um S. O. S. Acudiram duas embarcações da Figueira da Foz, que salvaram os tripulantes e os depositaram em terra.

MORTO PELOS BOIS

Um cantoneiro de 53 anos foi trucidado por uma parelha de bois perto de Gagos, Celorico de Basto, numa estrada em beneficiação. Chamava-se Manuel Vasconcelos (casado, residente no lugar de Muxões) e não deu pela aproximação dos animais, tresmalhados, ao que se pensa, quando o ruído das máquinas a trabalhar os assustou.

BEBER EM TERRA

O subdirector do Aeroporto da Portela, vários chefes de Serviços e representantes das companhias de aviação que ali operam assistiram ontem à inauguração de mais um bar, situado na ala Sul e destinado por agora aos passageiros dos voos domésticos. Mais tarde servirá também para os passageiros dos voos de Africa.

NA ESTRADA

Em S. João do Monte, Caramulo, um ciclista foi mortalmente colhido por um automóvel quando regressava da venda a casa. Ainda o levaram ao Hospital de Águeda; nada a fazer. Era o sr. Fortunato de Almeida, casado, de 59 anos, residente em Assequins. Entre a ponte de Vagos e Parada de Cima, imediações da vila de Mira, outro acidente mortal, desta vez no embate de uma motoreta com uma carroça. O motoretista, António Maciel Dias da Rocha, 20 anos, solteiro, tinha comprado o veículo há dias, depois de regressar da safra das salinas na região de Setúbal.

VIATURA VOLTADA

Uma manobra precipitada do condutor fez voltar uma viatura do Regimento de Cavalaria 8 (Castelo Branco) a cerca de 9 km de Penamacor. No desastre perdeu a vida o aspirante a oficial miliciano Fernando Manuel Lopes, de 24 anos, casado, natural de Mirandela e residente em Agualva, Cacém. Um burro surgido na estrada deu origem ao acidente, que provocou ainda ferimentos graves no condutor (soldado Joaquim da Silva Pereira, 20 anos, natural de Vale de Açor) e escoriações noutros dois militares. O aspirante Fernando Lopes, mobilizado para a Guiné, deixa um filho de três meses.

NUM POÇO

Perturbado pela morte de um irmão, regressou a casa e atirou-se ao poço depois de deixar a bom recato a carteira, o relógio e o boné. Porque se matam os homens? Às vezes por tristezas como esta. O caso passou-se em Regalheiras de Lavos e a descoberta da vítima, sr. José Leonel Maria (50 anos, casado, agricultor), foi obra de um neto.

O «SALTO»

Aguardam julgamento na cadeia de Caminha seis trabalhadores minhotos que foram detidos perto de Salcides, já em território espanhol, pela Guardia Civil. Tencionavam emigrar para França — onde não chegarão tão cedo. As identidades foram tornadas publicas: Adelino da Silva, de 37 anos, casado, trabalhador agrícola, residente na freguesia de Gemeses, do concelho de Esposende; Alberto Fernandes da Costa Lima, de 29, casado, barbeiro, da freguesia de Saramagos, concelho de Vila Nova de Famalicão; Carlos Alberto Gomes Ferreira, de 20, agricultor; Joaquim Fernandes Faria Alves, de 20, solteiro, agricultor; Carlos Alberto Alves de Sá, de 19, solteiro, carpinteiro; e Artur Ferreira Pontes, de 17, operário de serração, todos residentes na freguesia de Barqueiros, concelho de Barcelos. Os dois primeiros tinham falhado em tempos uma tentativa idêntica e estavam agora em liberdade, sob fiança e a esperar a decisão da Justiça.

NO QUARTO

No quarto onde habitava na vila do Entroncamento apareceu morto o sr. José Guilherme Góis Nobre, de 61 anos, casado, natural de Amieira do Campo, Montemor-o-Velho. Era guarda da polícia privativa da C. P. em serviço na estação. Não há suspeita de crime.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Por necessidade de melhorar alguns elementos da rede em serviço, será cortada a corrente no próximo Domingo, nos seguintes locais:

3.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua Gervásio Lobato, Estrada dos Prazeres e imediações. (Das 8 às 12 horas).

4.º Sector — Rua D. João V 19 a 23 e imediações. (Das 8 às 12 horas).

4.º Sector — Av. António Augusto de Aguiar, 148. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras: LINDA-A-VELHA:** Av. Tomás Ribeiro, Cd.ª do Chafariz, Av. Fontes Pereira de Melo (parte), Av. Dr. Oliveira Salazar (parte), Rua Pedro Álvares Cabral (parte). (Das 8 às 15 horas).

2.ª Zona — LICEIA/LEIÃO e B. Auto Construção de Porto Salvo. (Das 8 às 15 horas).

3.ª Zona — **BURACA:** Estrada de Alferragide, Rua Tristão Vaz, Rua Gonçalves Zarco, e parte da Rua Padre Américo. (Das 8 às 15 horas).

4.ª Zona—**Concelho de Sintra:** PAIÕES e A-DOS-FRANCOS. (Das 8 às 15 horas).

5.ª Zona — **Concelho de Cascais:** TALAfDE. (Das 8 às 15 horas).

6.ª Zona — **Concelho de Alenquer:** CARREGADO/ /GUIZANDERIA / CASAIS NOVOS / TELHADA / PROVENÇA e linha A. T. entre Alenquer e Carregado. (Das 7 às 14 horas).

7.ª Zona — **Concelho de V. F. de Xira:** PÓVOA (parte). (Das 7 às 14 horas).

O Conselho Ecuménico das Igrejas começou a rever as suas estruturas

A nova Comissão Central do Conselho Ecuménico das Igrejas, eleita o ano passado, em Upsala, só tinha tido, até agora, uma sessão puramente administrativa e precisamente naquela cidade sueca. A primeira grande sessão, agora realizada em Canterbury (Inglaterra) permitiu que se fizesse uma ideia mais precisa daquilo que podemos esperar dessa comissão.

Por ROGER MEHL

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

Aparentemente, não engloba grande numero de teólogos de primeira plana mas parece decidido a desempenhar o seu papel de órgão deliberativo, com muita consciência e com um sentido de responsabilidade muito vivo. Em todo o caso, manifestou um espírito de grande independência perante todas as propostas que lhe foram submetidas e, muitas vezes, subverteu as recomendações que lhe foram apresentadas pelo executivo. Sem serem «encapeladas», as discussões foram, muitas vezes, apaixonadas.

Como era de esperar, os delegados da Igreja Ortodoxa, conscientes da importância que adquiriram no seio do Conselho, deram provas, pela frequência das suas intervenções (que muitas vezes deram a impressão de obedecer a um severo acordo prévio) da vontade de não consentirem no predomínio de um estilo protestante e ocidental.

● Inflexibilidade dos ortodoxos

Isso ficou bem patente com o acolhimento reservado que fizeram ao relatório do director de Fé e Constituição (órgão teológico do conselho), o pastor Lukas Vischer. Esta excelente exposição, uma das melhores que ao conselho foi dado ouvir, não era, é certo, expressão unânime da comissão Fé e Constituição: tinha um tom muito pessoal. Mas, prolongando as linhas dos trabalhos desta comissão, o dr. Vischer empenhou-se numa análise prospectiva e convidou as igrejas a mudanças radicais, que lhes permitam transformar-se numa verdadeira comunidade, unida na eucaristia, e reunir um verdadeiro concílio com autoridade para falar em nome de todas as Igrejas membros do Conselho. Insistiu no facto de que, ao contrário do que professam as Igrejas católica e ortodoxa, a imutabilidade não é, no plano da fé cristã, o único critério da verdade. Com efeito, o acontecimento sobre que repousa toda a fé cristã, a encarnação de Cristo, não é apenas um acontecimento histórico: é, ao mesmo tempo, um acontecimento escatológico que leva as Igrejas a olharem para o futuro e a caminharem juntas para uma plenitude. É por isso que as formulações doutrinárias e as estruturas institucionais das Igrejas não representam nunca formas definitivas nas quais as Igrejas devam encerrar-se. O que é imutável é o próprio acontecimento.

Muitos prelados ortodoxos reagiram vigorosamente à orientação do relatório do dr. Vischer e sublinharam, por vezes com excessiva insistência, que ele não obrigava o Conselho. Mas devemos anotar um facto muito significativo. Este protesto proveio essencialmente dos ortodoxos que vivem nos países comunistas. Os teólogos ortodoxos do Mundo Ocidental estavam muito mais dispostos a encetar uma discussão com base no relatório apresentado. A inflexibilidade ortodoxa não seria — é uma hipótese que pelo menos nos é lícito formular — expressão sociològicamente bem compreensível, de um integralismo característico de todas as Igrejas que se sabem ameaçadas na sua existência, e que pensam que a possibilidade de sobrevivência que lhes resta funciona, se mantiverem a sua face tradicional? Perante a pressão que sobre elas se exerce, pensam que toda a alteração as poria em perigo e que devem seguir a política do «tudo ou nada».

● Novas igrejas

Bem entendido, esta explicação da inflexibilidade ortodoxa tem um valor apenas parcial. A Igreja Ortodoxa continua intimamente convencida de que só um acordo total sobre as questões de doutrina e de estrutura eclesiástica permitirá a intercomunhão. Ela deseja, de verdade, seguir a via de uma crescente comunhão com todas as Igrejas, mas não se apercebe de que só a eucaristia constitui o fundamento desta comunhão e a promessa do seu progresso.

A questão da participação da Igreja Católica Romana como membro de pleno direito no Conselho Ecuménico (questão que tem sido objecto de numerosos despachos de agências) não esteve no Centro dos trabalhos da comissão Central. Claro que foi evocada e a Comissão Central encorajou o grupo misto (Vaticano Conselho Ecuménico) a continuar o estudo deste delicado problema. O secretário-geral, dr. E. Carson Blake, deu uma interpretação positiva, que muito satisfez os observadores católicos, das afirmações formuladas por Paulo VI em Genebra Mas as coisas não ficaram por aí: a decisão cabe a Roma, e o Conselho Ecuménico, seja qual for a intensidade do seu desejo de reunir toda a Cristandade e de não consentir que se desenvolvam dois ecumenismos paralelos, não fará nada para precipitar tal decisão. Entre as novas Igrejas mais recentemente acolhidas no seu seio, duas há que têm estruturas o mais opostas que é possível ás da Igreja Católica: a Igreja Pentecostista do Brasil (sete milhões e meio de membros) e a Igreja Kibangista do Congo ex-Belga (três milhões de membros), tendo esta última a particula-

(Continua na página seguinte)

CURSO LICEAL
NOCTURNO
C. PREP. 2.º e 3.º CICLOS
EXTERNATO
NUN'ALVARES
Praça João do Rio, 2
T. 722461 (à Alameda)

Nota do dia

VAMOS A VER SE...

POR MUITO GRANDE QUE SEJA o esforço que isso nos custe, por muito que isso contrarie o que seja a nossa maneira de ser de gente do Sul, palradora e assomadiça, que tudo julga poder resolver no meio de uma gritaria e que às vezes mesmo parece convencida de que mais razão tem aquele que mais forte tiver a voz, os homens passeiam nas mesmas ruas, sentam-se à mesma mesa, fazem as suas quotas de trabalho, não têm remédio senão entender-se. Mesmo que não tenha jeito para isso, que a sua maneira de ser os agarre e puxe noutro sentido, os homens têm de se pôr de acordo mesmo quando quiserem aceitar a conclusão de que estão em desacordo.

Esse acordo mínimo é uma espécie de pacto permanente da vida social. Onde quer que ela tenha os seus reflexos o pacto haverá de estar presente. Lembrava João Chagas, corroborando-o, o que Bernardino Machado chamou «a superstição, entre nós tão arreigada que diríamos quase atávica, de que todo o adversário é um hereje, um energúmeno, que merece, com a excomunhão, os maiores doestos, as maiores torturas e todas as penas perpétuas e eternas». É aquilo a que ele próprio chama «a intolerância do carácter português».

Damos João Chagas por nós: «Em todas as nações regidas pelo sistema parlamentar, os partidos chamados avançados, como o partido republicano e o partido socialista, têm o seu lugar, fazem a propaganda das suas ideias ao abrigo da lei comum, disputam os sufrágios da opinião com as mesmas armas de que se servem os seus adversários, finalmente têm assento nos parlamentos, tomam parte nos negócios públicos, intervêm na vida do Estado». Isto foi escrito há perto de setenta anos. Morreu Chagas e morreram todos que ele conhecia e em quem pensava. Mas a terra é a mesma e dos homens, sendo outros, bem se pode dizer que somos os mesmos.

Outro fragmento do mesmo quadro: «Não me quero já referir, por não ser este o lugar próprio para estas discussões, à situação extralegal dos partidos antidinásticos, absolutamente banidos da vida pública. Na política portuguesa, os republicanos, por exemplo, são verdadeiros párias. O Estado não os trata como adversários, trata-os como herejes. Eles não têm entrada no Parlamento, eles não têm lugar na administração pública, mas — o que é pior! — eles não têm lugar nos costumes. A intolerância feroz dos portugueses estabeleceu que, assim como há enfermidades, assim há ideologias contagiosas. A democracia foi isolada como a febre tifóide».

E é ainda de Chagas a conclusão: «A intolerância não está apenas nos costumes políticos. Está numa vasta ordem de ideias. Em regra, discordar é indispor-se. Ter uma opinião é quase sempre ter um inimigo, que corresponde àquele que não a tem. O que é próprio da intolerância é a mudez rancorosa. Discutir é aceitar em princípio a ideia de acordo. A nossa intolerância hereditária não discute: embezerra. Discute? Ah, então é terrível! Não é discussão, não é controvérsia, não é contradita, é cólera. Quando dois homens em Portugal têm duas opiniões diferentes e as debatem, as suas intenções são geralmente homicidas. O tipo de polémica portuguesa é a injúria».

Haverá de ser sempre assim? Apetece dizer que só será enquanto o quisermos. E, deformado que fosse o quadro, a caricatura talvez ganhasse força para nos convencer. Não haverá maneira de tentar? Por convicção. Se quisermos, por comodidade. Sermos capazes de ouvir para meditar e, se possível e quando possível, para responder. Mas sermos capazes de completar o nosso raciocínio com o argumento alheio, a nossa conclusão só a tirarmos quando esgotássemos o quadro da informação do que já soubéssemos com o que nos fosse oferecido. Mas não. Há-de ter cada um de nós a mania de que é o melhor do mundo? Deixemo-nos disso.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

MAQUINISTA MODERNO — Os Caminhos - de - Ferro ingleses fazem experiências com um novo tipo de condução de comboios, largamente dependente da moderna electrónica. Informações constantes chegam à cabina através de dois condutores A. C. (isolados) dispostos nos carris. Objectivo: reduzir a possibilidade de acidentes

Reabertura do C. A. D. C.

No próximo dia 1 de Outubro o Centro Académico de Democracia Cristã (C. A. D. C.), reinicia as actividades das suas várias secções.

O Conselho Ecuménico das Igrejas começou a rever as suas estruturas

(Continuação da pág. anterior)

ridade de não ser totalmente fruto de missões ocidentais e de ser, pois, criação autênticamente africana.

● Apego às instituições

Após vinte anos de existência, o Conselho Ecuménico terá, necessàriamente, de pôr em causa as suas próprias estruturas. Por um lado, de 1948 para cá, já acolheu umas cem Igrejas novas; por outro lado, as suas tarefas no domínio da interajuda, desenvolvimento, educação, missionarismo, vigilância nas questões políticas e sociais tomaram uma amplitude e um carácter técnico tais que ele terá de encontrar instituições mais maleáveis e mais eficazes. A sua assembleia mundial, que reune de 7 em 7 anos, e é o Parlamento, já não está á altura das funções que constitucionalmente lhe incumbem. A revisão das estruturas deu os primeiros passos em Canterbury. O trabalho será demorado e não pode ser precipitado. Desde já se patenteia muito claramente que a maioria, se não a totalidade, das Igrejas entendem que hão-de manter um princípio fundamental: o Conselho é um conjunto de Igrejas, só os delegados mandatados por elas têm voto e só as Igrejas têm autoridade para escolher os seus delegados, como bem entenderem. Seria mesmo difícil as Igrejas aceitarem recomendações do Conselho, no sentido, por exemplo, de preverem uma certa percentagem de leigos, mulheres e jovens, nas suas delegações. Este facto tem, inegàvelmente, um significado positivo: testemunha o valor eclesiástico que as diversas Igrejas atribuem ao Conselho. Deixaram de o olhar como uma simples federação.

Mas, ao mesmo tempo, este apego ás instituições e ás hierarquias estabelecidas comporta um risco: não temos a certeza de que as direcções de Igrejas consintam em incluir nas suas delegações homens «de ponta», ou homens que, na periferia da Igreja, se entregam a uma contestação, sem dúvida excessiva, mas útil. Na verdade, em todas as Igrejas, sob diferentes designações (Igreja clandestina, Igreja do silêncio, Igreja das fronteiras) se constituem grupos que, á sua maneira, participam na renovação do pensamento cristão e na presença cristã no mundo. Cumpre escutá-los e não deixá-los ir á deriva. Cada vez mais frequentemente eles irão transgredir as interdições eclesiásticas (pensamos em especial nas intercomunhões não autorizadas, nas eucaristias «selvagens»). Mas estas transgressões podem assumir um significado profético. É lamentável que a carta dirigida às Igrejas pelo Comité Central, chamando-lhes a atenção para os problemas mais urgentes, não tenha mencionado explicitamente o diálogo necessário com estes grupos nem esta segunda dimensão do ecumenismo.

● Contra o racismo

As recomendações da assembleia de Upsala foram tomadas mesmo a sério pelo Comité Central, que adoptou um número impressionante de resoluções e que tomou numerosas decisões, das quais se destacam: o auxílio aos países em vias de desenvolvimento, os projectos e experiências-piloto a manter financeiramente, a sensibilização dos fiéis perante os problemas do desenvolvimento, os critérios a observar na escolha das urgências. Um dos debates mais laboriosos, mas que, em certos momentos, atingiu verdadeira grandeza, foi o relativo a um programa ecuménico de luta contra o racismo. Sabe-se que as Igrejas da América do Norte foram encostadas á parede pelos negros. Como responder a este desafio? A Comissão Central respondeu com um plano de estudo, de educação e de acção que comportará o estabelecimento de um fundo financeiro, destinado a ajudar as vítimas do racismo e as organizações que as enquadram. A Comissão Central retirou das reservas, muito modestas, do Conselho Ecuménico, uma soma importante para alimentar este fundo, e as Igrejas foram convidadas a fazer uma análise escrupulosa dos seus recursos e a operar uma redistribuição imediata dos seus excedentes financeiros. O Conselho Ecuménico não pretende, como é óbvio, tentar uma reparação impossível dos erros cometidos pela violência racista. Pretende apenas recordar que o Evangelho proíbe separar o dizer do fazer, a palavra da acção.

A Comissão Central esforçou-se, na verdade, por lembrar que, através da variedade dos empreendimentos ecuménicos (de que só evocámos uma pequena parte), de carácter, muitas vezes, social e político, um único objectivo se tem em vista: o da manifestação visível da unidade da Igreja, de uma Igreja inteiramente votada ao louvor de Deus e ao serviço dos homens.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS DA GUINÉ

BISSAU, 26. — (A. N. I. e L.) — Foi distribuído o boletim informativo das Forças Armadas na Guiné, relativo ao período de 14 a 21 deste mês, cujo texto é o seguinte:

«Durante o período, o inimigo flagelou as povoações de Cussama, Gancolim, Catió Fula e os aquartelamentos de Cameconde, Nova Sintra, Cabedu, Quirafo, Finete, Chamarra, Nhala, Mapatá e Buba; implantou engenhos explosivos nas regiões de Madina Xaquili, rio Jago (Mansamboa), Cuntima e Grasene (Fulacunda); emboscou as nossas tropas nas regiões de Pelundo, Quere (Bissorã) e no itinerário Mansoa-Mansombá.

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu: na região de Mansodé (Oio), 1 morto e apreensão de armamento: na região de Queré (Bissorã), três mortos, apreensão de armamento e material diverso; na região de Jolmete, três mortos e apreensão de armamento; na região de Fulacunda, um capturado, apreensão de armamento e documentos.

No conjunto das acções levadas a efeito foram recuperados 87 elementos da população.

Durante o período, o inimigo sofreu sete mortos e um capturado.

As nossas forças não sofreram quaisquer baixas em combate».

Hoteleiros num encontro no Estoril

Inicia-se na segunda-feira, no Pavilhão de Congressos, no Estoril, o 1.º Curso Luso-Espanhol sobre economia, administração e contabilidade de empresas turísticas e hoteleiras para dirigentes e técnicos.

«A MAÇÃ», DE GELBER HOJE NO LAURA ALVES

Sensacionalmente, Vasco Morgado resolveu trazer a Lisboa o Teatro Experimental de Cascais, que Carlos Avilez vem dirigindo desde há anos, com o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol. E dizemos sensacionalmente, porque bem o merece a iniciativa de proporcionar ao publico lisboeta a exibição de «A Maçã», de Jack Gelber, um teatro vivo, que toca o espectador directamente, na sua própria vida. Estes requisitos, oferece-os a peça de Jack Gelber, em que há de tudo: um negro que ameaça a plateia logo de início: «Vão assistir e possìvelmente tomar parte em cenas de destruição. Não estou a brincar, não... Vamos comer o cenário, a plateia...»; um epiléptico que é insultado por um bêbado, um boneco operado em plena selva, e uma mensagem proclamada pelo mesmo actor que antes ameaçou: «Alguma coisa morre e nasce todos os dias. O que é preciso é querer. Querer com muita força. Pouco importa se se quer uma refeição ou roubar».

Logo á noite, no «Laura Alves», o Teatro Experimental inicia esta curta série de 10 representações em Lisboa. E a plateia daquele teatro não esquecerá fàcilmente o espectáculo que Avilez soube encenar com inteligência e que Vítor Ribeiro, João Vasco, Zita Duarte, António Marques, Augusto Leal, Céu Guerra e Santos Manuel interpretam com vivacidade apreciável.

Vasconcelos Viana e João Vasco numa cena de «A Maçã»

Aceitam-se representações para trabalhar o Norte do País, resposta a:
ALBERTO SILVA DE SOUSA
Centro Residencial Conde de Riba de Ave, 112
RIBA DE AVE

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO POLITEAMA

TÍTULO — «Comissário, X, Três Panteras Azuis»

REALIZAÇÃO — Frank Kramer

INTÉRPRETES — Tony Kendall, Brad Harris e Erika Blanc

Da série «Comissário X», exibe agora o Politeama mais um filme de aventuras de tipo policial, com os elementos habituais: a violência, o **suspense** estereotipado, o amor, a movimentação, a luta. «Três Panteras Azuis», filme colorido de Frank Kramer, e interpretado por Tony Kendall, Brad Harris e Erika Blanc, não possui nenhumas características que o distingam do nível médio deste tipo de produção comercial. E é tudo.

C

AS ESTREIAS DE HOJE

No São Luiz e Alvalade

Título em português — «Os indiferentes»
Título original — «Gilindifereti»
Produção — americana
Realização — Francesco Maselli
Intérpretes — Claudia Cardinale, Rod Steiger, Shelley Winters e Paulette Goddard
Género — romance
Distribuição — Filmitalia
Processo — normal a preto e branco
Classificação — adultos

MAG BODARD APRESENTA
CLAUDE RICH
OLGA GEORGES-PICOT

Um filme de ALAIN RESNAIS
Com ANOUK FERJAC
ARGUMENTO JACQUES STERNBERG
20th Century-Fox
EASTMANCOLOR
MAIORES DE 17 ANOS
2ª UMA OBRA DE GÉNIO DO MAIS CONSAGRADO CINEASTA MODERNO
2.ª SEMANA
estúdio 444

SIMY

Participa aos seus amigos e clientes que o seu restaurante a «**BAIUCA**», amanhã sábado está reservado ao jantar de despedida do sr. arquitecto **Carlos Lameiro.**
R. da Barroca, 86 — Tel. 34700 — LISBOA

O TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

NOVAMENTE em LISBOA
A CONVITE de
VASCO MORGADO
e com o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol apresentam
«A MAÇÃ»
COM INTERPRETAÇÃO de
VÍTOR RIBEIRO ● JOÃO VASCO
ZITA DUARTE ● ANTÓNIO MARQUES ● AUGUSTO LEAL ● CÉU GUERRA ● SANTOS MANUEL
NUMA ENCENAÇÃO de
CARLOS AVILEZ

HOJE em ESTREIA
ÀS 21.45 HORAS no
TEATRO LAURA ALVES
Telef. 86 47 56 (ADULTOS)
10 ÚNICOS DIAS
AMANHÃ ÀS 16 H. TARDE PARA ESTUDANTES 50% DE DESCONTO
DOMINGO, A TARDE, ÀS 16 H.

CENÁRIO DE
ESPIGA PINTO
TRADUÇÃO DE
MÁRIO DELGADO
SUBSÍDIOS DE
FUNDO DE TEATO e FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Um êxito clamoroso!
15.ª SEMANA DE ENCHENTES
A revista dos PARODIANTES DE LISBOA
com CAMILO, FLORBELA, com as atracções PAULA RIBAS, RUI DE MASCARENHAS
— um espectáculo de VASCO MORGADO
em TERCEIRO MÊS de lotações esgotadas na sala fresquinha do
MONUMENTAL

HOJE em DUAS SESSÕES 20.45 e 23 horas (ADULTOS)
DOMINGO, A TARDE, ÀS 16 H.

O PÚBLICO RI PERDIDAMENTE
VARIEDADES
11.ª semana
VASCO MORGADO apresenta
OS DIREITOS DA MULHER
HOJE, À NOITE, ÀS 21.45
(Adultos)
2 HORAS A RIR
com
UM CASO MUITO SÉRIO
A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM
TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE
com HENRIQUE SANTANA ● IRENE ISIDRO ● COSTINHA
LIA GAMA ● MARIA HELENA ● LUÍSA DURÃO ● DAVID SILVA ● HELENA ISABEL ● BENJAMIM FALCÃO

VASCO MORGADO apresenta
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa
HOJE
● 2 SESSÕES ●
Às 21 e às 23 horas
(ADULTOS)
RAUL SOLNADO
UMA PEÇA DE MURRAY SCHISGALL
DIRIGIDA POR PAULO RENATO
Amor às riscas
UMA PEÇA DE «SUSPENSE CÓMICO»

SÃO LUIZ · ALVALADE

ÀS 21,30 **ESTREIA** ÀS 21,45

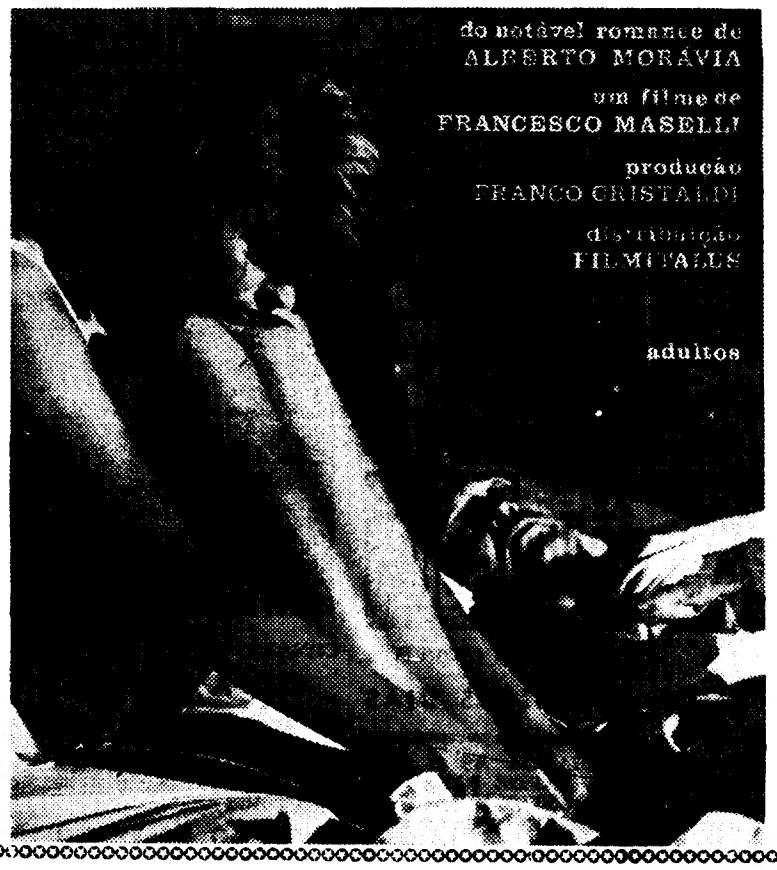
CLAUDIA CARDINALE e ROD STEIGER

SHELLEY WINTERS · TOMAS MILIAN · PAULETTE GODDARD

em

OS INDIFERENTES

(GLI INDIFFERENTI)



UM FILME PASSADO NO AMBIENTE SOFISTICADO DE ROMA... UMA CRÍTICA VIOLENTA A COSTUMES E MEIOS POUCO CONFESSÁVEIS

Versão do romance em língua Portuguesa, editada pela LIVROS DO BRASIL, LDA., na colecção Dois Mundos. À venda em todas as livrarias

Na próxima semana «Esperteza Saloia» no Maria Vitória

É assinada por Anibal Nazaré, Salvador e José Viana e tem musica dos maestros João Nobre e Carlos Dias, a nova revista «Esperteza Saloia», que os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam, no Maria Vitória, já na próxima semana.

Na linha dos ultimos grandes êxitos obtidos, nas ultimas épocas, naquele popular bairro do Parque Mayer, «Esperteza Saloia» é uma revista moderna e posta em cena com invulgar bom gosto, mas recheada dos numeros, quadros de comédia e comentários de flagrante oportunidade que fazem o êxito de uma boa revista «á portuguesa».

Salvador, José Viana, Mariema, Barroso Lopes e Dora Leal estão na base de uma Companhia criteriosamente organizada, que conta ainda, com Victor Mendes, Mariano Franco, Dina Maria, Cristina Cassola e as jovens actrizes Maria Antónia, Rosa Maria, Elisabeth Lobo e Lia Sena, além das atracções Helena Tavares e o famoso «duo» filipino «The Melodies» e de um grande e escultural «Ballet» internacional.

A montagem é dirigida por Hernani e Rui Martins, e os figurinos, de Juan Santullo, são realizados nos Atelieres Paiva, sob a direcção da mestra Josefina Soares.

É natural a curiosidade do público por este espectáculo, já pela categoria do elenco, já pelo geral conhecimento do publico do que valem, em graça, critica, beleza de montagem e interpretação excepcional as revistas escritas e realizadas pela equipa que está realizando a nova revista «Esperteza Saloia».

O DISCO VEM AÍ

Wanderley Cardoso para a «Copacabana»: «O bom rapaz» e «Que bobo eu sou» (dois trechos de Geraldo Nunes), «Puro como aquela flor» e «Minhas lágrimas».

*

Raphael em gravações «*Hispavox*»: «*Eres tu*», «*Se fue mi corazón*», «*Yo*», «*Riders in the sky*», «*Digan lo que digan*», «*Cierro mis ojos*», «*Hoy mejor que mañana*» e «*Mi gran noche*». *Distribuição «Rádio Triunfo».*

*

Acompanhado pela orquestra de Manuel Viegas, o popular cançonetista *António Calvário* gravou a sua interpretação de «Chorona» e «Di-

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

SAMANTHA LEE

VEDETA INGLESA DA CANÇÃO

THE PERRARDS

ORIGINAIS FANTASISTAS

MARIA DA FÉ

FANTASTICA

BALLET

PRODUÇÃO DE CRIS VARLAMOS

COM MARIA DE PETRILLO, BUDD THOMPSON, HONEY, SERENA WILSON

Eduardo Nascimento e «Os Rock's»

JIRINA'S COMBO

FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos · no wonder bar à 1.00h m/21anos

STORMY SUMMERS

SÓ NO WONDER BAR

NO CINEMA, às 17 e às 21.30 horas

NÃO AMES UM DESCONHECIDO

(M. 17 anos)

O SALÃO RESTAURANTE ESTÁ RESERVADO HOJE PARA A REALIZAÇÃO DA CENA DE CLAUSURA DE LA VII CONVENCION COLOWALL, PELO QUE OS CLIENTES HABITUAIS SERÃO SERVIDOS NO WONDER-BAR, ONDE O «SHOW» COMEÇA ÀS 23 e 30 HORAS.

COLISEU

HOJE ÀS 21,30 — (MAIORES DE 6 ANOS)

SENSACIONAL INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA DE CIRCO

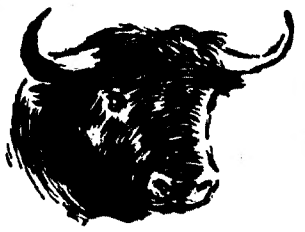
ESTREIA

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL

AS MAIORES ATRACÇÕES DA ACTUALIDADE ● NUMEROS DE SENSAÇÃO

AMANHÃ — À TARDE, entrada gratuita ás crianças até 10 anos
À NOITE podem assistir crianças a partir dos 6 anos

(MAIORES 6 ANOS)



CORUCHE

— FEIRA DE S. MIGUEL — DOMINGO, 28, às cinco da tarde

UM GRANDE CARTEL PARA TOIROS GRANDES

David R. Telles
Gustav Zenkl
Fernando Salgueiro
Sommer de Andrade

e a discutida cavaleira

EDITH EVANS

que faz a sua apresentação nesta Praça

2 Grupos de Forcados em competência: **AMADORES DO RIBATEJO**, chefiado por Parente de Almeida; e **AMADORES DE VILA FRANCA DE XIRA**, comandado por Miguel Palha

6 PODEROSOS TOUROS, da ganadaria de D. Maria M. Andrade Salgueiro (4), e Irmãos Moura de Monforte (2)

CASA DA COMÉDIA

Rua S. Francisco de Borja, 22 (às Janelas Verdes)

Todos os dias até 5 de Outubro, pelas 22 horas, Sábados, á tarde, 16 horas

«FANDO E LIS»
de Arabal

Direcção de NORBERTO BARROCA

Maiores de 17 anos. Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro

Marcações — Tel. 67 72 99 depois das 18.30 horas

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA

Em Rádios Transistorizados Estereofónicos

R. Rodrigues do Fonseca, 31, 1.º Telef. 46434 — LISBOA

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

● FALTAM APENAS CINCO DIAS ●

PARA SE ENCERRAR A FEIRA DE 1969

PORTANTO, MAIS DO QUE NUNCA, DEVE APROVEITAR TODAS AS DELÍCIAS QUE LHE SÃO OFERECIDAS

HOJE — NOITE CROLIS — HOJE

A MARCA QUE EM TODO O MUNDO É SÍMBOLO DE QUALIDADE

1.º PRÉMIO — UMA MÁQUINA DE LAVAR ROUPA «CROLIS»
2.º » — UM SECADOR «CROLIS»
3.º » — UM CONVECTOR «CROLIS»
4.º » — UM CONVECTOR «CROLIS»

ABERTURA ÀS 19 HORAS

HABILITE-SE AO SORTEIO MENSAL DE 5 MOTORIZADAS CASAL
OFERTA DA METALURGIA CASAL, DE AVEIRO

Eleições na Alemanha Federal 2

A SOMBRA DE UM PASSADO QUE NÃO DEVE VOLTAR

Por RAUL REGO

Deixamos Bonn e as conferências de Imprensa amplas, com gente dos quatro cantos do Mundo, convidada pelo Governo Federal para assistir á aferição dos actos do mesmo Governo pelo comum dos cidadãos, para seguirmos a campanha eleitoral nos seus ultimos dias em diversas cidades da província. Cento e dez jornalistas, desde os vizinhos franceses aos brasileiros, mexicanos, indianos e malaios, se interessaram pelas eleições alemãs. E na grande sala do Parlamento de Bonn, nem sempre foram ingénuas as perguntas; e as respostas foram em geral precisas. Por vezes, é claro, ladeavam o osso da pergunta, enterrando a faca á margem e sangrando-se em saude. Mas nem a tudo se pode responder, evidentemente...

A impressão clara que esta gente politica alemã, ou a gente da informação, que politica é também, nos deixa ao fim de umas horas de contacto, é de desejarem vivamente dar um salto na sua história. Gostariam de pular a pés juntos e sem ninguém ver, nem eles proprios saberem, aquele periodo terrivel da ascensão e poderio nazi. Pesadelo para a humanidade foi-o, sem dúvida, mais ainda para o povo levado à loucura da morte e cujas qualidades extraordinárias não precisam das armas para se impor.

Nas eleições da Alemanha Federal as mulheres vão ser mais uma vez, o fiel da balança. Eis porque, na gravura, vemos o chefe do partido Liberal Democrata, Walter Scheel, durante uma visita ao Coro Feminino de Dusseldorf, quando aproveitou momentos de descanso para beber uns golos de aguardente por estes originais cálices, na companhia de uma beldade pertencente ao agrupamento

«Desculpem esta palavra!»

Eleições em 1969, a vinte anos de constituída a República Federal, com propaganda pelas ruas e discursos em recintos grandes, com emissões de televisão e rádio. natural seria que o regime desaparecido ainda não há um quarto de século viesse à baila uma vez e outra. Pois não vem. Em todos os cartazes só duas alusões vimos até agora a esse regime. Foi a primeira, num cartaz sobreposto a outros do Partido Nacional Democrata de Adolfo von Thieden. Nele aparece uma caricatura com a mecha de cabelos e o bigode do Hitler, dois traços em cruz sobre a figura e por baixo, em letras discretas: «De Adolfo bastou-nos um!».

Outra alusão ainda mais discreta, e mais espontânea também, vimo-la esta manhã, à saída da estação de Mogúncia. Cartazes de todos os partidos, com os retratos dos chefes. Pois em todos os retratos de von Thieden um espontâneo pusera a lápis um bigodinho de Hitler. Para o tornar odioso basta isso, pensou com certeza o reactivo eleitor.

Os alemães evitam falar dos acontecimentos, dos homens e dos momentos por que passaram. E contudo, quantas serão as famílias alemãs que não têm uma chaga aberta, um lugar vazio? Mas não abrem a boca, como se o silêncio fosse a cura. E, em parte, talvez seja.

Só quando o estranho entra afoitamente no tema é que expendem sua opinião e ainda então o não fazem, com grande euforia. Apenas o indispensável. Estivemos instalados, em Bad Godesberg, no hotel onde Hitler conferenciou com Chamberlain após a ocupação da Austria, ou da Checoslováquia, mas só o soubemos porque um camarada francês no-lo disse. Até em certas exposições, falam-nos da época imperial, da República de Weimar, e depois da República Federal. A que terriveis abismos levam os super-homens as nações que enlaçaram!

O receio de pôr as mãos na época de fogo, vai até ao cheiro das palavras. E não deixemos de acentuar que um dos homens encarregados de expôr aos jornalistas estrangeiros a posição politica dos diversos partidos. em dada altura, referindo-se aos seus dirigentes, empregou a palavra «fuherer»; e logo: — «Desculpem-me utilizar esta palavra!»

Não era a palavra que os alemães quereriam arrancar do seu vocabulário, era o homem que lhes prometeu a glória e a prosperidade e os atirou para o abismo que eles desejariam arrancar da sua história

O receio é mais do estrangeiro?

Na sua segurança económica presente, os alemães não deixam de concentrar sobre si os olhares de todo o mundo, não vá surgir novo foco infeccioso interno podendo pegar a malina aos outros povos. Verdade seja que alguns ainda dela se não libertaram e outros têm feito experiências várias. O interesse com que estas eleições são seguidas em toda a parte tem uma das suas fontes no diagnosticar o mal à nascença. E os votos do eleitorado serão elementos básicos de diagnóstico, sem a minima dúvida.

A posição do Partido Nacional Democrata (NPD) foi objecto de perguntas a todos os politicos alemães que têm aparecido. E a primeira que ouvimos dirigir aos organizadores da viagem dos jornalistas estrangeiros foi até esta: — Porque nos arranjaram conferências com os representantes dos três grandes partidos, e no-las não arranjaram com os nacionais-democratas, por exemplo?

— Simplesmente porque fomos ao mais importante. Mas o programa não é obrigatório e pode ver quem quiser e assistir aos comicios que quiser.

Um belo friso de moças bávaras colabora na campanha eleitoral do partido C. S. U. do seu estado, envergando trajos de sugestão regional da Baviera

Esse partido apresenta-se às eleições, na esperança de obter os 5 por cento de votos de todo o eleitorado alemão. Com eles teria assento no Parlamento. sem eles não pode ser reconhecido como partido parlamentar.

São esses hipotéticos 5 por cento de votos para o NPD que constituem a grande incógnita e o grande receio. Obtidos esses votos e representado no Parlamento. poderia ainda o Supremo Tribunal Constitucional declará-lo ilegal. por não acatar ele a forma democrática de Governo; mas as proibições são sempre odiosas. E, muitas vezes, também é com proibições que se faz a propaganda mais eficiente das ideias e dos homens.

Todos os outros partidos se recusam a tratar com o NPD, com medo que a doença se pegue. E mais ainda com medo das reacções dos eleitores. Mas ainda que os 5 por cento votem nele, será essa percentagem realmente significativa?

Os alemães mostram-se, sem dúvida confiantes; mas as perguntas chovem de todos os lados. Isso levava um liberal a dizer esta manhã, na sala do Congresso do seu partido, depois da sessão, realizada naquele grande palácio do Eleitor Palatino, em Mogúncia, que o medo da revivência da praga nazi é maior no estrangeiro do que dentro da própria Alemanha Sem duvida mas é que o seguro morreu de velho; e quem nos dera a nós ver-nos livres do totalitarismo e para sempre!

Chefe de Informática

PARA CENTRO DE PROCESSAMENTO DE DADOS E SISTEMAS DE EMPRESA INTERNACIONAL QUE PROCURA CANDIDATOS COM 1) BOA FORMAÇÃO DE BASE E 2) DOMÍNIO DE PROGRAMAÇÃO RPG E ASSEMBLER.

GARANTIA DE RIGOROSO SIGILO NO TRATAMENTO DAS RESPOSTAS.

ENVIE CURRICULUM COM DETALHE NOS PONTOS 1) E 2) ORDENADO PRETENDIDO E OUTRAS INFORMAÇÕES. RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 348.

FALE LÍNGUAS

CENTRO AUDIO-VISUAL DE LÍNGUAS

Praça Luís de Camões, 36, 3.º
Lisboa - Chiado — Tel. 34988

EXTERNATO INFANTIL E PRIMÁRIO

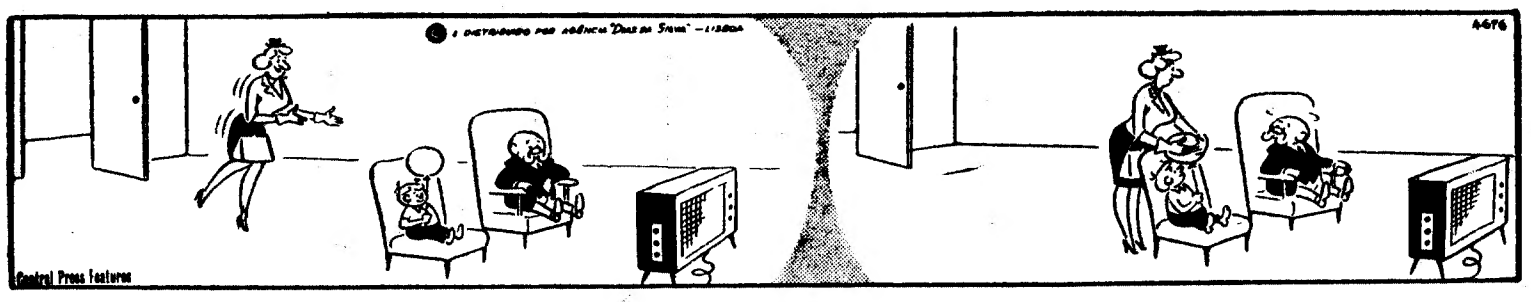
A ÁRVORE

Tr. do Oleiro, 11 (a S. Bento)
LISBOA
ABERTO DAS 8.30 ÀS 19.30 H.
Preços normais, que incluem:
Actividades artísticas ● Matemática moderna ● Iniciação às Ciências e á Musica ● Meios audiovisuais ● Inglês diário ● Ginástica e jogos no jardim
Telef. 69 05 86, das 15 ás 19.30 h.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

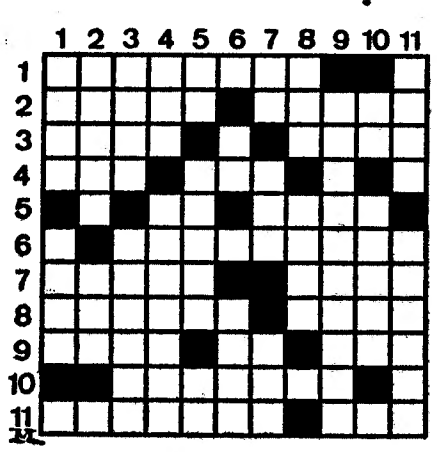
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5310

HORIZONTAIS: 1 — Aproximais. 2 — Pequeno mamífero carnívoro, que os caçadores empregam para fazer sair os coelhos das tocas. Demasiado. 3 — Andando. Costumar. 4 — Amarre. Possui. 5 — Preposição e artigo. Impugnou. 6 — Destróis. 7 — Pessoas. Chão. 8 — Mergulhada. Relva. 9 — Cure. Nota de música. Ilha inglesa no mar da Irlanda. 10 — Voltarei. 11 — Desmontasse. Reze.

VERTICAIS: 1 — Aguça. Actuais. 2 — Unida. Ave pernalta. 3 — Tece. Irrite. 4 — Nega. Constelação zodiacal mais conhecida pelo nome de Virgem. 5 — Porco. Encontres. Réis (abrev.). 6 — No caso de. Fileiros. 7 — Prefixo de negação. Motorizado (abrev.). Unidade das medidas agrárias. 8 — Coragem! Calque. 9 — Composto resultante da acção do iodo sobre o álcool, usado como anti-séptico. 10 — A ti. Livra. 11 — Querido. Que soa.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5309

HORIZONTAIS: 1 — Teor. Bafo. 2 — Belo. Ir. 3 — Ido. Em. Arre. 4 — Néscios. Em. 5 — Te. Ri. Lês. 6 — AMIGO. Cruze. 7 — Selara. Azar. 8 — DE. Tosse. 9 — Nimboso. Nos. 10 — Aã. Tam. 11 — Omitem. MESA.

VERTICAIS: 1 — Trincas. NÃO. 2 — É. DE. Mediam. 3 — Apostilem. 4 — Cego. 5 — Bei. Ortose. 6 — Temor. Aos. 7 — Sic. Sós. 8 — Boa. Rás. 9 — Reluzente. 10 — FIRMEZA. Aos. 11 — Ore. Seresma.

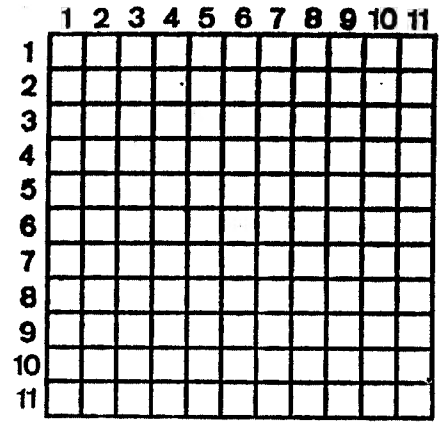
(Provérbio: AMIGO DE MESA NÃO É DE FIRMEZA).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9153

HORIZONTAIS: 1—Acatos. Formara os abos a. 2 — Afio. Cousa muito molhado. 3 — Compreenderam. Encaracola. 4 — Fundador do islamismo. Curar. 5 — Arquipélago da Malásia. Irmã da mãe. 6 — Harmonizaras. 7 — Dar o alerta, o alarme, avisar do perigo. 8 — Estrépito de desmoronamento. Estimais. Rio de Itália. 9 — Tolera. Cobertura para a cabeça e ordinàriamente presa á capa ou hábito. 10 — Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. Fio de latão. 11 — Freguesia do concelho de Guimarães. Emendar.

VERTICAIS: 1 — Serenidade. Nome de várias gramíneas. 2 — Desmontara. Joeirar. 3 — Vila e sede de concelho (Viseu). Boi selvagem. 4 — Lavram. Prenderas com elos. 5 — Junte. Tem fim. 6 — Negra. 7 — Membros de aves. Espertos. 8 — Cidade da Alemanha. Nivelara. 9 — Tornar mais estreito. Igual. 10 — Amofinais. Leão da América. 11 — Guarnecera de asas. Suportar.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9152

HORIZONTAIS: 1 — Minho. Adiam. 2 — Atoas. Despi. 3 — Garbo. Assim. 4 — Alai. Bota. 5 — Ló. Tisno. Ad. 6 — Cás. Ota. 7 — Revoltada. 8 — Pedal. Arubá. 9 — Ame. Aer. Bar. 10 — Tirar. Irada. 11 — Ara. Avô. Res.

VERTICAIS: 1 — Magala. Pata. 2 — Italo. Remir. 3 — Nora. Cedera. 4 — Habitava. 5 — Oso. Isolara. 6 — Os. 7 — Ado. Notório. 8 — Desbotar. 9 — Isso. Adubar. 10 — Apita. Abade. 11 — Mimada. Aras.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 26 de Setembro de 1939 publicava:

«LONDRES, 26 — De Copenhague anunciam ao «News Chronicle»: «Espera-se que Hitler convocará o Reichstag, dentro de alguns dias, para expor publicamente ao mundo as suas condições de paz. Se tais condições não forem aceites, a guerra assumirá aspecto muito mais violento. Crê-se também que Hitler insistirá na manutenção da ocupação germano-russa na Polónia, mas que poderia oferecer certas medidas de desarmamento e abandonaria as reivindicações coloniais do Reich».

BOLSA DE ESTUDO para um estudande português no Japão

O Ministério da Educação do Governo do Japão (Mombusho) concederá uma bolsa de estudo a um estudante português para o seu estudo no curso de pós-graduado das universidades japonesas, para os anos académicos de 1970-71.

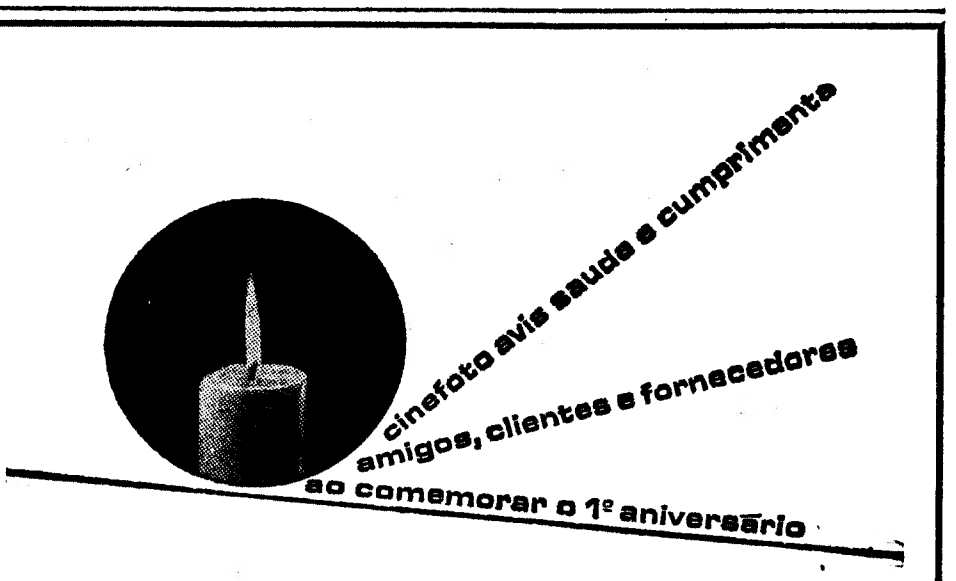
Os candidatos devem ser menores de 35 anos e ter diploma universitário ou serem diplomados neste ano.

O período de estudo é dividido em um ano de estudo da língua japonesa e um ano de estudo especializado.

Os interessados deverão dirigir-se directamente á Embaixada do Japão em Portugal, (Avenida Engenheiro Duarte Pacheco, 1-2.º andar, Lisboa), para a informação e a obtenção do formulário da inscrição.

Os interessados deverão apresentar o formulário da inscrição, devidamente preenchido e acompanhado de documentação requerida á Embaixada do Japão, até 15 de Outubro de 1969 impreterìvelmente.

A selecção de candidatos será feita pela Embaixada do Japão com a colaboração do Instituto de Alta Cultura de Portugal.



morrison

O PNEU DA EUROPA

para as estradas de Portugal

FAPOBOL CONTINENTAL

Fapobol-Continental

P.I.

UMA CASA NO MEDITERRÂNEO — Viver debaixo de água é a experiência que um grupo de jovens cientistas e engenheiros ingleses está a tentar no Mediterrâneo, ao largo de Malta. Pequenas campânulas pneumáticas de 3×2×2 m, com um dispositivo absorsor de anidrido carbónico e fornecedor de oxigénio, substituem agora os complexos (e caros) habitáculos utilizados em operações anteriores

Actualidade internacional

O discurso de Nixon na O. N. U. deve entender-se como uma resposta às declarações de Xuan Thuy, em Paris

WASHINGTON — Nixon utilizou o «forum» público mais banhado de luz do mundo — a O. N. U. — para tentar converter certas observações feitas na recepção de Paris em conversações secretas para pôr termo á guerra do Vietnam.

Por MURREY MARDER

(Exclusivo «The Washington Post»-«Diário de Lisboa»)

Os observadores dos EUA estavam confusos, mas dispostos a grande cepticismo, quanto ao significado das observações que o chefe da delegação de Hanói, Xuan Thuy, pronunciou a 2 de Setembro, ás quais o presidente Nixon respondeu no dia 18.

Ao escolher esse local para responder, Nixon terá tido dois objectivos em mente:

1.º — Tentar convencer os que criticam a política americana de que os E. U. A. estão a fazer todo o possível para dar início a sérias negociações e de que é tempo de as críticas «recaírem» no Vietnam do Norte.

2.º — Indicar aos dirigentes de Hanói que sucederam ao falecido presidente Ho Chi Minh, que os E. U. A. estão dispostos a negociar dentro de um prazo de tempo determinado, para a retirada total das tropas americanas.

Enquanto o presidente Nixon não deu este relevo inesperado ás palavras de Xuan Thuy (proferidas precisamente na véspera da morte de Ho) a ideia que prevalecia nos especialistas americanos era a de que essas palavras deviam ser entendidas mais como propaganda que como expressão de uma genuina vontade de negociar.

No entanto, certas fontes próximas da delegação norte-vietnamiana em Paris insistiram em afirmar que os comentários de Thuy foram «estudados muito cuidadosamente» e foram ditos com toda a seriedade.

O embaixador Xuan Thuy disse o seguinte: «Primeiro os americanos devem reconhecer o princípio do seu dever de retirar. Depois, se Nixon continuar a retirar tropas ràpidamente e em número considerável, tomaremos este facto em linha de conta».

«A retirada de 25 000 ou mesmo de 50 000 homens representa uma retirada «a conta-gotas». Se as coisas assim continuam, não podemos ajuizar da situação.»

Contudo, não repetiram (e alguns observadores repararam nisso com muito interesse) a exigência comunista, já familiar, de uma retirada «total e imediata» de todas as tropas americanas. Daí a dois dias, Thuy saiu de Paris para ir aos funerais de Ho e ainda não regressou de Hanói.

Fontes bem informadas disseram, no dia 18, que a resposta de Nixon era a primeira tentativa directa americana de determinar se as observações de Thuy continham hipóteses de negociações sérias.

O presidente, quando, no dia 18, pôs em relevo o facto de os E. U. A. estarem a «preparar a retirada de todas as nossas forças», não acrescentou deliberadamente, como alguns dos conselheiros lhe sugeriram, o paralelo apelo habitual de retirada das forças norte-vietnamianas. O Vietnam do Norte raramente tem admitido que tem forças no Sul.

A omissão do presidente Nixon obedecia, evidentemente, ao desejo de dar a Hanói uma prova de flexibilidade verbal, o que estaria de acordo com a afirmação do presidente, em 14 de Maio, segundo a qual os E. U. A. já não estão interessados em mais «debates» sobre as forças do Norte estacionadas no Sul, desde que retirem, com «crivel certeza de que não voltarão».

Se as palavras de Xuan Thuy, ditas no dia 2 de Setembro, eram uma sugestão séria de negociações, implicariam que seria possível uma solução indirecta do problema, com base numa retirada mútua de tropas; o Vietnam estaria, agora, a manobrar semelhantemente ao que fez a respeito da suspensão dos bombardeamentos americanos em Novembro.

Hanói insistiu em que a suspensão dos bombardeamentos fosse «incondicional»: os E. U. A. insistiram em que havia um «entendimento» que levou às presentes conversações de paz em Paris. Agora, de modo semelhante, Hanói apela para a retirada «incondicional» das tropas americanas.

Certos observadores americanos insistem em que os E. U. A. ficaram com a pior parte no «negócio» da suspensão dos bombardeamentos quando o Vietnam do Norte violou o «entendimento» de evitar o ataque das cidades principais do Sul e de não violar a zona desmilitarizada.

Contudo, o presidente Nixon, provàvelmente por uma combinação de «public relations» e razões diplomáticas, escolheu o dia 18 para dar provas da flexibilidade americana. Além de responder a Xuan Thuy, Nixon fez uma nova abertura de auxílio pós-guerra ao Norte e ao Sul do Vietnam, de acordo com o discurso do ex-presidente Johnson, em 1965, na Universidade Hopkins.

Contudo, nem nas suas observações sobre as retiradas das tropas norte-americanas, o presidente não forneceu quaisquer novos elementos específicos para a política americana.

Advertência do Governo argentino

BUENOS AIRES, 26 — (F. P.) — O Governo argentino decidiu reprimir com energia, se necessário utilizando armas de fogo, qualquer tentativa de alteração da ordem pública que possa dar-se durante a greve geral de 36 horas decidida pela CGT para o dia 1 de Outubro. Um comunicado em nove pontos publicado pela presidência da República salienta que as decisões tomadas pela C. G. T. têm um caracter revolucionário e favorecem «conscientemente ou inconscientemente um processo de subversão».

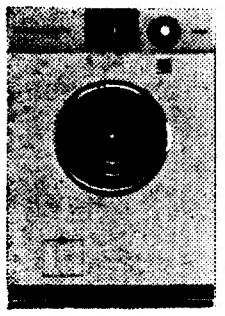
QUANDO VIVER FELIZ EM CONJUNTO SIGNIFICA EM PARTE, VIVER BEM...

ELE PARA ELA EXIGE

NAONIS

NAONIS oferece entre muitas vantagens:

- *Programa de lavagem especializado*
- *Super automatismo completo*
- *Cesto de lavagem de aço inoxidável*
- *Suspensão com amortecedores hidráulicos*
- *Operações de lavagem sem qualquer fadiga*



NAONIS — máquinas de lavar • frigoríficos • fogões televisores • máquinas de lavar loiça

67-na-05-ml

Dist. Gerais: J. J. GONÇALVES, SUCRS. S. A. R. L.
Lisboa-Porto-Agentes em todos os distritos

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

As sondagens para designar o sucessor de Costa e Silva

Por IRÉNÉE GUIMARÃES

RIO DE JANEIRO — Enquanto se aguarda o diagnóstico médico sobre a possibilidade ou impossibilidade definitiva de o marechal Costa e Silva retomar as suas funções, prosseguem activamente as negociações entre chefes militares, com vista à organização de um eventual plano sucessório.

Os chefes militares há dias que reuniram pela última vez e parecem ter chegado a um acordo de conjunto. tudo leva a crer que o novo presidente seria um general do Exército, apoiado por oficiais das 3 armas.

A certa altura, chegou a pensar-se que a partida final seria disputada entre o comandante do I Exército, o general Sizeno Sarmento, e o ex-ministro do Interior, general Albuquerque Lima. Militar grave, de sombria personalidade, o general Lima é um moralista austero, rodeado de certos «extremistas duc de nacionalismo que tem afinidades com o nacionalismo dos dirigentes peruanos. Daí que seja apoiado por certos oficiais idealistas que lhe perdoam o extremismo, pensando na sua feição nacionalista. Contudo, parece que por agora o general não tem grandes probabilidades. Quanto ao general Sizeno Sarmento, que num passado recente, estava muito ligado ao antigo governador da Guanabara, Carlos Lacerda, parece também que as suas probabilidades diminuiram. Segundo informações mais recentes, estar-lhe-ia reservada a pasta da Guerra, no futuro Governo.

Dois favoritos restam em liça: o actual ministro da Guerra, general Lyra Tavares, moderado, que também é considerado um «militar intelectual», e o comandante do III Exército, em guarnição no Rio Grande do Sul, general Emílio Garrastazu Médice, que foi, durante muito tempo, director dos Serviços de Informação. A saída das ultimas reuniões dos altos comandos militares, há dias, o nome de Medice estava muito bem cotado. Tudo indica, porém, que só na próxima semana se decidirá alguma coisa.

Aparentemente, procura chegar-se a um acordo prévio do conjunto das autoridades militares sobre a sucessão presidencial. Aliás, até agora, as unicas notas discordantes emanam do ministro dos Transportes, coronel Mário Andreazza, que qualificou de «traição» todas as diligências feitas no sentido de procurar o sucessor do marechal Costa e Silva, quando este mantém toda a sua lucidez. A tomada de posição do coronel Andreazza teria provocado uma reacção de descontentamento nos chefes militares, que teriam pedido á Imprensa a não publicação das declarações do ministro.

Uma «abertura política»?

Segundo certos rumores, o sucessor do marechal Costa e Silva, seja ele quem for, procederá a uma «abertura política» imediata Nestes ultimos dias, na grande Imprensa, revelam-se concordâncias bastante impressionantes a este respeito.

Parece que pouco caso se tem feito dos obstáculos de procedimento constitucional a observar para a nomeação do novo chefe do Estado. O Parlamento podia, por exemplo, ser convocado para designar um presidente interino. Este elaboraria, em seguida, com o auxílio dos políticos e dos tecnocratas, o seu programa governamental. Esta «abertura política» seria, segundo certos dirigentes «moderados», a medida mais eficaz para eliminar os movimentos clandestinos da oposição, que, assim, reentrariam na legalidade.

Contudo, estes rumores de abertura política e de desanuviamento entram em contradição com as medidas adoptadas para «jugular a subversão». A verdade é que foi agora promulgada a nova lei que restabelece a pena de morte em tempo de paz, enquanto continuam as prisões de pessoas suspeitas de pertencerem aos movimentos clandestinos de oposição.

«Estamos a armazenar mantimentos e apelamos a todos os estudantes de Londres para que se juntem ao cerco», declarou o dr. John Moffat, chefe do grupo de «hippies» que ocupa o numero 114 de Piccadilly, uma luxuosa residência londrina. Denominando-a «comuna dos squaters de Londres, os ocupantes pretendem transformá-la em acomodação para famílias sem lar — em «hippy hotel», diz a Imprensa londrina. À Polícia de Londres não foi possível, até agora, expulsar os comunitários, por falta de autorização judicial Ontem, porém, um juiz deu autorização aos proprietários do prédio para procederem á expulsão dos 300 ou 400 jovens. Moffat, um dos dirigentes do grupo, espera que os senhorios dêem provas de bom senso e desistam de uma expulsão pela força. Entretanto, os «hippies» gastam parte do seu tempo (desenhando...), no passeio fronteiriço á residência. Rodeados de basbaques como a gravura documenta

Medice presidente

(Continuação da 1.ª página)

mando das Forças Armadas, hoje ou na segunda-feira, para «oficializar» o acordo de toda a hierarquia militar. Todavia, o processo de sucessão só poderá ser iniciado depois de ouvidos os médicos que tratam do marechal Costa e Silva.

Só então a junta, modificando a Constituição por actos institucionais, convocaria o Congresso para eleger o novo presidente por cinco anos.

JORNALISTA ABSOLVIDO

RIO DE JANEIRO, 25 — (R.) — Um proeminente jornalista brasileiro foi absolvido ontem por um tribunal militar desta cidade de acusações de que editoriais por si assinados puseram em perigo a segurança nacional.

António Calado, que é também um escritor e dramaturgo de sucesso, foi no princípio deste ano privado dos seus direitos políticos por 10 anos e proibido de exercer jornalismo.

Contudo, um apelo do presidente da associação da Imprensa brasileira fez com que o presidente Artur da Costa e Silva anulasse parte da decisão e permitisse que Calado continuasse o seu trabalho profissional.

Calado, de 55 anos, membro da esquerda intelectual do Brasil, é casado com uma inglesa e trabalhou para a British Broadcasting Corporation (B. B. C.) durante a Segunda Guerra Mundial.

O seu último sucesso literário, uma novela acerca dos brasileiros desprivilegiados que vivem no interior, deverá ser editado em inglês nos Estados Unidos antes do fim do ano.

Com o título «Quarup»,

O REI HUSSEIN EM LONDRES

LONDRES, 26 — (F. P.) — O rei Hussein da Jordânia chegou, esta noite, a Londres, vindo de avião de Rabat, onde participou na conferência cimeira islâmica.

O rei efectua uma visita particular à Inglaterra.

Com a SONAP

Fernando, da CUF estabeleceu-se no Barreiro

Zona industrial, onde pulsa uma constante e crescente actividade fabril, o Barreiro alastra e moderniza-se. A SONAP, sempre atenta ás necessidades do trânsito e das gentes, caminha lado a lado com o progresso, acompanhando o surto populacional.

Assim, na Rua do Lavradio, 110, na laboriosa e risonha Vila-Cidade, foi inaugurado um posto de via pública, dentro das tradicionais linhas que definem a SONAP, com bombas de gasolina e gasóleo, dispondo de reservatórios com capacidade para 30 000 litros de produto. Anexa uma modelar estação de serviço com lubrificação especializada, possuindo ainda, entre outras, secções de pneumáticos e baterias.

Presentes, ao acto inaugural, diversas entidades oficiais e destacadas individualidades. No final, foi servido um beberete a todos os convidados.

De parabéns o proprietário desta nova posição SONAP, Sr. Fernando da Silva Oliveira, o conhecido Fernando, futebolista da CUF, actualmente Capitão da equipa. A partir de agora, também, no Barreiro (saída para o Montijo), a SONAP está ao serviço do automobilista mais exigente.

KONI

O temperamento de um triunfador

o amortecedor mais barato por Km. percorrido

Distribuidores:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-ABC-LISBOA
TEL. 56 01 56

ECOS

TIVEMOS dias, físicos e morais, em que chovia e fazia sol ao mesmo tempo. Diz o povo que quando tal sucede são as feiticeiras que estão a pentear-se. A dúvida infiltra-se nos tecidos mais puros da vida intelectual e sensível. Só os génios ou os cretinos é que lhe escapam. Mas é da dúvida que o homem parte para a aquisição, senão de certezas, de opções, na convicção honesta, mesmo quando excruciante, de trilhar a estrada mais certa, ou a menos errada. Isto quando se pretende chegar ao mesmo ponto e se hesita na encruzilhada. Enfim... Também às negaças de Setembro sucede por fim o sol ou a chuva, a quietude desse céu incrivelmente belo e dolorosamente feliz ou a zaragata dos ventos, o furor das bátegas que desfolham e desbaratam árvores e amores, alianças que pareciam firmes, castelos de sonhos, contracções do mais inteligente e ousado equilíbrio. É a aventura irrealista? Pode sê-lo ou não. As trovoadas de Outubro e de Novembro já não andam longe. Entretanto, o calendário anuncia dias de sol ardente. E o sol é esperança, não é?

★

NA sua célebre «Carta a ninguém» escreve Antonin Artand: «Quando abdico de um dos meus pensamentos estou-me já suicidando, já me suicidei. Mesmo no nada ainda há muitas coisas a destruir. Creio que renuncio a morrer. Não concebo, não sinto a morte como uma aventura, sinto-me morrer, e morrer sem ênfase, sem sobressalto, sem palavras, mas com uma lenta, uma imutável dilaceração».

As ELEIÇÕES para DEPUTADOS

O problema ultramarino pode ser abordado durante a campanha eleitoral

— comunicou o governador civil a delegados da C. D. E.

Recebemos da Comissão Democrática Eleitoral de Lisboa, com o pedido de publicação, o comunicado que a seguir publicamos:

1. Realizou-se ontem mais uma reunião da Comissão Distrital da C. D. E. de Lisboa. No período de informações foi anunciado que, num encontro com responsáveis desta Comissão, o bovernador civil comunioou que o problema ultramarino pode ser abordado pelos candidatos durante a campanha eleitoral, quer em sessões publicas, quer através de documentos.

Por outro lado, o chefe do distrito revelou que os documentos a imprimir em tipografia deverão apenas ser apresentados ao governador civil, para visto prévio, sendo esta a unica formalidade necessária da sua distribuição.

O resto da reunião foi preenchido com a discussão do programa político da C. D. E., na parte referente ao desenvolvimento económico e social. Os delegados das comissões locais e socio-profissionais apresentaram á assembleia o resultado das discussões efectuadas nas bases do Movimento, sobre este tema.

2. Solicitamos a todos os democratas (e comissões) que tenham «selos» e listas de subscrições em seu poder, para apressarem a recolha de fundos.

Por outro lado, as listas e os «selos» ainda retidos e que não sejam susceptíveis de se traduzirem em numerário, devem ser devolvidos, pois as emissões já feitas estão em grande parte esgotadas, e é prejudicial, aquela retenção.

As despesas com a campanha eleitoral são muito vultuosas e por isso é necessário o esforço entusiástico de todos.

3. O numero de pessoas que pretendem dar o seu apoio á C. D. E. continua a ser muito numeroso originando a possibilidade de darmos uma relação nominal de todos.

Pela Comissão Política — José Gaspar Teixeira.»

É À ASSE QUE CABI — afirm da O

«Em reunião da C. D. E. de Coimbra, realizada no passado dia 22, na respectiva sede, foram discutidos e votados os seguintes Princípios Fundamentais da Oposição Democrática de Coimbra:

1. A Oposição Democrática de Coimbra baseia-se no esforço espontâneo das massas democráticas do distrito, organizadas sem discriminação de tendências, no sentido de esclarecer os cidadãos sobre a actual conjuntura política e os grandes problemas nacionais, permitindo-lhes não apenas uma verdadeira opção sobre as candidaturas apresentadas ao próximo escruti-

PERFIL DOS CANDIDATOS

Publicamos a seguir a biografia dos candidatos da U. N. por Angola, segundo elementos fornecidos pela Agência Lusitânia.

Álvaro B. de Lara

Álvaro Barreto de Lara

O dr. Álvaro Filipe Barreto de Lara nasceu em Lisboa e foi levado para Angola quando tinha um ano de idade. Licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa, em 1955. Foi presidente da Associação Académica da Faculdade de Direito de 1954-1955.

Tem colaborado em vários jornais de Angola e exerce advocacia, em Moçâmedes.

Fernando Laima

O eng.º Fernando David Laima é natural de Luanda onde completou o curso dos Liceus. Licenciou-se em Ciências Geológicas pela Faculdade de Lisboa e, como bolseiro da Companhia de Petróleos de Angola, frequentou a «École Nationale Superieure de Pétrole et des Moteurs» onde obteve o diploma de engenheiro geólogo.

Foi estagiário do Departamento de Sedimentologia do Instituto Francês de Petróleo e é chefe da Divisão de Petrografia e Micropaleontologia da Companhia dos Petróleos de Angola.

Vogal do Conselho Legislativo de Angola e vogal da Junta Distrital, é presidente do Conselho Geral do Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio e da Industria.

Como conselheiro técnico, por parte dos trabalhadores de Angola, fez parte da Delegação Portuguesa á 53.ª

Fernando Laima

Sessão da Conferência Internacional do Trabalho.

Fernando Sá Viana Rebelo

O dr. Fernando Sá Viana Rebelo nasceu em Lisboa em 1912 e exerceu diversas actividads em Condeixa, como presidente da Câmara e da Comissão Reguladora do Comércio; comandante da Legião Portuguesa, provedor da Misericórdia e veterinário municipal.

Em Angola, entre outros cargos, foi presidente da Câmara Municipal de Nova Lisboa; da Comissão Distrital da União Nacional e governador do Distrito de Benguela. Actualmente é presidente da Câmara Municipal de Luanda.

Fernando S. V. Rebelo

Henrique Rodrigues

O sr. Henrique José Nogueira Rodrigues nasceu em Luanda em 23 de Agosto de 1925 e dedica-se ao comércio.

Fixou-se na Metrópole, a partir de 1939, regressando a Angola em 1947. Fez parte da Delegação de Portugal á primeira reunião do Acordo

Henrique Rodrigues

Internacional do Café a Longo Prazo, realizada em Londres em 1963.

Durante cinco anos, pertenceu aos corpos directivos da Associação Comercial de Luanda e foi vice-cônsul Honorário do Brasil em Luanda, tendo sido condecorado com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

É vogal da Comissão Consultiva do Conselho de Coordenação Económica e vogal da Câmara Municipal de Luanda.

Manuel Montanha Pinto

Natural de Bragança, onde nasceu em Dezembro de 1918, o sr. Manuel Joaquim

Manuel M. Pinto

Montanha Pinto é diplomado pelas Escolas de Regentes Agrícolas de Santarém e Évora.

Em 1958, fundou a Hidro-eléctrica do Uíge, Limitada, da qual é administrador.

Ainda em 1958, foi eleito para o Conselho Legislativo de Angola como vogal representante dos Distritos de Cabinda, Zaire e Uíge, tendo sido reeleito como representante do Distrito de Uíge, representação que ainda detém.

Em 1960, foi agraciado pe-

(Contiua na 15.ª pág.)

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

RELÓGIOS ÓMEGA
Agência Oficial
Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Tel. 324564

TERRA SANTA
EM AVIÃO E AUTOCARRO
12 DIAS DE VIAGEM — 9.750$00
PARTIDA A 14 DE OUTUBRO
Programas e inscrições
CAPRISTANOS / CITIRAMA
Av. Duque de Loulé, 47-A — Tel. 56 01 71

O cartaz de propaganda editado pela Comissão Democrática Eleitoral de Leiria

Os candidatos da C. E. U. D. do Porto integram-se em quatro correntes de pensamento político

Da Comissão Eleitoral de Unidade Democrática (C. E. U. D.) do Porto, recebemos o seguinte comunicado:

«1. Ao fim de alguns dias de negociações malograram-se todas as diligências para a apresentação de uma lista única de candidatura, pela Oposição, no Círculo do Porto, dada a divergência, em questões fundamentais, dos pontos de vista das duas comissões empenhadas na disputa do acto eleitoral.

«2. Em consequência, foi apresentada ontem no Governo Civil, a lista da *C. E. U. D.*, de há muito organizada mas aguardando o desfecho dos contactos estabelecidos com o espírito de se atingir a mais completa representatividade das várias correntes oposicionistas.

«Como o candidato dr. Alberto Manuel Pereira França (economista) não se encontra inscrito, como tantos outros cidadãos, nos cadernos eleitorais, houve necessidade de proceder à sua substituição.

«E desde que se frustraram os propósitos enunciados e já anteriormente tornados públicos, por esta comissão, entendeu-se dever optar por um alargamento de representação regional, de resto aconselhável em qualquer caso, apresentando ao sufrágio candidatos com domicílio em alguns concelhos do distrito do Porto, ou seja dos de Vila Nova de Gaia, Felgueiras e Vila do Conde, respectivamente os drs. Manuel Coelho dos Santos e Mário Cal Brandão, José Maria Machado Matos e António José de Sousa Pereira.

«Assim, a lista completa ficou constituída pelas seguintes individualidades: Abílio Augusto Lopes Cavalheiro (eng.º de Minas e prof. do Instituto Industrial); António José da Silva Júnior (médico especialista); António José de Sousa Pereira (advogado) — Vila do Conde; Artur Morgado Ferreira dos Santos Silva (advogado); João Maria de Matos Araújo Correia (advogado); José Luís do Amaral Nunes (candidato à advocacia); José Maria Machado Matos (advogado) — Felgueiras; Manuel Coelho dos Santos (advogado); Mário Cal Brandão (advogado) — V. N. de Gaia; Sofia de Mello Breyner Andresen (escritora)

«O delegado e mandatário dos candidatos, para os fins estabelecidos no § 2.º do artigo 13.º do Decreto-Lei n.º 37 570, será o dr. Mário Cal Brandão.

«Os candidatos da lista C. E. U. D. integram-se nos seguintes sectores ou correntes políticas: Católica Progressiva, Democrata, Independente e Socialista.

«3. A partir deste momento, vão-se intensificar os trabalhos de organização e propaganda e a constituição das comissões políticas e auxiliares em todo o distrito.

«As adesões, contribuições e pedidos de esclarecimentos, podem ser feitos na secretaria da *C. E. U. D.*, à Rua de Santo Ildefonso, 307, 1.º dt.º, com frente para o Largo do Padrão.

«Por lapso, foi mencionado o nome do sr. Rui Fernando Moura, como fazendo parte da comissão concelhia de Felgueiras.»

A contraproposta da C. E. U. D.

A contraproposta da C. E. U. D. apresentada no dia 23 á C. D. E. é nos seguintes termos:

«1 — Representatividade de todas as forças ou correntes oposicionistas sem hegemonia ou preponderancia de nenhuma delas. Em princípio, a C. D. E. forneceria para a lista unica três candidatos, os socialistas igual numero e os restantes quatro integrar-se-iam nas correntes católica-progressista, democrata-independente e democrata-liberal.

2 — A C. D. E escolheria os três candidatos socialistas, estes escolheriam os três candidatos da C. D. E. e os restantes quatro seriam indicados por acordo de ambas as partes.

3 — Os candidatos seriam os responsáveis unicos pela condução da campanha sem préviamente se vincularem a posições rígidas e sem se deixarem manietar por quaisquer grupos ou aderentes.»

A esta contraproposta a C. D. E. respondeu mantendo integralmente a proposta inicial. Esta a razão porque as negociações se goraram.

Substituto de Agustina Bessa Luís

PORTO, 26 — Foi designado para substituir na lista da U. N. a escritora Agustina Bessa Luís, que não pode concorrer ás eleições, por não estar recenseada, o dr. Ramiro de Queirós, presidente da Camara de Vila Nova de Gaia.

SEMBLEIA DISTRITAL BEM TODAS AS DECISÕES

rma-se nos princípios fundamentais Oposição Democrática de Coimbra

nio, mas também, e sobretudo, uma consciencialização que perdure e aumente para lá das eleições.

2. A Oposição Democrática de Coimbra propõe-se ir efectivamente ás urnas, pois tem a consciência de que só a efectiva intervenção no pleito atribui aos seus desígnios a seriedade suficiente para uma verdadeira mobilização das massas e, por conseguinte, para o esforço de consciencialização das mesmas. Isto não implica que ela se não obrigue a denunciar todos os obstáculos que entravam um *autêntico* escrutínio ou um *autêntico* esclarecimento dos problemas da Nação, ou que ela possa sacrificar ao êxito momentâneo a sua função de estímulo de uma consciência democrática.

3. A Oposição Democrática de Coimbra propõe-se desenvolver um espírito de unidade e de coesão, acima das controvérsias ideológicas, dos democratas do distrito, a qual possa perdurar e crescer no período pós-eleitoral, contribuindo para a formação de uma verdadeira opinião publica portuguesa, radicada no povo actuante e interveniente. Isto não obsta a que se obrigue a denunciar tudo o que conduza ao desprestígio da participação nas eleições, designadamente o que provoca um abstencionismo presente em nome de um projecto de intervenção no futuro.

4. Fiel aos desígnios da unidade da Oposição, a Oposição Democrática de Coimbra confessa o espírito da plataforma de S. Pedro de Muel, mas reserva-se o direito de formular por si mesma as soluções e opções que aí genéricamente se enunciam.

A CONSTITUIÇÃO DA ASSEMBLEIA DISTRITAL

5. A unica entidade soberana é para a Oposição Democrática de Coimbra a Assembleia Plenária Distrital, constituída pelos representantes das comissões concelhias (3 por cada concelho rural, 5 pela Figueira da Foz e 10 por Coimbra), pelos representantes das comissões sectoriais (5 por cada sector), pelos representantes das comissões de trabalho (Imprensa, Propaganda, Estudos, Fiscalização, Fundos e Sede: 2 por cada uma), pelo secretariado (14), pelos candidatos (6) e pelos demais elementos da lista apresentada ao Governo Civil que não tenham a outro título assento na Assembleia. As comissões concelhias devem incluir necessáriamente representantes das comissões de Freguesia, procurando exprimir quanto possível a vontade das populações democráticas locais. As comissões sectoriais devem também exprimir, quanto possível, na sua constituição, os elementos do sector que activamente participem na luta eleitoral. Entende-se por sector, para este efeito, apenas a categoria profissional de interesses que, sem distinção de idade, sexo ou especialização, oferece uma problemática reivindicativa comum e conta com um numero suficientemente apreciável para merecer uma representação autónoma. Dentro de cada sector pode haver várias comissões sectoriais, mas é o conjunto delas que elege os representantes á Assembleia.

6. A convocação da Assembleia, que obriga a indicação de uma ordem do dia, é da iniciativa de qualquer dos candidatos ou de qualquer das comissões concelhias ou

(Contiua na 15.ª pág.)

A Comissão Eleitoral Monárquica já entregou o processo de candidatura

Da Comissão Eleitoral Monárquica de Lisboa, recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte informação:

«Na manhã de ontem o sr. governador civil de Lisboa recebeu os srs. dr. João Vaz Serra de Moura e Manuel Jorge Magalhães e Silva que, em representação da Comissão Eleitoral Monárquica, trataram de problemas inerentes á entrega do processo de candidatura e da campanha eleitoral

Ás 14 e 30, foi entregue pela mesma comissão, no Governo Civil de Lisboa, o processo de candidatura da Lista Independente de Lisboa.»

«Os serviços eleitorais encontram-se instalados em vários locais, processando-se os contactos com o publico na Rua Jardim do Regedor, 37, 1.º-frente, telefone 325966, das 18 ás 24 horas

Por lapso dos serviços de Informação foi indicado que a C. E. M. havia recebido o apoio do sr. Manuel Ivo Cruz, o que não corresponde á verdade e do que pedimos desculpa

O C. E. M. tem continuado a receber numerosas adesões.»

Mais adesões à C. E. U. D. no distrito de Braga

Da C. E. U. D. de Braga recebemos um comunicado de que transcrevemos a seguinte informação.

«Foi anteontem entregue no Governo Civil a lista dos candidatos a deputados á Assembleia Nacional nas eleições a realizar no próximo dia 26 de Outubro, apoiada pela Comissão de Unidade Democrática e integrada pelos seguintes democratas: dr. Adelino Miranda de Andrade, de Barcelos; dr. António Oliveira Braga, de Braga; dr. Artur da Cunha Coelho, de Braga; dr. Francisco Tinoco de Faria, da Póvoa de Lanhoso; dr. Joaquim Borges, de Celorico de Basto; dr. Manuel Martins Costa, de Vila Verde. Para o efeito, deslocaram-se ao Governo Civil de Braga os srs. dr. Guilherme Branco, eng. Santos Pardal, eng. Albino Pinto, Lemos da Silva e Alfredo Caseiro, elementos da Comissão Executiva da C. E. U. D. e ainda o dr. António Oliveira Braga, mandatário designado dos candidatos.

Foi com regozijo que os democratas do distrito de Braga receberam a notícia de que a lista dos candidatos a deputados pela C. E. U. D. era constituída pelos drs. Adelino Miranda de Andrade, António de Oliveira Braga, Artur da Cunha Coelho, Joaquim José Pereira Borges e Manuel Martins da Costa.»

Acrescenta-se no mesmo comunicado uma lista de 45 nomes de democratas que aderiram á C. E. U. D. de Braga.

• LER MAIS NOTÍCIAS NAS PÁGS. 15 E 16

AIS

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO ATÉ 20 ANOS

Lote 22
Andares com 4 e 4/6 divisões assoalhadas
desde 490 contos

Lote 18
Andares com 4 divisões assoalhadas
desde 435 contos

emaco
Rua Barata Salgueiro, 53 r/c em Lisboa, Telefone 539016

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Couto, L.da
PORTO

COM
TAKY
NÃO HA PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILATORIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PÊLOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DÔR
SEM IRRITAÇAO
PEÇA LITERATURA

TELEFONES DE LISBOA E PORTO

EMPRESA PÚBLICA

RESULTADO DO EXERCÍCIO DE 1968

Está em distribuição nos termos estatutários, e será enviado a quem o solicitar, o Relatório do Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal desta Empresa Pública.

Desse Relatório e da sua apresentação ao Conselho Geral pelo respectivo Presidente do Conselho de Administração se transcrevem os dados mais significativos:

«A Empresa Telefones de Lisboa e Porto tomou posse da universalidade do estabelecimento da concessão da Companhia dos Telefones, avaliado em Esc. 1 845 606 300$50 e iniciou a sua actividade para assegurar o funcionamento do serviço público de comunicações telefónicas e telecomunicações complementares nas áreas que foram objecto da mesma concessão, em 1 de Janeiro de 1968.

Com a transferência dos bens e serviços operou-se também a transferência da quase totalidade do pessoal que trabalhava na Companhia. Conseguiu-se assim que não houvesse qualquer solução de continuidade na exploração do serviço telefónico e que, em relação ao utente, tudo se passasse como se nenhuma alteração tivesse havido.

TRABALHOS REALIZADOS EM 1968

Deu-se execução ao plano de trabalhos preparado em colaboração com The Anglo-Portuguese Telephone Company Limited, tendo sido instalados 45 072 postos telefónicos, daí resultando um aumento líquido de 28 144 postos, números estes nunca anteriormente atingidos.

No fim do ano existiam:

	Linhas de rede		
	A funcionar	*Em lista de espera*	%
Lisboa	258 948	9 509	3,67
Porto	78 220	2 917	3,73
Total	337 168	12 426	3,69

	Postos telefónicos		
	A funcionar	*Em lista de espera*	%
Lisboa	345 811	14 762	4,27
Porto	105 756	4 336	4,10
Total	451 567	19 098	4,23

Os postos públicos incluídos nestes totais passaram de 1 701 para 1 792.

A capacidade de centrais foi aumentada de 18 579 linhas e a rede exterior foi aumentada de 53 692 km de circuito.

Procedeu-se à automatização das áreas de Odivelas (3 500 linhas de rede) em Lisboa, e S. Mamede (2 000 linhas de rede) e St.º Ovídio (2 500 linhas de rede) no Porto.

No fim do ano a percentagem de automatização cifrava-se em 88,6%, e encontravam-se em adiantado estado de instalações as novas Centrais Automáticas de Oeiras e Praia do Sol, em Lisboa e Ermesinde no Porto.

Adquiriram-se terrenos para a construção de edifícios destinados à ampliação dos escritórios administrativos e comerciais em Lisboa e Porto, o que permitirá a expansão acelerada das actividades da Empresa nos anos que se seguem.

EXPLORAÇÃO

Foi desde o início preocupação dominante da Empresa lançar as bases que permitissem melhorar o serviço público de que se passou a incumbir, havendo procedido a uma reestruturação que a habilitasse a conseguir o efeito desejado, tendo em atenção a sua expansão, a melhoria de métodos e técnicas e a renovação de certos equipamentos que se impõem em paralelismo com o progresso técnico-económico do País.

Os resultados que se esperam das decisões tomadas só poderão, no entanto, ter efeito palpável a partir dos anos 1969/70.

Durante o ano de 1968 a qualidade dos serviços prestados pela Empresa aos seus Assinantes manteve-se em nível comparável com o que era praticado pela antiga concessionária nos últimos anos da sua actividade. Atestam esta afirmação os resultados estatísticos e de sondagem, transcritos no Relatório, sobre elementos de exploração que definem pelo seu conjunto a qualidade dum serviço telefónico.

As receitas de exploração obtidas, em comparação com as previstas, apresentam um excesso da ordem dos 6 000 contos (cerca de 1,3%) fundamentalmente por a procura dos serviços da Empresa e a sua satisfação terem excedido as previsões.

Por sua vez as despesas de exploração situaram-se aquém do previsto em cerca de 2 000 contos (menos de 1%).

Convém acrescentar que, em virtude da satisfação daquela maior procura, se excederam as previsões contidas no III Plano de Fomento revistas em 1967, pois previa-se a existência em 31.12.1968 de 447 000 postos telefónicos, quando a existência real foi de 451 567 postos telefónicos.

Sublinha-se ainda que neste exercício se investiram cerca de 250 000 contos e que, segundo as previsões, o investimento necessário em 1969 será da ordem dos 300 000 contos, em 1970 a 1972 excederá os 300 000 contos em cada ano, em 1973 e 1974 excederá os 350 000 contos, em 1975 atingirá 400 000 contos e assim sucessivamente.

Das duas soluções possíveis para tal volume de investimento: autofinanciamento ou recurso ao crédito, o Governo julgou preferível a primeira, até porque a diferença do encargo a suportar pelo público, num ou noutro caso, não seria substancial, tendo em conta os juros que se estão pagando tanto no mercado nacional como internacional e com tendência para a alta.

Os lucros obtidos no exercício de 1968 foram de 150 000 contos, isto é, um pouco mais de metade daquilo que se investiu, havendo-se recorrido aos fundos especiais da Empresa para o restante, nos termos estatutários e em conformidade com os programas aprovados.

O património da Empresa é composto pelas seguintes parcelas (em milhares de contos):

Património inicial	559 000	contos
» adquirido	34 000	»
» a adquirir	1 281 000	»
Fundo de estabelecimento (em 1.1.1968) ...	51 000	»
Total	1 925 000	»

Assim, embora a diferença entre a receita de exploração apurada e a soma da despesa de exploração e dos encargos financeiros pareça volumosa, sê-lo-á apenas em absoluto e não relativamente, uma vez que o património a adquirir foi de 1 315 000 contos.

Com efeito, em face dos lucros apurados, o coeficiente de rentabilidade geral desse património é de:

$$\text{Coef. RG} = \frac{150\,000 \text{ contos}}{1\,925\,000 \text{ contos}} = 0{,}0779$$

Trata-se dum índice modesto e que se prevê desça ao longo dos anos, conforme se deduz do Programa de Desenvolvimento e Financeiro preparado em 1968, pois se espera que o capital a investir e, portanto, o património, subam avultadamente, enquanto os resultados de exploração se manterão pràticamente constantes.

CONTA DE GANHOS E PERDAS DO EXERCÍCIO DE 1968

RECEITAS DE EXPLORAÇÃO		478 281 070$80
DESPESAS DE EXPLORAÇÃO	220 954 064$80	
PROVISÃO PARA DEVEDORES DUVIDOSOS	273 885$60	
ENCARGOS DE ADMINISTRAÇÃO	998 525$10	
REINTEGRAÇÕES	106 026 835$10	328 253 310$60
LUCROS DO EXERCÍCIO		150 027 760$20

Pelo CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
a) *Henrique Manuel Pereira* — Presidente

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE FUNDO DE AQUISIÇÃO NO EXERCÍCIO DE 1968

RECEITAS:			
Valores Facturados:			
Taxas de Instalação		1 333 450$00	
Taxas de Assinaturas		77 225 500$00	
Taxas de Conversações		104 177 470$40	
Outras Receitas		441 101$30	
Receita de 1968 facturada em 1969 ...	11 440 203$20		
Menos: Receita de 1967 facturada em 1968	10 540 573$80	899 629$40	184 077 151$10
PAGAMENTOS E TRANSFERÊNCIAS:			
Juros e Despesas da Remessa de £ 3 000 000		1 326 849$30	
Juros e Despesas dos Empréstimos:			
Da Fazenda Pública		5 772 362$90	
Da Caixa Geral de Depósitos		2 272 328$80	
Do Banco de Fomento Nacional		2 218 082$40	
Juros e Despesas de Notas Promissórias em U. S. $		41 755 543$20	
Juros e Despesas do Crédito em Esterlino		17 221 585$40	
Seguro contra Perda de Receitas		554 371$00	
		71 121 123$00	
Valor Contratual:			
Liquidado em Dezembro de 1967 (Parte de £ 3 000 000)		27 500 000$00	
Liquidado em Junho de 1968 (£ 19 179)		1 323 351$00	
Amortizações de Obrigações:			
Emissão de 1956		2 791 000$00	
Emissão de 1958		2 528 000$00	
		34 142 351$00	105 263 474$00
Remanescente em 31.12.1968			78 813 677$10

Pelo CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
a) *Henrique Manuel Pereira* — Presidente

(Continua na pág. seguinte)

As ELEIÇÕES para DEPUTADOS

Prossegue nas bases a preparação para a campanha da C. D. E. de Lisboa

Da Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Lisboa, recebemos o seguinte comunicado:

«1. Prosseguem activamente, em todo o distrito, reuniões dos agrupamentos de base do Movimento. As comissões de Concelho, freguesia, têm debatido as coordenadas fundamentais do Programa Inicial da C. D. E. e apresentado sugestões que, em substância, reproduzem a experiência acumulada em meses de estudo e reflexão sobre os problemas que afectam os diversos sectores em que se integram. Simultâneamente, continua a processar-se a preparação da campanha eleitoral em particular nos aspectos da propaganda e recolha de fundos.

2. Os drs. Francisco Pereira de Moura e José Vasconcelos Abreu, desta vez acompanhados pelo dr. Jorge Fagundes, voltaram a avistar-se com o governador civil de Lisboa, a fim de darem continuidade à análise dos problemas suscitados pela nova legislação eleitoral.

3. Encontram-se já constituídas e em pleno funcionamento, as comissões concelhias de Torres Vedras e Vila Franca de Xira. A primeira integra os democratas Maria Lucília da Liberdade Miranda Santos, advogada; António Leal de Ascensão, comerciante e industrial; João Manuel Cabral Alves, engenheiro; Joaquim de Oliveira, canalizador; Helder Gomes dos Santos Chá, cortador; José Maria Simões, serralheiro; Luís Alves de Almeida, verificador; Miguel Simões, industrial; Quirino da Costa Gomes, fundidor; António Inácio, cortador; João de Oliveira, industrial; e Leonel Pereira Ferreira, empregado de escritório. São responsáveis pela comissão, Maria Lucília Miranda Santos, António Leal de Ascensão e Leonel Pereira Miranda. A comissão concelhia de Vila Franca de Xira pertencem Albino Augusto H. Dionísio, operário, Ângelo Ferreira de Sousa, comerciante; Elisiano Manuel da Silva, comerciante; Francisco James Rodrigues Pereira, estudante; Joaquim Pereira Delgado, operário; Joaquim Alberto Lopes Simões, operário; José Carvalho Henriques, operário; Rosalina Rodrigues Pinho, educadora infantil; Mário Barreiro Marques, professor e, por Castanheira do Ribatejo, Américo Ferreira, empregado de escritório; Carlos Fino, estudante; e Guilherme Duarte, desenhador; por S. João dos Montes, José António Silva, empregado de escritório e José Ernesto Cartaxo operário; por Alverca do Ribatejo, António Manuel Cera, Fernando Mateus e Joaquim Artur Pires, todos operários; e, finalmente, por Vialonga, António Maximiano, estudante; Helder Simões Pinheiro, operário; Isaías Brioso, operário; João Lourenço, empregado de escritório; Joaquim Motá, pintor; e Lino dos Santos, industrial.

4. Informamos que a sede da comissão concelhia de Vila Franca de Xira fica situada no n.º 4-A da Rua de Santo António, à Bica do Chimbo, e não na Quinta do Playard, como, por lapso, chegou a ser divulgado. A sede encontra-se aberta, todos os dias, a partir das 21 e 30.

5. Reuniram-se as comissões de freguesia de Arrois, Amadora e Odivelas e, bem assim, a comissão concelhia de Sintra. Entre outros temas, foi abordada a organização, no distrito, das comemorações do 5 de Outubro.

Efectuou-se, também, mais uma reunião da comissão de freguesia de São Domingos de Benfica. Além de muitos democratas daquela circunscrição, estiveram presentes o dr. Gaspar Teixeira, pela Comissão Política da C. D. E. e observadores das freguesias de Benfica e Carnide (ainda não estruturadas). Os democratas que desejem integrar-se no Movimento devem dirigir-se à sede da C. D. E.

6. Entre as muitas dezenas de democratas que ontem deram a sua adesão à C. D. E., destacamos os escritores Alonso Féria, António Ramos Rosa, António de Sousa Freitas, Herberto Helder, João Pedro de Andrade, José da Silva e Luís Amaro.

7. Apelamos para todos os democratas e para as comissões de apoio no sentido de que, tão frequentemente quanto possível, entreguem o produto das subscrições feitas, através de listas e de selos.

Congratulamo-nos pelos resultados já obtidos e chamamos a atenção para a necessidade de evitar as demoras na entrega dos fundos angariados, dado o rápido aumento de despesas verificadas ùltimamente.

As despesas da campanha eleitoral são vultosas e a sua satisfação exige o esforço entusiástico de todos.

Pela Comissão Política: aa) *José Gaspar Teixeira* e *Jorge Sampaio*.»

PERFIL DOS CANDIDATOS

(Continuação da pág. central)

lo sr. presidente da Republica com a Ordem de Mérito Agrícola.

Em Janeiro de 1964, foi, pela segunda vez, nomeado presidente da Câmara Municipal de Carmona, função que ainda ocupa.

Neto Miranda

O dr. Gustavo Neto Miranda nasceu em Benguela em 1914, é juiz Desembargador do Ultramar em licença ilimitada e administrador de empresa.

Iniciou a sua carreira como magistrado do Ministério Publico em Portimão,

Neto Miranda

tendo servido depois em Goa e Beira. Promovido a juiz para Moçâmedes foi mais tarde para Nampula.

Foi governador do Distrito de Angola, secretário-geral do Estado da India e, depois, procurador da Republica junto da Relação de Luanda e, posteriormente, secretário provincial de Angola. Colocado, depois, na Relação de Luanda onde passou á licença ilimitada.

É vogal do Conselho Económico e Social de Angola e do Conselho Ultramarino.

Sinclética Torres

A dr.ª D. Sinclética Soares dos Santos Torres nasceu em Luanda em 1928 e estudou em Lisboa.

Sinclética Torres

Frequentou a Escola Superior de Farmácia de Coimbra e completou os seus estudos na Faculdade de Farmácia do Porto. Deu a sua colaboração á revista «Nossos Filhos», em Lisboa, e participou em diversas manifestações culturais e estudantis, quando estudante universitária

Regressou a Angola em 1960, ocupando nesse mesmo ano o lugar de Directora do Depósito Regional de Medicamentos, de Moçâmedes. É vogal do Conselho Legislativo desde 1962.

Deputada á Assembleia Nacional, na IX Legislatura, tendo sido a primeira senhora angolana a ocupar estes cargos políticos, é actualmente directora da Farmácia Externa n.º 1 dos Serviços de Saude e Assistência de Angola.

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA OPOSIÇÃO EM COIMBRA

(Continuação da pág. central)

sectoriais. A Assembleia, porém, só poderá deliberar com pelo menos metade dos seus membros permanente e a presença de um candidato devidamente mandatado.

7. A Assembleia será presidida por um dos elementos da lista entregue ao Governo Civil oficialmente responsáveis pela disciplina da campanha e, na sua falta, por qualquer dos seus membros permanentes. As deliberações são tomadas á pluralidade de votos e respeitadas como se fossem unânimes.

8. O funcionamento da Assembleia pode, se esta o entender, efectuar-se em publico, com assistência de quaisquer democratas interessados, tendo todo o assistente o direito de usar da palavra dentro dos limites da ordem do dia e da disciplina fixada pelo presidente da sessão. Contudo, só os membros permanentes têm direito de votar.

COMPETÊNCIA PARA EMANAR DOCUMENTOS

9. Só têm competência para emanar documentos de carácter doutrinário integrados na campanha, além dos candidatos e da Assembleia do Distrito, as comissões concelhias e as comissões sectoriais. Todo e qualquer desses documentos deve, porém, ser sujeito a uma prévia apreciação da Assembleia que cancelará ou permitirá a sua publicação á sombra da Oposição Democrática de Coimbra. Excluem-se deste prévio «contrôle» as opiniões meramente pessoais dos candidatos ou de qualquer dos responsáveis da candidatura, em artigo, entrevista ou declaração oral, embora a Assembleia tenha sempre o direito de pedir responsabilidades ao seu autor pela infracção das directrizes que oportunamente fixou.

10 — Toda a alteração dos princípios da campanha, designadamente das bases fundamentais da Declaração de S. Pedro de Muel ou da determinação de ir efectivamente ás urnas, tem de ser aprovada pela Assembleia Plenária Distrital por deliberação de pelo menos 3/4 dos seus membros permanentes e da totalidade do numero dos candidatos.»

TELEFONES DE LISBOA E PORTO

(Continuação da pág anterior)

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1968

ACTIVO

IMOBILIZADO:			
Instalações Telefónicas			2 526 426 845$90
Outras Imobilizações			
Terrenos		144 776 430$20	
Edifícios		106 266 077$90	
Locutórios		4 126 468$00	
Móveis e Apetrechos		16 509 679$90	
Veículos		17 868 389$20	
Ferramentas e Máquinas-Ferramentas		5 553 400$40	295 100 445$60
			2 821 527 291$50
REALIZAVEL:			
Existências		63 705 245$90	
Diversos Devedores	111 871 802$10		
Menos: Provisão para Devedores Duvidosos	887 000$00	110 984 802$10	174 690 048$00
DISPONÍVEL:			
Caixa e Bancos			107 246 107$90
			3 103 463 447$40

PASSIVO

EXIGÍVEL:			
Participação nos Lucros		17 418 223$00	
Diversos Credores		97 952 266$10	
Fundo de Aquisição		78 813 677$10	194 184 166$20
Empréstimos a Curto Prazo		179 500 000$00	
Promissórias em U. S. $		491 730 708$00	
Crédito em Esterlino a favor de «The Anglo-Portuguese Telephone Co. Ltd.»		494 912 650$40	
Juros devidos em 31.12.68 correspondentes aos «Empréstimos a Curto Prazo» e «Promissórias em U. S. $»		3 265 478$00	
Obrigações — Emissão de 1956		54 901 000$00	
Obrigações — Emissão de 1958		60 349 000$00	
			(a) 1 284 658 836$40
			1 478 843 002$60
NÃO EXIGÍVEL:			
Fundo de Renovação			847 757 246$90
SITUAÇÃO LÍQUIDA:			
Património Inicial		559 031 047$30	
Património Adquirido		34 142 351$00	
Fundo de Reserva		8 000 000$00	
Fundo de Estabelecimento		175 650 000$00	
Conta Nova		39 800$20	776 863 198$50
			3 103 463 447$40

(a) A liquidar pelo Fundo de Aquisição (Decreto-Lei n.º 46 033 — Art.º 4.º)

Pelo CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
a) *Henrique Manuel Pereira* — Presidente

Continuam a ser apreciados na C. E. U. D. do círculo de Lisboa os documentos fulcrais da campanha

Da Comissão de Unidade Eleitoral Democrática do distrito de Lisboa, assinado pelos candidatos Mário Soares e José Carlos Megre, recebemos o seguinte comunicado:

«1. Foram ontem recebidos pelo governador civil de Lisboa, os três responsáveis pela proposição da candidatura da C. E. U. D., drs. Gustavo Soromenho, José de Magalhães Godinho e José Ribeiro dos Santos, tendo sido abordados os problemas ligados á próxima campanha eleitoral. Foram também recebidos pelo governador civil os representantes dos candidatos, drs. Salgado Zenha, Mário Soares e Catanho de Menezes. As 11 e 30 da manhã do dia 25, foi entregue no Governo Civil o processo da candidatura da C. E. U. D. de Lisboa.

2. Reuniu também a comissão jurídica, que tratou assuntos que se prendem com o próximo acto eleitoral. Próximamente, a dita comissão publicará um documento acerca de toda a legislação eleitoral.

3. Reuniu-se também a comissão coordenadora, que continuou a apreciar os documentos fulcrais da próxima campanha. Começou também a ser discutido o problema ultramarino acerca do qual fez uma exposição um dos membros da equipa de economistas. Foram depois feitas diversas sugestões e elaborado um esquema de trabalho.»

Incêndio em Belmonte

BELMONTE, 26 — Um incêndio particularmente violento destruiu esta noite o recheio do segundo piso de um prédio sito à Rua Pedro Álvares Cabral, paredes meias com os Paços do Concelho. Só a rápida intervenção dos Voluntários desta vila evitou que as chamas se propagassem a outros edifícios.

No prédio, pertencente ao sr. Abel Simões, residem as famílias dos srs. João Martinho Jr., tesoureiro da delegação da C. G. D., e João Salvado, comerciante. Foi na habitação do sr. Martinho Jr. que o fogo consumiu todo o recheio, originando prejuízos (não cobertos pelo seguro) entre 70 e 80 contos.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» em referências ao nosso jornal os prezados colegas: «Comércio do Funchal», «Diário de Notícias», da mesma cidade; «Notícia», de Luanda; «Diário de Coimbra», «Correio de Coimbra», «Jornal do Fundão», «Beira Baixa», de Castelo Branco; «Notícias de Guimarães», «O Globo», de Sintra; «Jornal da Costa do Sol», de Cascais e «Notícias da Amadora».

ARTUR JOSÉ DA SILVA CAMPOS

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Sua Família, participa que amanhã pelas 11 horas, na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora (Oficinas de S. José) será celebrada missa pelo eterno descanso de sua alma.

Agradecendo desde já às pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto, bem como a todas que por qualquer forma lhes testemunharam o seu pesar, e a quem o não fizeram directamente, por desconhecimento de moradas.

P. N. A. M.

O DR. AFONSO COSTA FOI HOMENAGEADO

Carinhosamente envolvido numa atmosfera de simpatia, o dr. Afonso Costa, director-geral adjunto da Sabena — Linhas Aéreas Belgas, foi alvo duma homenagem de despedida por ter atingido o limite de idade e abandonar, por tanto, aquelas funções.

A iniciativa pertenceu ao sr. coronel Leopoldo Colignon, director-geral da Sabena, que saudou o homenageado, pondo em relevo as suas qualidades de carácter e de inteligência. Depois, o embaixador da Bélgica em Lisboa, sr. René Panis, testemunhou a sua admiração pelo dr. Afonso Costa a quem fez entrega do grau de cavaleiro da Ordem de Leopoldo II, com que o governo belga decidiu agraciá-lo.

Visivelmente comovido, o dr. Afonso Costa agradeceu a homenagem e recebeu cumprimentos de amigos e admiradores.

Atitude da Comissão Oposicionista do Distrito de Bragança

Da Comissão Eleitoral da Oposição Democrática do Distrito de Bragança recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«Têm chegado á sede da Comissão Eleitoral da Oposição Democrática de Bragança, na Avenida João Cruz, 5, daquela cidade, cartas e telegramas de apoio.

Já antes fora recebida uma carta do engenheiro Armando Trigo de Abreu, investigador do Centro de Estudos de Economia Agrária da Fundação Gulbenkian, dando o seu apoio ao movimento oposicionista do Leste Trasmontano.

Foi entregue no Governo Civil a lista dos candidatos oposicionistas, que são, como se anunciou, os drs. Nuno Teixeira Neves (jornalista) e Domingos Ponte (advogado) e os srs. João António Vicente (regente agrícola) e Agostinho Rafael (estudante universitário).

As candidaturas da Oposição Democrática de Bragança, que resultaram da escolha de uma assembleia em que compareceram as personalidades mais em evidência do sector oposicionista do Nordeste, oriundas de várias posições políticas, está a ser acolhida com entusiasmo nos meios democráticos e populares do distrito, particularmente, e para já, nos maiores centros populacionais, assim como nos concelhos de Vinhais, Vimioso e Miranda do Douro, onde se estão elaborando estudos dos problemas que mais afectam essas regiões.

A dispersão das residências dos candidatos, as longas distancias que têm que percorrer para a sua campanha, a deficiência das comunicações e transportes do distrito, tornam muito onerosa a capanha eleitoral democrática, pelo que se espera o rápido início da angariação de fundos, que deverão ser enviados para a sede da Comissão da Oposição Democrática.

Esclarece-se que a Comissão Eleitoral da Oposição Democrática de Bragança se não filia ou identifica em especial com nenhum dos movimentos democráticos eleitorais de outros distritos onde estes estejam divididos, sendo, porém, solidária com todos eles no mesmo objectivo de luta pela democracia e por adoptar, como os restantes, a plataforma de S. Pedro de Muel.»

INTENSA ACTIVIDADE DA C. D. E. DE SETÚBAL

Da C. D. E. de Setubal recebemos o comunicado que a seguir publicamos:

«1. Foi já oficialmente entregue, no dia 24, ao governador civil de Setubal, a lista de candidatos de Oposição Democrática deste distrito.

A C. D. E. de Setubal prossegue activamente os seus trabalhos com reuniões concelhias, de freguesia e das diversas subcomissões de estudo e inquérito e de fundos. Tem-se procedido à desestruturação das comissões já formadas tendo-se verificado uma afluência basante encorajadora.

2. Com a presença do candidato Dr. José António Tavares da Cruz realizou-se no dia 24, em Setúbal uma reunião preparatória estando presentes numerosos democratas, que diligenciaram no intuito de se constituir a Comissão Concelhia de Setúbal e que marcou uma reunião ampla para a próxima sexta-feira em local ainda a designar. Está já em estudo a abertura breve de uma Sede para a Comissão daquela cidade.

3. Apela-se para todos os Democratas dos concelhos onde ainda não existem Comissões concelhias, no sentido de se dirigirem à Sede da Comissão Distrital, a funcionar na Rua Dr. António José de Almeida, n.º 12 Barreiro, a fim de se estabelecerem os contactos necessários.

4. Continuam a inscrever-se no livro de adesões patente, na Sede, grande número de Democratas.

5. Continua aberta, todos os dias, a partir das 19 horas, na Rua Alexandre Herculano, 25 c/v., Cova da Piedade, a sede da Comissão Concelhia de Almada. Tem registado grande afluência de Democratas. Brevemente abrirão outras Delegações neste Concelho.

Pela Comissão de Imprensa, João Telmo Araújo Ezequiel Ferreira, Alfredo Rodrigues de Matos».

A «TERCEIRA FORÇA» ABSTÉM-SE...

A «Terceira Força» não concorrerá ás eleições e aconselha mesmo os seus adeptos á abstenção — diz-se num comunicado daquele grupo, hoje distribuído.

A decisão fundamenta-se na convicção de que a Assembleia Nacional, tal como está regulamentada, não é um órgão representativo do Povo português», e decorre também da «firme análise da actual lei eleitoral».

Num outro comunicado, em que dá conta de duas adesões recebidas, a «Terceira Força» volta a definir a sua linha ideológica numa posição direitista, anti-socialista e antiliberal

AS NOVAS LISTAS DA UNIÃO NACIONAL

(Continuação da 1.ª página)

sentarão listas oposicionistas em todos os círculos, com excepção de Portalegre, onde o processo das candidaturas previstas não pôde ser concluído a tempo.

A lista definitiva da Oposição Democrática por Moçambique

No Ultramar, a Oposição Democrática concorre apenas em Moçambique (7 lugares na Câmara), o que dá um total de 107 lugares a disputar nas próximas eleições.

A lista democrática ontem entregue oficialmente em Lourenço Marques é a seguinte:

Dr António Almeida Santos, de 43 anos, advogado; Francisco Saraiva Barreto, de 50 anos, comerciante; dr. Heliodoro Frescata, de 59 anos, professor do ensino liceal; Luís Alberto Maior Gonzalez, de 23 anos, estudante universitário; dr Parcídio Campos Rodrigues da Costa, de 50 anos, economista, assistente da gerência da «Sonarep» e director da revista «Indústria de Moçambique»; Rafael Nunes de Carvalho, de 52 anos, chefe de escritório; e dr. Rui Baltasar dos Santos Alves, de 36 anos, advogado

Em Lisboa, Porto e Braga há duas listas oposicionistas (C. D. E. e C. E. U. D.), o que determina haver, em Lisboa e Braga, quatro listas em luta eleitoral. Em Lisboa, além da lista da U. N e duas da Oposição Democrática, foi apresentada outra, de Monárquicos Independentes. Em Braga, a situação é semelhante, mas a quarta lista é de Nacionalistas Independentes.

No Porto disputarão as eleições três listas: a da U. N. e duas da Oposição Democrática.

Quanto á União Nacional, foram hoje, finalmente, divulgadas as listas cuja constituição ainda não era conhecida, respeitantes aos seguintes círculos: Funchal, Ponta Delgada, Portalegre, Viseu e Santarém. Os nossos colegas da manhã tinham já divulgado as listas de Lisboa e de Viana do Castelo, cuja constituição damos também aos nossos leitores. O prazo para a entrega das candidaturas nos respectivos govêrnos civis terminou ontem á tarde, como se sabe.

É a seguinte a constituição dessas listas:

VIANA DO CASTELO — Dr. Gonçalves de Proença, professor universitário e actual ministro das Corporações e Previdência Social; dr. Júlio Evangelista, director-adjunto do jornal «A Voz»; eng.º agr.º António Pereira Meireles da Rocha Lacerda e major Fernando Artur Oliveira Baptista da Silva, director da Prevenção Rodoviária Portuguesa.

SANTARÉM — Dr. António de Sousa Vadre Castelino e Alvim, advogado; eng.º Carlos Monteiro do Amaral Neto, lavrador; João Nuno Pimenta Serras e Silva Pereira, chefe de secção da Direcção-Geral do Trabalho; Joaquim Jorge Magalhães Saraiva da Mota, licenciado em Direito; engº agrº José Gabriel Mendonça Correia da Cunha e dr. Júlio Dias das Neves, professor do Ensino Secundário.

PORTALEGRE — João Duarte Liebermaister de Vasconcelos Guimarães, coronel da Força Aérea (reserva); José Vicente de Abreu, lavrador; Manuel de Jesus Silva Mendes, professor e presidente da Câmara Municipal de Portalegre; e José Vicente Malato Beliz, engenheiro agrónomo

FUNCHAL — Dr Agostinho Gabriel de Jesus Cardoso, médico; Eleutério Gomes Aguiar, professor do Ensino Primário; e José Adolfo Pinto Eliseu, engenheiro-civil.

PONTA DELGADA — Deodato Chaves Magalhães Sousa, engenheiro electrotécnico; dr. João Bosco Mota Amaral, advogado; e dr Teodoro Sousa Pedro, médico

VISEU — José Coelho de Almeida Cotta, subsecretário de Estado da Administração Ultramarina; Albano Vaz Pinto Alves, delegado do Instituto Nacional do Trabalho; António Fausto Moura Guedes Correia de Magalhães Montenegro, proprietário; dr. João Duarte de Oliveira, conservador do Registo Civil em Castro Daire; dr. João Manuel Alves, conservador do Registo Predial em Santa Comba Dão; e Fernando Malafaia Novais, lavrador

LISBOA: dr. Alberto Franco Nogueira, embaixador e actual ministro dos Negócios Estrangeiros; dr. Ulisses Cortês, administrador da Caixa-Geral dos Depósitos e antigo ministro das Finanças e da Economia; conselheiro Albino dos Reis, vice-presidente (em exercício) da comissão central da União Nacional e antigo presidente da Assembleia Nacional durante várias anteriores legislaturas e «leader» do Governo na actual; prof. dr. Miller Guerra, catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa e bastonário da Ordem dos Médicos; prof. dr. Teixeira Pinto, catedrático do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras e antigo ministro da Economia; Francisco Casal-Ribeiro, administrador de empresa e antigo presidente da Federação Portuguesa de Futebol; dr. Mello e Castro, juiz conselheiro do Tribunal de Contas e presidente da comissão executiva da União Nacional; brigadeiro médico Ricardo Horta, presidente nacional da Cruz Vermelha Portuguesa e antigo director do Hospital Militar; eng. Fernando Augusto Santos e Castro, presidente da Federação Nacional dos Produtores de Trigo e da comissão concelhia de Lisboa da U. N.; D. Maria Raquel Ribeiro, chefe do Serviço Social da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; eng. Alberto Alarção e Silva e dr. José Pedro Pinto Leite, presidente da Camara de Comércio e Industria Luso-Alemã.

Destes candidatos só foram deputados por Lisboa na legislatura anterior os srs. conselheiro Albino dos Reis, dr. Ulisses Cortês e Casal-Ribeiro, enquanto o dr. Mello e Castro era deputado pelo círculo de Setubal.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

VIDA SÃ EM CORPO SÃO

Digestão e cuidados de vária ordem com a finalidade de preservar o tubo digestivo e mantê-lo em bom funcionamento eis o tema que o dr. Ramiro da Fonseca desenvolverá no seu programa de hoje.

NOITE DE CINEMA: «TENACIDADE» (THE STRATION STORY)

Com James Stewart, June Allyson, Frank Morgan, Agnes Moorehead e Bill Dickey. Realização de Sam Wood.

ARGUMENTO:

Monty Stratton é um jovem agricultor que tem a paixão do «baseball» e acaba por ser um grande jogador. Ganha muito dinheiro, casa com uma rapariga encantadora e já é pai dum pequenito quando, em consequência dum desastre, perde uma perna.

Passados os primeiros tempos de desespero, Monty muito ajudado pela mulher, começa a reagir de tal maneira que volta aos campos de jogo...

DO REALIZADOR

Sam Wood, já falecido, era um daqueles realizadores, raros em Hollywood como em qualquer outra parte do Mundo, que nunca dirigiu um mau filme, mantendo-se sempre num nível de qualidade bastante digno e conseguindo, por vezes, obras de fôlego, como «Uma noite na ópera», «Adeus Mr. Chips», «Por quem os sinos dobram» ou «A nossa cidade».

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Vida sã em corpo são; 20 e 5: Cartaz TV; 20 e 35: Conheça o Portugal desconhecido; 21: Telejornal; 21 e 35: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: Sebastião entre os homens»; 21 e 55: «Zip-Zip»; 23 e 50: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 19: Abertura; 19 e 2: Teledesporto; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Diálogos de sábado; 20: Ao serviço da Nação; 20 e 30: TV Clube; 21 e 35: TV 7; 22 e 5: «O Fugitivo»; 23 e 55: Marcha do Mundo; e 0 e 10: Fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: O tunel do tempo; 22 e 20: Tempo internacional; 0 e 15: Fecho

TUDOR
pilhas para iluminação

JUVENTUDE NO MUNDO

Para este magazine juvenil foram seleccionados quatro filmes, realizados pelas televisões belga, australiana e dinamarquesa. O primeiro filme a ser exibido foi realizado na aldeia de Loenhout, nos arredores de Anvers, perto da fronteira com os Países Baixos, aquando de um corso de flores inteiramente feito por crianças.

O segundo documentário é dedicado á acção dos bombeiros de Geel, na província de Anvers. De Porto-Augusta, situado a cerca de 300 quilómetros de Adelaide, capital da Austrália do Sul, parte o chamado *comboio para todo o serviço*, conduzido há mais de 25 anos pelo mesmo maquinista. Este comboio, que iremos ver no 3.º filme, reabastece os operários que trabalham na conservação da via férrea transaustraliana.

O ultimo filme a apresentar mostrar-nos-á como funciona a «Caixa Económica Infantil» criada na cidade de Kjellerup entre Viborg e Silkeborg, na Dinamarca.

CARTAZ TV

«Olá, Amigos!» assim principiará Jorge Alves o seu Cartaz TV de hoje, durante o qual ele apresentará os programas da próxima semana, dos quais serão salientadas as novas séries filmadas incluídas no mapa da programação de Inverno.

CONVERGÊNCIA

Neste quinzenário de actualidade literária, coordenado por Eduíno de Jesus, apresentar-se-á uma entrevista com o escritor Vergílio Ferreira, efectuada na sua residência de Verão em Fontanelas, perto da serra de Sintra.

«Convergência» inclui ainda as rubricas:

«Literatura Ameaçada», pelo dr. Domingos Monteiro; «Rosa dos Ventos», que entre outros assuntos, destacamos o que fala do livro «Discurso Directo», de David Mourão Ferreira e por ultimo teremos ainda «Crónica», assinada por Fernanda Botelho.

COLCHÕES DE MOLAS

BAIXO PREÇO
ELEVADA QUALIDADE
Dupla Face. Verão/Inverno
À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE
E. A. MOREIRA & C. LDA.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: O Orfeão de Vila Praia de Ancora; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Uma Gota de Sangue e Renasce uma Vida, programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 40: No mundo da Canção; 19 e 45: Rádio Rural — Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 40: 17.º Episódio do Folhetim «A Mão e a Luva»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 22 e 05: O Homem e a Sociedade, pelo prof. dr. Ferreira de Almeida; 22 e 30: Fados, por Augusta Ermida e José Borges; 22 e 50: Musica ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16: Folclore do Mundo — Musica da Grécia — Cantos de Egina; Danças da Roménia; 16 e 15: Curiosidades Musicais — Obras de Compositores Brasileiros; 17 e 10: Musica de camara; 18: Musica Portuguesa — Obras de Lopes Graça; 19: Horizonte Literário, por Amandio Cesar e Mário António 19 e 15: O Canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica a dois pianos — Scaramouche (Milhaud) por Genevieve Joy e Jacqueline Robin-Bonneau; 20 e 30: Musica de camara; 21: Musica sinfónica; 22: 15 poesias de «O Livro dos Jardins Suspensos» (Schönberg) — solista; 22 e 27: Divertimento em Fá Maior K. 247 (Mozart) — Elementos de Octeto de Viena; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s. — Às 23: A ópera em Três Actos (Princesa Ida» (Sullivan) — solistas, Coro D'Orly Conte e Orquestra Filarmónica Real, dirigida por Malcolm Sargent; 0 e 25: Sonata em dó maior K. 521 (Mozar) — solistas, 1: Fecho.

Emissão Estereofónica (MF 2) de Lisboa (94,3 mc/s), Porto (92,5 mc/s), Lousã (89,3 mc/s) e Monchique (91,5 mc/s). Das 21 ás 23: Musica ligeira; Musica sinfónica; Musica Coral; Solos.

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 12: Moviola; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m. — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio Jornal; Entre as 20 e as 21: Hoje convidámos; 20 e 07: Europa musical; 20 e 45: Em foco...; 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário Rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência—97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C D C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Motinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio .64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Baile; 22 e 15: Novas de Alegria; 22 e 30: Presença combrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Orquestras; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Martires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Tangos; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 02: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 21: Os novos emissores em marcha; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Dos 7 ás 8, dos 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 as 14 e 30; **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

canal da crítica

TELERRITMO OU TELE-ICEBERG?

1 **Lançado com farta publicidade,** Telerritmo não **enganava ninguém. Estava mais que visto, pois estava mesmo á vista, que a nova rubrica da Televisão não se prendia a nenhuma opção: no afã de se prender á diversidade do público, acabaria por não ter público nenhum.** Telerritmo **escolheu não escolher: nunca será uma rubrica escolhida. Na Televisão, como na vida, a coragem é indespensável.**

2 Tudo parecia estar estudado e bem estudado: para os jovens eléctricos, havia o conjunto «emotion»; para o chamado «povinho» lá estava o rancho «TA-MAR» da Nazaré; o «Bossa Jazz-3» satisfazia o público jazzista; Carlos Paredes dava a nota de qualidade de autenticidade, para os «conhecedores»; Elsa traria a nota de frescura e de graça, daquela simpatia que logo concita á adesão e ao perdão. Dalida, essa era a nota cosmopolita a que nós, portugueses, descobridores do mundo, somos tão sensíveis. Todos os pontos estratégicos pareciam estar ocupados. A vitória aparecia no horizonte com uma saborosa coroa de louros...

3 No entanto, vitória não aconteceu; vitória não acontecerá. Porquê? Apenas pela falta de coragem na opção? Por isso e também porque a diversidade só e qualidade quando tem... qualidade.

O que não acontece em **Telerritmo**, o próprio **Carlos Paredes**, a cuja **verdade** ninguém pode **deixar de** ser sensível, não **incendiou** a rubrica pois, muito **sensatamente**, terá **concluído** que para ali estaria **deslocado** tudo quanto não **fosse** o malabarismo **das populares** «czardas» de **Monti**...

O conjunto «**Emotion**» tem a sua **liçãozinha** aprendida, mas nada **mais**. No resto, foi a frieza de **tudo** quanto é apenas **aprendido**.

O mesmo se pode **dizer** de Luís Duarte cuja **medíocre** interpretação de **uma** segunda canção **medíocre**, denunciou a ausência **de** autenticidade, de uma **primeira** canção **melodramática**.

«Bossa-Jazz-3» já **nosso** muito conhecido através **do** «Zip-Zip mostrou o **trabalho** de equipa muito **apurado**, mas uma quase **total**

(Continua na página seguinte)

2.° PROGRAMA

A seguir á edição da noite do Telejornal, apresenta-se o 2.º episódio do folhetim «Sebastião entre os homens», já exibido na rede nacional em 31 de Maio do ano corrente.

Também em repetição se transmite o programa n.º 14 da série «Zip-Zip», realizado por Luís Andrade.

CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS
Director: PROF. VASCO BOTELHO DE AMARAL
80 MINUTOS de ENSINO:
LIÇÃO EM CLASSE
(50 minutos) +
ESTUDO NOS LABORATÓRIOS
(30 minutos)
LICOES INDIVIDUAIS
em 6 modalidades
Todos os NIVEIS
R. Mouzinho da Silveira, 25
Tel 538494

EXTENSÃO CULTURAL DO CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS:

«LÍNGUA PORTUGUESA»

pelo Rádio Clube Português
Hoje, às 23,15 (Miramar)
2.ª-Feira, às 19,45 (Lisboa)

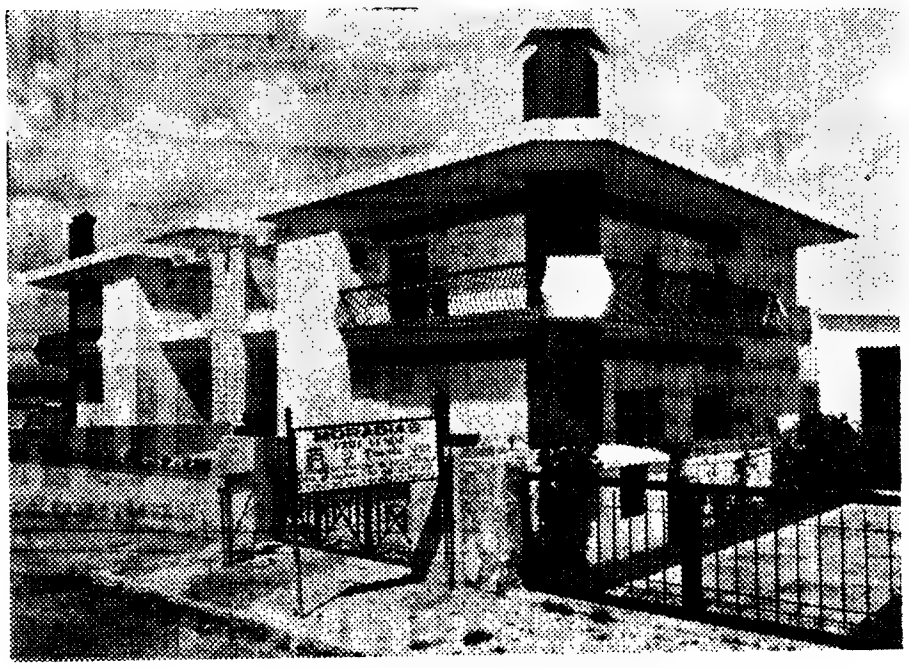
LICEU E COMÉRCIO
COLÉGIO B. DIAS
INTERNATO MASCULINO ● PENSIONATO FEMININO
ST.ª IRIA DA AZOIA
T. 259222
a 10 km de LISBOA
(Transporte privativo)

COMICHÃO NOS PÉS
ELIMINADA EM 3 DIAS
Tem comichão nos pés, picadas e ardores tão terríveis que quase o enlouquecem? A pele greta, estala ou sangra? A causa destas perturbações denomina-se de várias maneiras, tais como: Pé de Atleta, Comichão de Singapura, Comichão de Dhoby, etc. Não poderá ver-se livre deste mal sem exterminar a causa. Uma nova descoberta chamada Nixoderm pára a comichão em 7 minutos e começa a tornar a pele macia, suave e clara em 3 dias. Nixoderm é tão eficaz que se garante acabar com a comichão e sarar a pele não só nos pés mas também nos mais teimosos casos de Eczema, Borbulhas, Acne, Bolhas e Impigens na face ou no corpo. Peça ao seu farmaceutico NIXODERM hoje mesmo.
Nixoderm
Para Doenças De Pele

SALDOS

Casacos de Cabedal e Camurça
TEMOS UM GRANDE SORTIDO EM CASACOS PARA HOMEM E SENHORA QUE SALDAMOS PARA DAR LUGAR AOS MODELOS DA NOVA ESTAÇÃO
VERÍSSIMOS
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-C

Especialmente para si...
...que tem um gosto requintado



construímos, em Paço de Arcos, elegantes moradias. com acabamentos de luxo

O r/c. compõe-se de:

átrio, hall, sala de jantar, sala de estar, biblioteca, sala de engomados, despensa, quatro, I. S. da criada e zona de lavagem de roupa.

No 1.º andar:

suite, 3 quartos, casa de banho, quarto de recreio, ampla varanda e solário. No espaço envolvente da moradia, cuidadosamente tratado, está localizado o abrigo de viaturas.

Faça uma visita a estas moradias, na Rua José Ferrão Castelo Branco e das suas amplas varandas desfrute as magníficas vistas que elas lhe oferecem. Se não for esta a solução do seu desejo, consulte-nos porque possuímos terrenos em Cascais, com vista de mar e serra, onde podemos construir ao vosso inteiro gosto.

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53-4.º, Esq. — Telefs. 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70

Canal da crítica

(Continuação da pág anterior)

ausência de emoção como sempre acontece quando o dirigismo impera

Elsa foi... a simpatia já referida. É pouco, para se manter no cartaz. Terá se quiser ficar mais tempo, de arranjar nova gracinha.

O rancho «Ta-Mar», da Nazaré (que velho que o rancho está!) foi o que se sabe, foi até menos do que se sabe. A verdade é que o rancho sul-americano teve sobre o nosso apenas a vantagem dos archotes

Dalida, essa veio a Portugal mostrar como se faz «play back». Dalida, a frieza feita gente.

4 Frieza, a palavra inevitável. Frieza que manteve sempre o público a uma respeitável distância. A verdade é que o tempo já não vai para estas bebidas geladas.

Pensou-se que a presença de público pudesse contribuir com algumas calorias. Falhanço total. A natureza organizada daquele público é demasiado evidente, públicvo que bate palmas, com a mesma intensidade, a todos os números... Não é público é realejo. É uma caricatura de público.

Ah, não, meus caros, não! Os truques não pagam dividendos.

MARIO CASTRIM

REUNIÕES EVANGÉLICAS

VISEU, 26. — Em dois dias sucessivos, no salão de festas do Cine-Rossio, a Assembleia de Deus (Evangélica Pentecostal) reuniu grande numero de jovens e muitas dezenas de «veteranos» devotados á disseminação do «Evangelho», pertencentes a igrejas e simpatizantes da zona nortenha. Diversos pastores estiveram presentes e, além de outros, falaram muitos oradores jovens.

Ouviram-se hinos e boa musica e foram impressionantes algumas das mensagens. No final, o pastor da Assembleia de Deus nesta cidade, sr. A. Dias Gonçalves, a todos agradeceu e saudou, especialmente, a jovem Maria Helena Cardoso Ferreira, que, nesta cidade, congregava os esforços da organização.

ANDAR-GRÁTIS

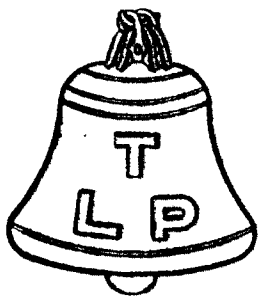
Habilite-se a um andar grátis comprando andar em moderna urbanização, local saudável, com bons transp.

Preço 360 contos. Inf. tel. 933859 - 553809

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restau-



TELEFONES DE LISBOA E PORTO

Tem o prazer de informar que na próxima madrugada entrará ao serviço a nova CENTRAL AUTOMÁTICA DE PRAIA DO SOL (Costa da Caparica), à qual ficarão ligados todos os telefones com numeração iniciada por «240».

CHAMAMOS A ESPECIAL ATENÇÃO PARA A NECESSIDADE DE, A PARTIR DESTA MADRUGADA **MARCAR SEMPRE O NÚMERO COMPLETO DOS TELEFONES INICIADOS POR «240».**

Os Postos Públicos em funcionamento nesta área terão a faculdade de originar comunicações locais e regionais sem intervenção de Telefonista; até que estas comuncações se completem, o telefone chamado, ao atender, ouvirá um som intermitente. Se porventura ouvir este sinal NÃO DESLIGUE até se inciar a conversação.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDA A:	DESTINOS
«LEIXÕES»	3 de Outubro	**Directo a:** Lobito, Lourenço Marques, Beira, e Nacala.
«ANGOLA»	4 de Outubro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala, e Porto Amélia.
«ÍNDIA»	6 de Outubro	Luanda, Lobito, Lourenço Marques, Singapura, Hong-Kong (Macau) e Dili.
«S. TOMÉ»	10 de Outubro	Leixões, Luanda, Lobito e Cabinda.
«MOÇAMEDES»	18 de Outubro	Leixões, Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Moçamedes, Cuio e Porto Alexandre (se necessário).
«P. PERFEITO»	24 de Outubro	Funchal, Luanda, Lobito, Durban, Lourenço Marques e Beira.
«BEIRA» *	27 de Outubro	**Directo a:** Luanda, Lourenço Marques, Beira e Nacala.
«NAVIO A DESIGNAR»	30 de Outubro	Cabinda, Luanda, Lobito e Moçamedes.

* Com escala prévia por Leixões.
LISBOA: Rua do Comércio, 85 — Telef. 32 30 21 — Reserva de Passagens: 3 47 64 - 36 91 72
PORTO: Rua Infante D. Henrique, 63 — Telef.: 2 24 36

Diário do Porto

Jovem electrocutado

Por volta das 5 e 30, da madrugada, foi pressentido na União Eléctrica sinal de avaria na linha que abastece a região de Lourosa (Vila da Feira). Desligada a corrente, foi a instalação percorrida por operários da empresa, para descobrirem e repararem a avaria, logo detectada na Cova do Lobão, à margem da estrada que conduz a Arouca. O cadáver de um rapaz, com cerca de 19 anos, cujas mãos ficaram agarradas ao cabo eléctrico, e as pernas enroscadas no posto que sustenta a linha, originara a avaria e a interrupção de energia.

Acto desesperado? A G. N. R. de Lourosa esteve no local a averiguar o sucedido. O cadáver do infeliz, ainda por identificar veio para o Necrotério.

Farmácias de serviço esta noite (7.º turno)

ALIANÇA, Rua da Conceição, 4 (Tel. 2-4203) * BONFIM, R. do Bonfim, 73 (Tel 5-2444) * CARDONA DOS SANTOS, Rua D Manuel II, 90 (Tel 2-7'88) * CORREIA, Praça Mouzinho de Albuquerque, 77 (Tel 6-0869) * COSME, Rua Costa Cabral, 584 (Tel 4-'51') * FERREIRA, Pr Afonso V, 55-B (Tel 68-1975) * FERREIRA DE CARVALHO, Rua do Bonjardim, 354 (Tel 2-1640) * GOMES FERREIRA, Rua Faria de Guimarães, 449 (Tel 41907) * HENRIQUES, Pr da Batalha, 64-64-A (Tel 2-5'73) * LUSO FRANCESA, R Só da Bandeira, 40 (Tel 2-6'34) * MORENA, L S. Domingos, 44 (Tel 2-3545) * PORTO, Pr da Republica, 22 (Tel 2-0294) * PRELADA, Rua C de Francos, 3'6 (Tel 6-43'2) * S. DINIZ, Rua de S Diniz, 428 (Tel 4-228) * CAMPOS, R. P Cabral, 943 — Foz (Tel 68-0118)

Espectáculos para hoje

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «Mãos á obra!» (17 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Helga, o segredo da maternidade» (21 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Missão na China Vermelha» (12 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «A margem da lei» (12 anos)
ESTUDIO — Às 21 e 30: «A Raposa» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Emboscada na sombra» (17 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «A morte vem a cavalo» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «Krakatoa — Leste de Java» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «Charly» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «O voo fatal» e «Viva Gringo!» (12 anos)
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «O casamento» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Um dólar furado» (17 anos)
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «Estrela Negra» (12 anos)

Amanhã à tarde

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 16: «Mãos á obra» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «Helga, o segredo da maternidade» (21 anos)
COLISEU — Às 15 e 30: «Missão na China Vermelha» (12 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «A margem da lei» (12 anos)
ESTUDIO — Às 15 e 30: «A Raposa» (17 anos)
BATALHA — Às 15 e 30: «Charly» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 15: «Capas Negras» (12 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «Emboscada na sombra» (17 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «A morte vem a cavalo!» (12 anos)
TRINDADE — Às 15 e 30: «Krakatoa — o leste de Java» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «Um dólar furado» (17 anos)
JULIO DINIS — Às 15 e 30: «O casamento» (17 anos)

DECORA

A homenagem dos bombeiros ao comandante dos Municipais

As corporações dos bombeiros deste distrito tiveram, como dissemos, a iniciativa de uma homenagem ao sr. major Manuel Gedeão, comandante dos Bombeiros Municipais de Coimbra, prestando, assim, justiça à notável acção humanitária por ele desenvolvida, em prol do semelhante.

Foi marcada para domingo a homenagem, durante um almoço num restaurante da Rua da Sofia

A concentração das diversas corporações, far-se-á, às 12 e 30, no quartel da corporação, na Avenida Sá da Bandeira.

Além dos bombeiros deste distrito, associam-se à homenagem as corporações de Anadia, Pombal e Mealhada, e de muitas individualidades de relevo

Juramento de bandeira

Com a presença de autoridades civis e militares, incluindo o comandante da guarnição da cidade, sr. coronel Ilídio Antunes Baptista, decorreu, esta manhã, na parada do convento da Rainha Santa Isabel, em Santa Clara, a cerimónia do juramento de bandeira, pelos soldados recrutas do 1.º subturno, do 3.º turno, da escola de recrutas deste ano, que começou pela formatura geral, sob o comando do sr. capitão Lopes Furtado. Depois das honras prestadas ao estandarte regimental, o sr. tenente Silva Palito leu os deveres militares, seguindo-se a prédica dirigida aos soldados pelo sr. aspirante Abranches Pinto, que se referiu ao significado patriótico do acto. Seguiu-se a cerimónia do juramento, cuja fórmula foi lida pelo sr. major José Rosa Carvalhal.

Foram entregues diplomas aos soldados recrutas que mais se distinguiram na instrução e impostas medalhas aos que melhor se classificaram nas provas de tiro e físicas. Por fim, houve o desfile das tropas em parada.

Festas associativas

Para abertura das actividades artísticas e recreativas na presente temporada, haverá no Clube Recreativo de Coimbra (antigo Grémio Operário), amanhã, «Baile de Abertura», no qual colabora o conjunto «Os Rebeldes».

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — «O dia mais longo» (12 anos).
AVENIDA — «Uma Carreira Sensacional» (17 anos).
TIVOLI — A Irmã YéYé» (6 anos).
CASINO DA CURIA — «Onde está o Oscar?» (12 anos).

Farmácias de serviço

SILCAR — Rua Ferreira Borges.
UNVERSAL — Praça 8 de Maio.
ADRIANA — Praça da República.
S. SEBASTIÃO — Rua António Jardim..

FESTEJOS TRADICIONAIS NA FRONTEIRA DE QUINTANILHA

BRAGANÇA, 26 — Os funcionários em serviço na vizinha ponte internacional de Quintanilha, em colaboração com a população da freguesia de Quintanilha e entidades da vizinha Espanha, promoveram festas religiosas e populares em honra da padroeira da mesma ponte, Nossa Senhora da Boa-Viagem, que se venera num gracioso nicho, ao começo do lado direito daquela via rodoviária e junto do edifício da P.I.D.E. e da Alfandega

Foi, também, celebrado, pelo posto local, o «Dia da Guarda Fiscal», que tem São Mateus como patrono

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efeo	Compra	Vend.
Consolidado 3/4%	—	—	5 8$
Consolidado 3%	540$	—	540$
Consolidado 1 1/2%	632$	—	—
Centenários 4%	1 480$	480$	490$
Obrig. Tesouro 5%	—	—	—
Externo 1.ª Série	—	—	760$
Externo 2.ª Série C.	800$	800$	—
Externo 3.ª Série	—	732$	—
Externo 3.ª Série C.	890$	880$	900$
Caixotes 4.ª Série	—	—	80$

OBRIGAÇÕES:			
Aguas Lisboa 5%	—	—	490$
A P 1 5% 56	—	925$	—
A P 1 5% 58	—	925$	950$
C P 1 1/2% 55	—	—	905$
C P 1 1/2% 57	—	1.015$	—
C U 6%	1.005$	006$	—
C U 5% 58	1 004$	002$	003$
Gás Electr 4% 48	—	800$	—
Gás Electr 1/2 % 51	—	875$	880$
Gás Electr 5% 52	—	—	900$
Gás Electr 5% 58	—	—	890$
Gás Electr 5% 59	—	—	895$
Gás Electr 5% 62	—	—	—
Gás Electr 5% 63	—	905$	—
Gás Electr 5% 65	900$	—	900$
Gás Electr 5% 67	1.010$	010$	—
H e A. Alentejo 5%	—	820$	830$
H e Cávado 5%	—	—	—
H e Cávado 6%	—	995$	000$
H e Douro 5%	—	815$	—
H e Douro 6%	1 002$	000$	003$
H e Norte Port 5%	—	—	—
H e Estrela 6%	—	999$	000$
H e Zêzere 5% 55	—	—	860$
H e Zêzere 5% 57	—	—	860$
Lisnave 6%	—	1 000$	004$
Metropolitano 4%	—	—	900$
Metropolitano 5 1/4%	1.030$	1 025$	—
Moçambique 5%	—	750$	800$
Nac Electr 5%	—	830$	840$
Nitratos 5%	—	—	830$
Nitratos 5% 60	—	—	830$
Petroquímico 5%	—	860$	865$
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	800$	830$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	—	850$	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	84$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	—	—
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	850$	860$

AÇÇÕES:			
Bancos			
Agricultura	1.545$	545$	550$
Alentejo	890$	885$	900$
Angola	3.130$	3 130$	3 150$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	3.540$	3 540$	3.570$
E. Santo	—	—	—
E. Santo n	—	—	—
Fonsecas S.	—	—	—
L. & Açores p.	7.050$	7 030$	7.060$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	6.550$	6 550$	6.600$
Portugal n.	3.150$	3.100$	3 200$
Portugal p.	4 050$	4.000$	4.080$
Totta Aliança	6 300$	6 250$	6.350$
Ultramarino n.	2.900$	2 800$	2 900$
Ultramarino p.	3 165$	3 65$	3 175$
Seguros			
Alentejo	—	75$	77$
Douro	—	1 200$	—
Mundial	—	570$	600$
Sagres	—	1.450$	1 600$
Tranquilidade	—	45 000$	60 000$
Ultramarino	—	15 000$	30 000$
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	800$	795$	805$
Ag Cassequel	830$	828$	830$
Ag Incomat	—	980$	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	—	—
Buz	—	79$	81$
Cabinda	219$	218$	220$

Ultramarinos			
Diamantes Angola	1 980$	1.980$	1.985$
M E Revue	—	—	610$
Inc do Príncipe	—	—	—
Moçambique	149$	149$	150$
—	—	—	—
Sonete p	365$	362$	367$
Zambézia	80$	79$5	80$
Angolana	—	—	—
Diversas			
—	1.700$	—	1 700$
Cim Leiria	—	4.000$	4 100$
Cim Tejo	—	6 000$	6 100$
Sec Navegação	—	1.500$	1 550$
—	1.330$	1 10$	—
Ind Alianç	—	—	650$
Nac Navegação	—	3 600$	3 800$
Petroquímico	—	2 160$	2.200$
Port e Colónias	430$	420$	1 450$
Port Celulose	4 405$	4 400$	4 420$
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	745$	744$	745$
Sacor	—	—	4 850$
Siderurgia Nac	1.580,	560$	1 600$
Sacor	2.750$	2.710$	—
Tabacos de Portugal	1.580$	550$	1.600$
Tabaqueira	—	8 000$	8 600$
U Azoto	800$	795$	802$
Aguas Electr Gás			
Aguas Lisboa p	—	405$	425$
Aguas Lisboa 54	—	420$	—
Aguas Lisboa 56	—	—	410$
Elect Beiras	—	—	—
Gás Electr	428$	427$	429$
H e Alto Alentejo	1.57$5	1.57$5	58$
H e Cávado	1.255$	1.250$	—
H e Douro	1.224$	1.224$	225$
H e Norte Portugal	—	—	305$
H e Estrela	—	—	—
H e Zêzere	1.265$	1.260$	1.270$
Nac Electricidade	1.235$	1.230$	1.235$
Termoelectr Port	1.228$	1.226$	1.230$
U E P	1.95$	—	1.95$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	190$8	96$5
F I D E S	—	119$1	22$7

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	18/9/69	24/9/69	25/9/69
GERAL	141,3	138,9	139,3
METRÓPOL	136,9	134,4	134,8
ULTRAM.	173,4	171,9	172,7

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 e 2		
— Rands de 5 a 20	35$50	37$50
América:		
— Dollars de 1 e 2	28$15	28$55
— Dollars de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$00	69$00
Itália — Lira	$04,2	$04,6
Bélgica — Franco	$50	$54
França — Franco	4$90	5$30
Suiça — Franco	6$58	6$78
Marrocos — Dirham	—$—	5$10
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro		
Inglaterra — Libra Isabel	310$00	325$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$50	39$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

TAUROMAQUIA

Para a Sopa de S. João de Deus

Para a Sopa dos Pobres de São João de Deus, de Montemor-o-Novo, vem trabalhando Leopoldo Nunes, jornalista dos melhores, bom companheiro de reportagens na Metrópole e no Ultramar, na guerra de Espanha e, até, na crítica-tauromáquica, porque também a não desdenha cultivar. Que o abençoe o conterrâneo que fundou o primeiro hospital para leprosos, até então apedrejados como cães raivosos, e pelas ruas de Granada para eles pedia, aos ricos, e aos pobres, que tudo era pouco para a obra, como hoje é para a Sopa do seu nome em Montemor-o-Novo.

Encheu-se, ontem, o Campo Pequeno, e o festival constituiu um êxito, pelo qual foi muito brindado pelos toureiros Leopoldo Nunes, que, no intervalo, a todos ofereceu, também brindes de agradecimento, e com todos dava volta á arena no final.

Abriu o festival com chave de ouro, pelo muito bem que o mestre do toureio equestre David Teles lidou o primeiro, dos Irmãos Oliveiras, entre ovações e com volta á arena

Frederico Cunha, a quem chamam o cavaleiro da verdade, porque o é, e no seu toureio não existe artifício nem transigências com o gosto fácil, lidou bem o segundo da Baracha, e tão sério sempre, que recusou a dar a volta para que era solicitado.

E bem havia de estar no terceiro da lide equestre o jovem Frederico Pinto, cravando boas farpas ao inimigo, que buscava as tábuas e chegou a saltá-las, apesar da boa brega de Manuel dos Santos, o do «Campino»

Manuel dos Santos, matador-empresário, além da generosidade de ceder a praça, teve a de reaparecer como toureiro. Não encontrou colaborador no primeiro de Cabral Ascensão, pelo que desistiu de o lidar, e o fez, no final, com outro que lhe permitiu recordar os seus bons tempos

Bem banarilharam Tinoca e Manuel «Badajoz» os dois novilhos, talvez com excessivos pares, contra vontade de Sebastião Saraiva, que dirigiu bem

Amadeu dos Anjos, com um ideal colaborante de Cabral Ascensão que levou um único par de bandarilhas, brilhou com a capa e a muleta, hirto no centro da arena, e com os seus preciosos circulares e outros finos passes, que justificaram o maior entusiasmo ovações, música e voltas á arena com o ganadero.

Higares, que houve de substituir o seu colega «Paquirri», mostrou-se movido, talvez por ser a primeira vez que lida em Portugal

E se com chave de ouro abriu o festival, com áurea chave houve de terminar, com a confirmação do porquê de José Falcão ser dos primeiros em Espanha, em número de corridas e nos êxitos. A lide que desenvolveu foi de mestre, com a capa e a muleta e até bandarilhando a pedido do público. Parando e mandando bem, com perfeito «temple», desenhou modelares passes, sem deixar tocar a muleta, e completou o êxito com graciosos adornos Ovações entusiásticas, música e, no final, duas voltas á arena, a última com todos os lidadores, a seu convite, e o organizador do feliz e muito belo festival, belo pelo êxito dos cavaleiros, dos amadores de Montemor-o-Novo, que pegaram bem, e dos «espadas», e pelo belo fim a que se destina o seu avultado produto: a Sopa de São João de Deus.

«EL T. PÉREZ»

Em honra de Edith Evans

Realiza-se amanhã, sábado, na sede da Tertúlia «Festa Brava», um almoço em que será convidada de honra a distinta cavaleira tauromáquica americana Edith Evans.

LICEU
Diurno e nocturno
Ext. N.ª Sr.ª da Saúde
L. CONDE POMBEIRO, 12
T. 57048 (aos Anjos)

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Taça da Europa, em andebol de sete

DEMASIADO FORTES (PARA O SPORTING ACTUAL) OS CAMPEÕES DA HOLANDA

O Sporting não foi feliz no seu primeiro jogo da «Taça da Europa», em andebol de sete, perante o H. V. Sittardia, campeão da Holanda. Os visitantes venceram por 24-16.

Soçobrou a equipa portuguesa por margem para além do que se aguardava, não restando francamente, qualquer possibilidade de poder os Sittar rectificar o malogro agora verificado.

Os holandeses marcaram primeiro e, ainda antes de obterem novo golo, viram o esférico embater por duas vezes na madeira da baliza de Velraeds, um guarda-redes que, jogo fora, viria a ser sensacional. Após 2-0, novo remate á trave e, logo a seguir, a primeira das quatro grandes penalidades não transformadas pelos «leões».

O Sittardia chegou a 5-1, como corolário de uma superioridade que viria a ser evidente em toda a primeira parte, perante certa desorientação de um Sporting confundido e nìtidamente fora de «forma».

Muito seguros a defender, com um «pivot», Muyres, franzino, mas excelente, e tendo em Cantebberg um perigo a rematar, o intervalo chegou com os campeões nacionais a perder por 14-8, sem margem para qualquer reparo. O resultado estava certo e premiava a equipa cujo jogo se assemelhava com o andebol evoluído dos países mais desenvolvidos na modalidade, fruto do impressindível contacto internacional.

MATOS MOURA:
«Na Holanda faremos melhor».
MAAS:
«O público foi agressivo para nós»

O Sporting recomeçou o jogo bastante melhor. Besson mais seguro, a equipa mais eficiente na táctica defensiva, mas com certa precipitação nos lances de contra-ataque, até naqueles iniciados em Bessone, a não resultarem, por os seus adversários, atentos, colmatarem as suas intenções.

Os «leões» obtiveram três golos consecutivos, Brito falhou a sua primeira grande penalidade, mas os holandeses voltaram, então, a superiorizar-se no marcador e cimentaram a sua vantagem, acabando talvez um pouco fatigados, mas tranquilos.

O Sporting terá feito o que está ao alcance da equipa no momento — o seu primeiro jogo da época. O Sittardia é uma equipa que conhece os modernos segredos da técnica e da táctica andebolística, mas sem ter espantado. Rápidos, seguros na defesa, tiveram nos jogadores já citados, o guarda-redes, Muyres e Cantebberg os seus melhores elementos, bem orientados por Maas, seu jogador-treinador.

Nos «leões», Brito foi o único que se aproximou da sua bitola normal; Castanheira, o que mais tentou, com algum êxito o remate á baliza; e os restantes ainda longe daquilo de que são capazes.

Dos dois árbitros franceses, Grocq foi melhor que Martin.

SPORTING, 16
SITTARDIA, 24

Alinharam e marcaram:

SPORTING — Bessone (Anaia); Mesquita, Brito (3), Correia (2) Castanheira (7), Alfredo (1), Ramiro (2), Feist (1), Vítor Dias, Daniel e Armando.

H. V. SITTARDIA — Velraes; Smith, Rietbroek, Kivit (2), Muyres (5), Reinders (3), Cantelberg (5), Maas (2), Hausmans, Thissen (3) e Hofman (4).

No jogo preliminar o Belenenses venceu o Sporting, por 29-23, com a curiosidade de os «leões» terem apresentado o «internacional» Cunha (ex-F. C. Porto) e o nadador Felga Ribeiro.

AS OPINIÕES DOS TREINADORES

Findo o encontro, ouvimos os treinadores das equipas, que nos afirmaram:

MATOS MOURA, do Sporting: — Perdemos bem, porquanto o nosso adversário está mais «rodado». A minha equipa ainda não está em «forma». Estou convencido de que na Holanda faremos melhor.

MAAS, do Sittardia: — Foi um jogo difícil, muito duro, perante um adversário que emprega mais a força física e a intuição.

«O público foi deveras agressivo para com a minha equipa, e sem razão.»

TÉNIS

OS MELHORES DO MUNDO

LONDRES, 25 — (F. P.) — Lance Tingay, célebre especialista de ténis do «Daily Telegraph», publica, hoje, as suas listas dos dez melhores tenistas (homens e senhoras) do Mundo, no ano de 1969.

O quotidiano londrino foi o primeiro a estabelecer as listas mundiais de tenis, em 1914, mantendo a tradição desde então.

As listas publicadas são:

HOMENS — 1.º, Rod Laver (Austrália); 2.º, Tony Roche (Austrália); 3.º, John Newcomeb (Austrália); 4.º, Tom Okker (Países Baixos); 5.º, Ken Rosewall (Austrália); 6.º, Arthur Ashe (Estados Unidos); 7.º, Cliff Drysdale (África do Sul); 8.º, Ricardo Gonzales (Estados Unidos); 9.º, Andrés Gimeño (Espanha); e 10.º, Fred Stolle (Austrália).

SENHORAS — 1.ª, Margaret Court (Austrália); 2.ª, Ann Jones (Grã-Bretanha); 3.ª, Billie-Jean King (Estados Unidos); 4.ª, Nancy Richey (Estados Unidos); 5.ª, Julie Heldman (Estados Unidos); 6., Rosemary Casals (Estados Unidos); 7.ª, Kerry Melville (Austrália); 8.ª, Peaches Bartkowiez (Estados Unidos); 9.ª, Virginia Wade (Grã-Bretanha); e 10.ª, Leslie Bowrey (Austrália).

XADREZ NO BELENENSES

Integrada nas comemorações das suas «Bodas de Ouro», o Clube de Futebol «Os Belenenses», leva a efeito no sábado, 27 do corrente, ás 21 horas, na sua delegação (Av. da Liberdade, 105-2.º em Lisboa), um torneio de xadrez de partidas rápidas (5 minutos) interclubes, sendo atribuída a «Taça Cinquentenário» á equipa vencedora.

GUIMARÃES--BELENENSES

Delegação do Belenenses organiza no próximo domingo, dia 28 do corrente, uma excursão em autocarro a Guimarães, com partidas da Casa de Almada (á uma hora), de Belém (á 1.30) e da Praça Marquês de Pombal (ás duas horas).

As marcações podem ser feitas na delegação do Clube (Av. da Liberdade, 105, 2.º, Lisboa) ou pelo telefone 368196, das 13 ás 0 horas.

SÁBADO DESPORTIVO

BASQUETEBOL — Torneio do 50.º aniversário do Pedrouços, última jornada, com jogos entre vencidos e vencedores, no campo do clube, ás 21 e 30 e 22 e 30 horas.

CAMPISMO — 8.º Acampamento do Clube de Campismo do Concelho de Almada, no Casal do Sapo. Abertura do Acampamento, ás 10 horas; fogo de campo, ás 21 e 30.

FUTEBOL — Campeonato de reservas da A. F. L., 1.ª jornada: Sintrense-Casa Pia A. C., Alhandra-Oriental, Algés-Torriense, Sacavenense-Odivelas e Estoril-Atlético, nos campos dos primeiros, ás 16 horas.

— Campeonato de reservas da A. F. Setúbal, 1.ª jornada: Trafaria-Montijo, Barreirense-Amora, C. Piedade-Almada, V. Setúbal-Seixal e C. U. F.-Luso, nos campos dos primeiros, ás 16 horas.

PESCA DESPORTIVA — 2.º Grande Concurso de Pesca Desportiva de Mar, para Trabalhadores, organizado pela Casa Hipólito.

TIRO AOS PRATOS — Torneio (Pontes de Ensaio e Honra) no Stand dos Soeiros, ás 14 horas.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 4 — 9.ª época

Açores (Desportivo) — 11X 111 121 X111 Jornal Beira Baixa — 11X 11X 121 2211; Brados do Alentejo — 11X 11X 121 221X; Cavalgada do Ritmo — 112 X11 X11 X111; Centro Desportivo — 1X2 121 1X1 2X11; Comércio de Portimão 112 111 111 2111; Correio de Coimbra — 112 111 1X1 2212; Jornal Correio da Horta — 112 XX1 121 XX11; Correio do Vouga — 112 121 111 2111; Ecos do Desporto — 112 1X1 1X1 X11X; Estação Emissora do CAA. (SD) — 11X X11 XX1 1X11; Eu Sei Tudo — 112 1X1 121 2X11; Diário de Lisboa — 112 X11 1X1 XX1X; Diário da Manhã — 112 1X1 XX1 2X11; O Distrito de Setúbal — 112 XX1 2X1 2X1X; Folha do Domingo — 112 111 1X1 121X; Gazeta do Sul — 112 1X1 112 121X; A Ilha Desportiva — 112 1X1 121 2111; Imagens Piedenses — 112 1X1 111 1111; Jornal Estrela da Manhã — 1X2 1X1 11X 111X; O Jornal de Felgueiras — 112 111 X11 2211; Jornal da Lixa — 112 111 1X1 1X1X; Jornal de Santo Tirso — 112 X11 111 XX11; Jornal de Sintra — 112 1X1 1X1 2X11; Linhas de Elvas — X22 111 1X1 11X1.

Mundo Desportivo — 112 XX1 111 2111; Notícias da Amadora — 112 1X1 1X1 1211; Notícias de Beja — 1X2 XX1 1X1 2111; Notícias de Chaves — 112 X2X 1X1 1211; Notícias de Guimarães — 112 X11 1X1 X21X; Notícias de Penacova (Totofortuna) — 112 111 121 X111; Notícias de Penacova (Totopalpite) — 11X 1X1 1X1 211X; Onda Desportiva — 11X X11 121 2111; Peça Que Não Maça — 1X2 1X1 111 1111; Povo Algarvio — 112 121 111 X11X; Rádio Altitude — 112 111 1X1 1111; Rádio Ribatejo — 112 22X 2X1 X11X; Reconquista — 112 1X1 111 X111; Renovação — 112 111 1X1 1X11; República — 1X2 XX1 221 121X; Sporting — 1X2 1X1 1X1 2X11; O Telégrafo — 112 1X1 111 2111; Voz de Lamego — 112 211 121 X111; A Voz de Palmela — 122 22X 22X 2212; A Voz — 112 2X1 121 2X11; O Templário — 122 111 1X1 1111; Terra Alta — 112 2X1 11X 22X1; A Voz Desportiva — 1X2 1X1 1X1 1112; A Voz do Domingo — 1X2 1X1 1X1 2111; A Voz dos Ridículos — 112 111 121 X111.

Almanaque — 1X2 21X 221 X1X1; Auto Rádio — 122 1X1 X22 2X11; Boletim Desportivo (RCP) — 112 11X 1X1 2X1X; Boletim Desportivo do RP. — 112 XX1 111 1111; Cantinho Ricardo Lemos — 1X2 111 121 XX11; Cardeal Saraiva — 11X 11X 111 1111; A Comarca de Arganil — 1X2 1X1 1X1 X112; O Comércio de Gaia — 112 111 111 1111; O Comércio de Gondomar — 112 111 111 1111; O Comércio de Guimarães — 1X2 X11 121 X112; O Comércio de Leixões (DT (Desp.) — 112 X11 1X1 X111; O Comércio de Leilxões (DT UP) — 112 11X 111 1111; O Comércio do Porto — 112 111 1X1 XX11; Correio dos Açores — 111 X11 111 X22X; Defesa de Espinho — 1X2 XX1 111 1X11; De Tudo Um Pouco — 112 111 1X1 2111; O Desporto no Mundo (RCB) — 122 21X 112 1112; As 10 Espere Por Nós — X1X XX1 221 2X11; Diário dos Açores — 112 1X1 1X1 X211; Diário de Coimbra — 112 1X1 X21 XX11; Diário do Sul — 112 XX1 121 211X; A Defesa — 112 1X2 121 X111; Ecos de Cacia — 112 121 2111; Folha de Tondela — 1XX 1X1 111 XX1X; Dos Fracos Não Reza a História — 1X2 121 111 1111.

Ideal Rádio — 112 1X1 1X1 2X1X; João Semana — 211 X22 XX2 1112; Jornal da Beira — 112 X11 XX1 X111; Jornal de Notícias — 11X 11X 111 211X; Jornal do Sul (AD) — 112 X11 1X1 11X1; Jornal do Sul (TL) — 11X 111 1XX 11X1; Jornal de Viseu — 112 1X1 111 2111; A Lição do Menino Quim — 112 111 221 X111; Litoral — 112 111 111 X111; Maria da Fonte (Desp.) — 112 1X1 121 2111; Maria da Fonte (VP) — 1X2 111 1X1 2111; Momento do Totobola — 212 21X X21 1111; Música e Desporto — 1X2 1X1 2X1 X111; Notícias do Douro — 112 XX1 11X 1X11; Notícias d'Évora (VJT) — 112 11X 121 XX11; Notícias d'Évora (VD) — 1X2 X11 1X1 2111; Notícias de Gouveia (SD) — 1X1 1X1 122 X111; Notícias da Guiné — 112 111 121 2111; Notícias de Felgueiras (SD) — 112 11X 111 X111; Notícias de Felgueiras (Tot.) — 1X1 X11 1XX 1112; A Ordem — 112 111 111 X111; Palpite — 1X2 1X1 1X1 2X1X; Penalti — 112 121 XX1 1111; Póvoa de Lanhoso (CA) — 11X 111 111 2111; Póvoa de Lanhoso (Desp.) — 112 1X1 1X1 211X.

Programa Electro Mecânico — X12 212 X21 1111; Programa da Manhã — 121 111 111 1111; Programa Sem Nome — 112 1X1 221 1111; Rádio Clube do Norte — 122 11X X11 X211; Rádio Placard (ENR) — 112 111 121 X11X; Rádio Placard (RCP) — 112 11X 1X1 2111; Rádio Placard (RCP de Lx.) — 112 11X 121 1111; Rádio Sports — 112 X11 1X1 1111; Repórter do Dia — 112 111 X21 2X11; Repórter do Dia (Angola) — 112 1X1 111 XX11; Resenha Desportiva — 112 X11 1X1 21X1; Só-Rádio — 112 1X1 221 X111; Sorriso da Hora do Almoço — 112 1X1 1X1 1X11; Tribuna Desportiva (EOGP) — 112 X1X 1X1 XX11; Passatempo — 112 X12 X11 2112; Correio do Douro — 112 X1X 1X1 11X1; Norte Desportivo — 112 1X1 1X1 1111; Vamos à Bruxa (Adesivo) — 112 X21 121 2X11; Vamos à Bruxa (D. Conchita) — 112 1X1 121 221X; O Porto — X12 XX1 1X2 111X; Colina Sagrada — 11X 211 121 2212; Novidades — 112 121 1X1 211X; A Rabeca — 112 XX2 111 1X11.

Onda da Manhã — 222 111 X11 2X12; Renovação — 1X2 11X 211 X2X1; Boa Noite — 112 22X 1X1 12X1; Jornal Desportivo — 112 211 X2X 2X1X; A Noite e o Ouvinte — 11X X1X 112 XX11; Encontro com a Noite — 11X X21 XX2 1111; Tic Tac — 112 X1X 1XX 1111; Domingo Alegre — 112 X11 X21 121X; Roteiro Sonoro — 112 2X1 X11 2X11; Relato F. Português — X12 1X1 1X1 2111; Relato F. Ronga — 112 111 1X1 1X11; Bondiazinho — X12 X11 X21 221X; Cidade 69 — 22X 1X2 1X1 211X; Vamos Jogar no Totobola — 112 211 121 1111; A Tribuna — 122 2X1 X21 22X2; Página de Moçambique — 112 X11 121 X112; Diário — 112 1X1 121 211X; Notícias — 112 111 1X1 X11X; Brado Africano — 1X2 1X2 111 X21X; Onda Desportiva — 112 111 121 2X11; Noticiário Desportivo — 112 1X1 121 2X11.

A Província — 112 1X1 1X1 2X11; Comércio — 1X2 X21 1X1 X111; Diário — 1X2 1X1 111 1111; Lobito — 1X2 1X1 121 XX1X; A Nossa Chave — 112 1X1 111 2X11; Café da Noite — 11X 121 X12 112X; Programa C — 122 XX1 XX1 2X11; Passatempo PLM — X12 121 X11 2XXX; Galeria Desportos — 1X2 2X1 12X 2X21; Loja de Antiguidades — 112 XXX 1X1 XX11; Gazeta Radiofónica — 112 X11 121 21X1; Toto o Gaz — 112 111 121 111X; Krande Roda — 112 1X1 121 1X12.

RESUMO
CONCURSO N.º 4

N.º	JOGOS	1	X	2	BOLAS 1	X	2	(a)
1.	Setubal-Leixões	147	7	4	10	1	1	
2.	Braga-U. Tomar	121	27	10	9	2	1	
3.	Barreirense-Sporting	5	17	136	1	1	10	
4.	Varzim-Cuf	100	42	16	8	3	1	
5.	Guimarães-Belenenses	76	65	17	6	5	1	
6.	Gouveia-Penafiel	128	23	7	9	2	1	
7.	Espinho-Marinhense	122	25	11	9	2	1	
8.	Leça-Salgueiros	45	64	49	4	4	4	
9.	Tirsense-Lamas	140	9	9	10	1	1	
10.	Leões-Torriense	50	45	63	4	4	4	
11.	Seixal-Montijo	88	46	24	6	4	2	
12.	Peniche-Tramagal	143	12	3	10	1	1	
13.	Sintrense-Oriental	107	37	14	8	3	1	

E o prognóstico lógico será: 112 111 1X1 2111

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Gèral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Amadeu José de Freitas e Joaquim Agostinho, fotografados em França, no decorrer do «Tour». Desse seu convívio nasceu um novo livro

«EU... E AGOSTINHO»
– um livro de AMADEU JOSÉ DE FREITAS

É muito escassa a bibliografia desportiva portuguesa, quer se trate de estudo de uma actividade que tem o seu lugar no mundo de hoje, quer estejam em causa a análise das grandes competições ou a biografia atenta dos campeões mais famosos. Por isso, os entusiastas do desporto sempre se regozijam quando um novo livro se dedica a temas ou figuras que lhes são gratos.

É este, sem duvida, o caso de «Eu... e Agostinho», que o nosso camarada de trabalho Amadeu José de Freitas escreveu, com o seu aguçado sentido de «reporter» e a autoridade que lhe concedeu, não só a sua experiência do mundo do desporto, mas também o facto de ter vivido (como enviado especial do «Diário de Lisboa») essa aventura velocipédica por estradas de França, que transformou um humilde rapaz do concelho de Torres Vedras em figura admirada no desporto mundial.

Tão raros são os praticantes portugueses de qualquer actividade desportiva que assim pulam para a popularidade, que Joaquim Agostinho bem merecia este «retrato», a que Amadeu José de Freitas deu o traço vigoroso da sua prosa de «reporter».

O novo livro, que começa por historiar o nascimento e a evolução da bicicleta e recordar o nascimento da grande prova que é a Volta a França, está o «filme» dos triunfos e sofrimentos do corredor português no «Tour», e o período que se seguiu, desde a euforia popular á confirmação no «Grande Prémio Robbialac», para terminar com a «Volta a Portugal» e o estudo a todo o delicado problema, que se seguiu, com a acusação de «doping» que pesa sobre o famoso corredor.

É pois, e além do mais, uma reportagem de grande oportunidade, a que Amadeu José de Freitas nos oferece neste seu livro editado pela Editorial Ibis, com excelente aspecto gráfico.

Carlos Abreu: «A necessidade da educação física»

O treinador nacional de ginástica, professor Carlos Abreu, profere hoje, ás 21 e 30 horas, na sede do Lusitano da Penha de França, na Rua Padre Sena Freitas, 22-A, uma palestra subordinada ao tema «A necessidade da educação física no momento actual», que será completada com a projecção de diversos filmes, que apresentam algumas das principais competições da modalidade, que ultimamente, se realizaram em todo o mundo. A iniciativa integra-se nas comemorações do 16.º aniversário do Lusitano da Penha de França.

No próximo domingo

DO POÇO DO BISPO A CASCAIS
(quarenta e cinco quilómetros a nadar)
TENTATIVA DE UM JOVEM DE 18 ANOS

«Sinto-me com forças. E até deixar de fumar...» — diz-nos Mário Fernando Crespo, um rapaz franzino, de 18 anos de idade, que exerce a profissão de empregado comercial e tem como «hobby» a natação em longas distancias.

Ainda recentemente, ele fez a travessia do Tejo entre o Poço do Bispo e a Trafaria, mas logo começou a sonhar com outra e mais dura empresa: nadar qualquer coisa como quarenta e cinco quilómetros, desde a doca do Poço do Bispo até Cascais.

Não será muito?

«Tenho muita esperança de conseguir. Se não, claro, nem sequer tentava. Mas se me sentir mal, não há problema nenhum: desisto e mais tarde tentarei outra vez».

Mário Crespo não está inscrito em nenhum clube *(«serei acompanhado por um barco de apoio, com vizinhos meus amigos»)* e a proeza que se propõe cometer não é inédita — mas quase: *«Só um homem conseguiu, até hoje, nadar do Poço do Bispo a Cascais. E foi há muitos anos, um nadador como não voltaremos a ter outro: o Baptista Pereira».*

O Mário Crespo vai lançar-se à água ás 6.30 h. da manhã de domingo e conta chegar a Cascais, o mais tardar, lá para as onze horas. *«Se chegar, claro...»* — adverte, ele, prudente.

Mário Fernando Crespo, de 18 anos: a aventura de uma longa prova de natação

O ciclista Manuel Castro emigrou para França

Manuel Castro (o conhecido «Ratinho») que ultimamente representou a Ambar tendo comportamento de certo destaque na última Volta a Portugal, emigrou para França em procura de melhores condições de vida.

Parece, no entanto, que Manuel Castro não está bem certo de se fixar em França (já anteriormente fez uma experiência regressando à sua terra natal) e pelo sim pelo não pediu na empresa onde trabalhava ultimamente (manufacturas «Ambar») uma espécie de licença ilimitada, isto é solicitando a reserva de um lugar para qualquer eventualidade. O conhecido «Ratinho», que em França não abandonará totalmente a sua preparação como ciclista, partiu com ideias de regressar pelo menos para a próxima Volta a Portugal e é sua intenção representar aquela prestigiosa firma da indústria nacional.

HOJE À NOITE

ATLETISMO — Distribuição de prémios da Associação de Atletismo de Lisboa, no Campo de Ourique, ás 21 e 15.

GINÁSTICA — Palestra pelo professor Carlos Abreu e exibição de filmes, no Lusitano da Penha de França, ás 21 e 30.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão: Oeiras-C. Ourique, Cascais-Parede, Sporting-Paço de Arcos, Belenenses-Sintra e C. U. F.-Física — nos rinques dos primeiros, ás 22 e 15.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato de Lisboa da 1.ª Divisão: Oeiras-C. de Ourique, Cascais-Parede, Sporting-P. Arcos, Belenenses-Sintra e C. U. F.-Educação Física, nos rinques dos primeiros, ás 21 e 15 (reserva) e ás 22 e 15 (1.ª categoria).

NO BELENENSES, DIA 30

«PROBLEMAS CONCRETOS»
(DE SOCIOLOGIA DO DESPORTO)
NUMA PALESTRA DO PROFESSOR JOSÉ ESTEVES

«A sociologia desportiva através de uma duzia de problemas concretos» — é o tema da palestra que o professor José Esteves vai proferir na noite da próxima terça-feira nas instalações do Belenenses sitas na Av. da Liberdade.

Esta palestra integra-se nas comemorações do 50.º aniversário daquele prestigioso clube e, através dela, José Esteves abordará *problemas concretos* do maior interesse e actualidade.

Como se verifica pela simples enunciação das perguntas que faz — e sobre as quais se deterá com os seus amplos conhecimentos do desporto:

1 — Será possível eliminar o «doping»?

2 — São imorais os ordenados ganhos pelos grandes artistas do espectáculo?

3 — Haverá um limite de possibilidades humanas, para os recordes do Atletismo e da Natação?

4 — Quando é que o desporto é uma escola de virtudes?

5 — À semelhança do que já sucede no Ciclismo, a publicidade comercial irá dominar num futuro mais ou menos próximo todas as manifestações de carácter desportivo?

6 — Porque são das classes desfavorecidas os desportistas profissionais?

7 — Haverá uma explicação para o aumento, cada vez mais pronunciado, de jogadores do Ultramar, no futebol metropolitano?

8 — Porque razão os clubes latinos têm revelado uma superioridade esmagadora, na conquista da «Taça dos Campeões Europeus»?

9 — Porque motivo nós, os portugueses, nunca tivemos um campeão ou recordista europeu, olimpico ou mundial, no Atletismo e na Natação?

10 — Quem deve pagar os custos do espectáculo desportivo? Os espectadores, a quem ele se destina, ou também os organismos oficiais (através de favores directos e indirectos)?

11 — Qual é mais importante, para um verdadeiro prestigio nacional: a valorização educativa, higiénica e recreativa da massa da população, ou as vitórias dos pequenos grupos de escol, de amadores ou de profissionais, que representam as várias federações de um país?

12 — Haverá alguma relação entre o nivel de vida das populações e os êxitos internacionais do conjunto das selecções desportivas dos vários países?

PARA O JOGO DE AMANHÃ

Benfica e Académica «sem problemas»

A Académica não se mostra preocupada com o confronto de amanhã, á noite, no Estádio da Luz, com o Benfica.

A equipa escolar não alterou o seu esquema de preparação. Ontm, á tarde, os estudantes fizeram o seu habitual treino de conjunto e devem voltar hoje ao «Municipal» para uma sessão (breve) de preparação física.

Entretanto o técnico Francisco Andrade não tomou ainda qualquer decisão definitiva com vista á formação a apresentar contra os benfiquistas. E porque conta com todo o «plantel» uma vez que não tem jogadores lesionados admite-se que o treinador da Académica faça alinhar a mesma equipa que inicialmente defrontou (e venceu) o Varzim e que é a seguinte: Maló; Curado, Alhinho, Belo e Araújo; Rui Rodrigues e Gervásio; Vítor Gomes, Manuel António, Néne e Mário Campos.

Entretanto no Benfica «respira-se» também um clima de tranquilidade. A equipa encontra-se concentrada em Carcavelos seguindo o habitual esquema de treinos preconizado por Otto Glória.

Anuncia-se porém uma novidade no estágio dos benfiquistas: Artur Jorge, o ex-estudante que se transferiu para os «encarnados» deverá juntar-se hoje aos seus novos companheiros de equipa.

Para defrontar a Académica? Certamente que não. Apenas para iniciar uma adaptação aos nossos moldes em que bem exerceu a sua actividade. Dentro desse princípio o jogador deverá deslocar-se também á Dinamarca, onde se admite, já possa vir a ser utilizado.

Otto Glória, também não tomou ainda qualquer decisão definitiva quanto á formação da equipa. Porém, tudo leva a crer que será a mesma que defrontou o Belenenses. José Henriques, Malta da Silva, Humberto Coelho, Zeca e Adolfo; Toni e Mário Coluna (ou Jacinto); Simões, Torres, Eusébio e Diamantino.

Hóquei em patins

BENFICA: TRÊS VITÓRIAS NO TORNEIO DE SÃO PAULO

SÃO PAULO, 26 — (F. P.) — O Benfica derrotou o Racing da Argentina por 6-1 num encontro de hóquei em patins correspondente á quarta jornada do torneio internacional que está a ser disputado nesta cidade.

Nos outros dois encontros, o Reus, de Espanha, impôs-se ao Internacional do Brasil por 5-0 e a Portuguesa de Desportos venceu o Regatas Santista por 5-2. O Benfica e o Reus, com seis pontos em três encontros disputados, ocupam o primeiro lugar, seguidos pela portuguesa de desportos com quatro, Racing com dois e Regatas Santista e Internacional com zero.

Propriedades

— VENDAS —

ANDARES

EM ODIVELAS
Com 5 e 6 casas assoalh., em prédio de luxo, prontos a fazer escritura. Rua E, á Av. Prof. Dr. Augusto de Abreu Lopes, Lotes 18 e 19.
TRATA:
F. FERNANDES & COSTA, LDA.
Av. Alm. Reis, 104-2.º
Telef. 536111

ANDARES

NO LUMIAR — 3 boas div. assoalh. excelente panorama. preços muito acessíveis. Rua Projectada entre a Estrada do Desvio e a Estrada da Ameixoeira, 47.
TRATA:
Praça dos Restauradores, 13, 2.º — Telefs. 32040/428143.

Contacto
PUBLICIDADE
Telef. 847260

PRÉDIO

POR 1780 CONTOS — A Algés, de 4 pisos, frente a evinel, hab. c/ 4 c. assoalh e 2 c. de banho, 3 inq., rende 124 000$00.
TRATA: A LUZAFRICA
Calç. do Carmo, 6, 2.º
Telef. 36 80 80

PRÉDIO

de construção moderna em bom local de Algés, revestido a Evinel, composto de 8 inq. c/ 3 casas assoalhadas a render 145 800$. P.: 2 400 000$.
Trata: F. Fernandes & Costa, Lda., Av. Almirante Reis, 104, 2.º, Telef. 536111-2-3.

PRÉDIOS, ANDARES, MORADIAS, TERRENOS, Dinheiro S/ prédios

não compre sem consultar a
PREDIAL
ROBREL
R. Rodrigues Sampaio, 69

EMPRESTA-SE rápida mente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1 ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires, Rua da Prata, 291, 2.º Dt.º — Telfs 325487 e 370618 (junto á P da Figueira)

CASAS para alugar

Procure V. Ex. nos nossos escritórios onde temos sempre variadissimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importancia título de comissão aos inquilinos
Trata: SOC. CONSTI INVICTA. Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs.: 30259-34755

Em ALMADA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Veríssimo Praça da Restauração 12

ANDARES

155 c. 180 c., 210 c., 275 c., 415 c. e 490 c. 2, 3, 4 e 5 div. assoalhadas, cozinha, 1 e 2 c. banho, despensa, marquise em prédios novos de const. luxuosa, em bons locais de Lisboa e arredores.

ORCOSI

R. 1.º Dezembro, 45-3.º, Esq.º—Telefs.: 323172-367444

CRIADAS

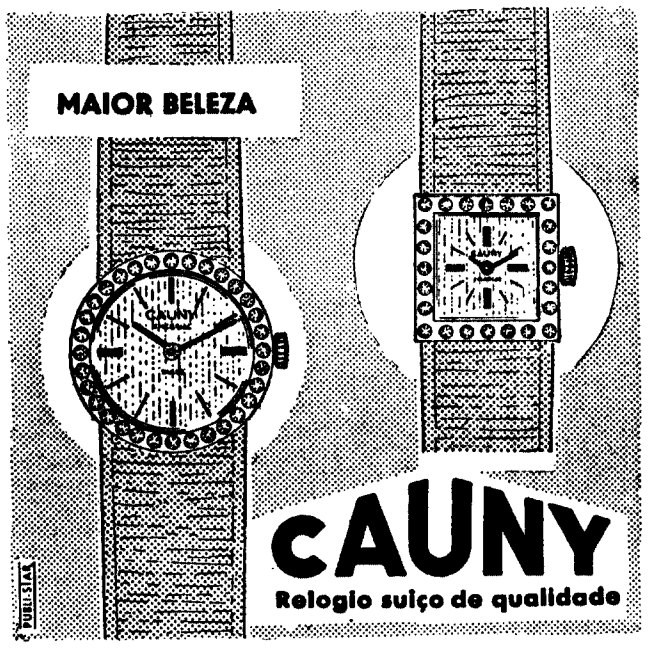
Organismo oficial admite criadas com o salário mensal de 625$00 e 725$00 no caso de não terem vagas nas camaratas, com direito a alimentação e reforma e com perspectivas de melhoria.
Devem possuir a habilitação da 4.ª classe e idade compreendida entre os 18 e 34 anos.
Resposta a este jornal ao n.º 349.

ÁLVARO NUNES

Agência de Compra e Venda de propriedades
Empréstimos com garantia hipotecária
Autorizado oficialmente
Escritório: LARGO DO CHAFARIZ, 16-2.º
Telef. 21393 — FUNCHAL

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

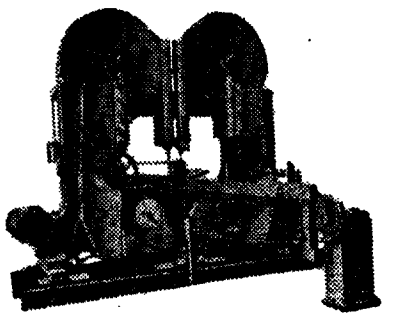
F. FERNANDES & COSTA LDA
(MEDIADORES AUTORIZADOS)
AV. ALMIRANTE REIS, 104-2. — TELEF 53 61 11/2/3



NIVICO

JVC (RCA — VICTOR DO JAPÃO)
QUALIDADE DESDE 1927
ELECTRÓNICA
HI-FI • STEREO • GRAVADORES
RÁDIOS • TV • DISCOS • CASSETES

«MIDA»



SERRA DUPLA
Mod. SD-11

UMA FABRICA INTEIRAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA A INDUSTRIA DE
* SERRAÇÃO
* CARPINTARIA
* MARCENARIA

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5
Filial em Lisboa:
Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef. 44147)

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar Floriano M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave Telef. 448446.

Contacto
ANÚNCIOS

Stand Patrício

Tem sempre um automóvel para si.
Av. de Berna, 48-A
Telef. 76 42 34

Vauxhall Viva S. L. 90, 1968
SAAB de Luxe s/ registo, 1968
Fiat 850 Spider, 1967
N. S. U. Prinz 1000, 1966
Morris 1100, 1964
OPEL Kapitan, 1961
Austin A-30, 1953
Vespa 400, 1960
VENDE: MARCELO
Av João Crisóstomo, 47-C

ESTAMOS sempre compradores: Automóveis, Furgonetas Utilitárias. Pagamento imediato. Antes de vender faça uma visita á nossa casa. Garage Boa Viagem, Ld.ª, Rua Sampaio e Pina, n.º 56/60, Lisboa. Telef 683737.

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B.
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1.
- 42890 — Táxis Universo, Ld.ª —Av Republica, 26.
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1.º
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Ld.ª — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169 — 539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B.

Em SESIMBRA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por PEDRO BAPTISTA CARDOSO — Rua Candido dos Reis, 12.

LUSOLANDA — NSU

AUTOMÓVEIS
FACIL. PAGAMENTO E TROCA

Várias marcas provenientes das n/ retomas nas melhores condições

NSU, Prinz 4	FIAT 600 D
NSU, 1000	FIAT 2300
NSU, Typ 1100	SIMCA 1000
NSU, TT	SIMA ARONDE
NSU, Spider, descap.	HILMANN IMP
BMW 700	AMI 6
AUSTIN COOPER 1000	GLASS 1700
AUSTIN COOPER 1300 S	e outros

SECÇÃO CARROS USADOS E NOVOS
Av. da Republica, 84-C — Telef. 778073 — LISBOA

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de enovar os livros da sua escrita, consulte a Papelaria Ferros — R. de S. Julião, 64-66

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
Sede: Calçada do Duque, 20
LISBOA

ADMINISTRAÇAO

Pagamento do juro de obrigações relativo ao semestre decorrido de 1 de Abril de 1969 a 30 de Setembro de 1969

São avisados os portadores das seguintes obrigações de que o pagamento do juro relativo ao semestre decorrido de 1 de Abril de 1969 a 30 de Setembro de 1969, será efectuado a partir de 1 de Outubro p.º f.º, aos seguintes preços:

Emissão C. P. 4 1/2% — 1965 Esc. 22$50 — para os títulos ao portador e nominativos;
Emissão C. P. 5 1/2 — 1967 Esc. 27$50 — para os títulos ao portador e nominativos
O pagamento efectuar-se-á:

para os títulos ao portador (cupão)

— na Sede da Companhia no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
no Banco Fonsecas & Burnay — em Lisboa no Porto
no Banco Lisboa & Açores — em Lisboa no Porto
no Banco Pinto & Sotto Mayor

para os títulos nominativos:

na Sede da Companhia na Filial do Banco Fonsecas & Burnay, no Porto

O pagamento na Sede da Companhia efectua-se *todos os dias úteis, desde as 10 às 13 horas e aos sábados desde as 10 às 12 horas.*

Lisboa, 10 de Setembro de 1969.

Capitais

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
Ficando na mesma de sua propriedade CONSULTE JÁ A
ORCOSI
E FICARÁ SATISFEITO
Rua 1.º de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44 / 32 31 72

HIPOTECAS
sobre
PROPRIEDADES
E AUTOMÓVEIS
ROBREL
R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 4 46 02 - 53 65 69

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses.
SIMPLES, EFICIENTE ECONÓMICO
T. 560713

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — OS INDIFERENTES — São Luiz e Alvalade

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 21.30
ESTREIA
Veja anúncio especial
CLAUDIA CARDINALE
e ROD STEIGER n
OS INDIFERENTES
Às 18.15 — últimas exibições
QUANDO BEIJAS
UM DESCONHECIDO
(Adultos)

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
As 21.30
ESTREIA
Veja anúncio especial
CLAUDIA CARDINALE
e ROD STEIGER em
OS INDIFERENTES

SÃO JORGE
(Adultos Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
Um novo filme de
CLAUDE LELOUCH
VIVER, AMAR MORRER
com Amidau — Caroline Cellier

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
O mais discutido filme de
Alain Resnais
AMO-TE, AMO-TE
c/ Claude Rich, Olga Georges-Picot

FUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
BARBRA STREISAND
e OMAR SHARIFF em
FUNNY GIRL
(Uma rapariga endiabrada)

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
Às 21.30 (M. 17 anos)
O inesquecível filme de maior sucesso mundial
DOUTOR JIVAGO
Maravilhoso espectáculo em 70 mm

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
Um filme extraordinário de interesse e realismo
A CHAMADA
c/ Catherine Deneuve
e Michel Piccoli

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
em 2.ª SEMANA
Às 15.15 e 21.30
a mais bizarra concepção de sexo na era do espaço
BARBARELLA
com Jane Fonda e Ugo Tognazzi

VOX
(M 21 anos) Tel. 120808
Às 18.30 e 21.45
10.ª SEMANA
DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade)
comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade, quando haja dúvida na avaliação da idade.

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
UMA CARREIRA SENSACIONAL
(Il Medico Della Mutua)
com Alberto Sordi, Bue Valoxi
e Evelyn Stewart
AR CONDICIONADO

AVIS
(M 6 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Uma sensacional comédia
O ÁS DO PEDAL
com Bourvil
Franscope — Eastmancolor
Autorizado para maiores de 6 anos á tarde e á noite

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 h.
UM HOMEM EM LEILÃO
O EMISSÁRIO DA MAFIA

TIVOLI
(M 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. e.)
e 9.30 da noite
UM ESPECTÁCULO DE GARGALHADA SEM FIM
O GENDARME CASA-SE
com LOUIS DE FUNES

LIZ
(12 anos) Tel. 48560
Às 21 h.
Em continuação de ESTREIA
CEM ARMAS AO SOL
A RAINHA VIRGEM

POLITEAMA
(M 12 anos) Tel. 32 63 05
HOJE: 15.15, 18.15 e 21.30
EM GRANDE ÊXITO
Um filme de acção explosiva
COMISSARIO X
3 PANTERAS AZUIS
com Tony Kendall e Brad Harris
Mais aventuras... Mais mulheres... Mais acção... Mais «suspense»...
Eastmancolor

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30 h.
A última obra de CLAUDE CHABROL
A MULHER INFIEL
com Stephan Audran, Michel Bouquet e Maurice Ronet

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
7.ª SEMANA
A obra fundamental de
Roman Polanski
REPULSA
com Catherine Deneuve
e Ivonne Furneaux

CONDES
(Adultos) Tels. 322523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Em 2.ª SEMANA
OS COMEDIANTES
70 mm
Richard Burton, Elizabeth Taylor, Alec Guinness e Peter Ustinov
(Ar condicionado)

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 820768
Às 21.45
4.ª SEMANA
Veja anúncio especial
O extraordinário filme de
WALT DISNEY
O LIVRO DA SELVA
Às 18.30 — última exibição
A ESTRELA DO SUL
(Maiores de 12 anos)

ODEON
(Adultos) Tel 326283
15.15 e 18.15 (P. r.) e ás 21.30
UM FILME DE MISTÉRIO... CRIME... E AVENTURAS AUDACIOSAS
PASSAPORTE PARA A MORTE
com Tom Tryon (o famoso protagonista de «O Cardeal»)
e Lorenza Guerrieri
Tecniscope — Eastmancolor

ROMA
(Adultos) Tel 727778
Às 15.30 e 21.45 h.
Uma novela de
Graham Greene
OS COMEDIANTES
com Richard Burton, Elisabeth Taylor, Alec Guinness e Peter Ustinov
70 m/m PANAVISION
ALETROCOLOR

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e às 21.30
NÃO AMES UM DESCONHECIDO
com John Drew Barrymore
e Robert Bray

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Ás 15 e 21 h.
A RAPOSA
GOLPE SOBRE GOLPE

A DOENÇA DO PALHAÇO JOSÉ

Da menina Maria de Fátima Cruz Sampaio de Carvalho recebemos, para o palhaço José, que, como temos noticiado, se encontra doente, a quantia de 50 escudos

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Grande Comp. Internacional».

TEATROS

VARIEDADES — Às 21 e 40: «Os direitos da mulher» (17 anos).
TEATRO MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23 h.: «Amor ás riscas» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «A Moça» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e ás 23 h: «Ena, já fala» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Os corruptos» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Uma garota do outro mundo» (17 anos).
ARCO-IRIS — Às 21: «A volta do pistoleiro» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «Rica, bonita e para casar» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Leio nos teus olhos» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Raquel, Raquel» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Filhos de ninguém» (17 anos)
MOSCAVIDE — Às 21 h.: «A Princesa» (17 anos).
B ENCARNAÇÃO — Às 21 h.: «A Borboleta Vermelha» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21 h.: «Para além dos montanhas» (17 anos).

LIMPEZA E RESTAURO DE CARPETES

Consulte os serviços especializados da FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO Pedidos aos escritórios R Conde Redondo, 64, 2.º Dir — Telef 59288 ORÇAMENTOS GRATIS

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

MÁRCIA CONDESSA
Domingo, 28-9 — M/17
FESTEJA
MAIS UM ANIVERSÁRIO NATALÍCIO
Será uma noite de surpresas. Até actuará Alfredo Loureiro (fadista de Santarém)
Praça da Alegria, 38 — Telef. 307093
Marcam-se mesas

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● **Em Lisboa — Turno I**

ALCANTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato 74 (660187)
ALMIRANTE REIS — Cândido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (45751) * Góis, Lda., Sucrs., Rua dos Anjos, 2-C-D (840101).
ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (728277).
ALVALADE — Sanex, Av da Igreja, 31-C (776905) * Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (722384) * Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro 4-C (721409).
AREEIRO — Algarve, Av. de Roma, 7-B (777478)
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av da Republica, 53-D-E (771661) * Figueiras, Av Marquês de Tomar, 20 (44995) * Cruz Nunes Pr. Duque de Saldanha, 14 (41845) * Novais, Av. Luís Bivar, 11-13 (44324)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R 27, 41 (311'2 6)
BAIXA — Lima Amaro, Suc., Pr da Alegria, 27-28 (32 49) * Veladas, Suc., R do Madalena, 235 (326260) * Cortez, R de S. Nicolau, 93 (325378)
BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (704828) * Vitex, Est. de Benfica, 373-B (780548) * J. Ribeiro, Est do Luz, 199-A (780969)
BELÉM — Gomes, Suc., (Gonçalves) R. da Junqueira, 326 (638193)
BOM SUCESSO — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias 63-A (611454).
CAIS DO SODRÉ — Africana, R. Bernardino Costa, 45 (369120).
CAMÕES — Pinharanda, R da Rosa, 94-96 (321534)
CAMPO GRANDE — Cabrita, C. Grande, 220-22 (772397)
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 31-133 (686640) * Urbano de Freitas, R. Silva Carvalho, 1-9 (662838) * Elmo, R D Maria Pia, 358-A (686176)
CAMPOLIDE — Judice de Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424)
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge — Galinheiras (790969)
CONDE REDONDO — Salus, Rua Luciano Cordeiro, 13 (42239)
ENTRECAMPOS — São Miguel, R. Francisco Morais (77 469)
ESTEFÂNIA — São Jorge, Av Rovisco Pais, 32-A-B (534027)
ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta da R Possidónio da Silva, 162-A (669485) * Rodrigues & Aires Rua da Lapa 52-54 (662246).
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790480)
OLIVAIS — Central dos Olivais, R Alferes Barrilaro Ruas, 1-C Olivais Norte (375539) * Antunes Rosas, R C I para a Praça Cidade do Luso, Olivais-Sul (313610).
PALHAVÃ — Laranjeiras, R Filipe da Mata, 60-62 (76 035)
PICHELEIRA — Luzmar, R João Nascimento Costa 6-A (728395-720703)
MARQUÊS DE POMBAL — Ribeiro & Castro, R. Duque de Palmela, 30-B-C (43409).
RESTELO — Belém, R Tristão Vaz, 10-A, o engaste do Restelo (6122418).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calçada de D. Gastão, 30-32 (381279) * Pereira, Suc., R. do Paraíso, 98-100 (863224) * Branquinho, R dos Sapadores, 87 (842725)
SANTO AMARO — Dilena, Rua Aliança Operária, 49-A-B (636620) * Costa, R dos Lusíadas 32 (636704)
SÃO BENTO — Confiança, Praça das Flores, 59 (827901).
MOSCAVIDE — Banha, Av Moscavide, 22 (2518518).

● **Outra Banda**

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «As feiticeiras» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «O inspector louseau» e «Norman leiteiro» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Terra sangrenta» (17 anos).

● **Linha de Cascais**

ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Não ames um desconhecido» (17 anos); CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «O Diabo atrás da porta» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Raparigas modernas» (17 anos).

● **Linha de Sintra**

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «Bonecos de carne» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Maigret e o espião» (17 anos)
SINTRA — CINE-TEATRO — Às 21 e 15: «Musica no coração» (12 anos)

● **Linha de Cascais**

ALGÉS — Miramar, R Ernesto da Silva 8 (212048)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (24 28 39)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás R Costa Pinto, 186 (T 2432034)
OEIRAS — Godinho — R Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Macau, R Elias Garcia, 62-B (247 185)
ESTORIL — S João — S João do Estoril (Tel 26 86)
MONTE ESTORIL — Ostende, Rua de Espinho, (26039
CASCAIS — Misericórdia — R Regimento 19, n.º 4 (T 280 41); Cascais — R Conde de Monte Real — B.º Caixa (Tel 282407)

● **Linha de Sintra**

AMADORA — Amadora, Praceta 28 de Maio 3-A 9355 8 * Carmelo, R Elias Garcia Lote 28 (933303) * Helénica Rua Elias Garcia, 2 9336 3 * S Jorge, R Pedro de Neary Reboleira (938103
DAMAIA — Damaia, Av. Alexandre Gusmão, 9-A (T 933920)
QUELUZ — Correia, Mercado, 3 (95090) * Zeller R. da Republica
CACÉM — Central, Garcia, 55 (Tel
MEM MARTINS — Quimis, Mem Martins, 185 (T. 2910078)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes (Estefânia) — Largo Rainha D Amélia, 24 (Tel 980832).
VENDA NOVA — Nova — R. Elias Garcia 0 (Tel 933920).
COLARES — Abreio (299088)

● **Outra Banda**

ALCOCHETE — Nunes — L. Carnes Ramos da Costa, 10 (Tel. 34 37
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA — Macedo Henriques — R Bernardo Francisco da Costa (Tel. 271297).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est Nacional, 174 (Tel. 2243302
BARREIRO — Moderno, Rua D. Henriqueta Gomes de Araújo, 2 (2273446)
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — P 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254)
MOITA — Silva Rocha, P da República, 6 (23 90 29)
MONTIJO — Diogo, R. Almirante Cândido dos Reis, 42 (230088)
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis 67 (Tel 229038) 2 45 58
SETUBAL — Normal do Sul, Praça do Bocage, (22216).
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861853 * Companhias Reunidas, 537011 * Gazcidla 538821 * Gazcidla idem e feriados, 882069
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 * Voluntários, 538524.
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Publica, 866141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 * 771169 * Transfusões, soros e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 * Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 * Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 * Estação fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

POPFADO
(M. 17 anos)
Um Restaurante em que se oferece qualidade
DIA 30 ABERTURA DE BAR E DA BOITE
COM O CONJUNTO DE HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D (à Av. Duque de Loulé)

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
PATO À MODA DO RIO FRIO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Telef. 536080

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.as-feiras)
(Maiores de 15 anos)

TARANTELA
RESTAURANTE * SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

PROGRESSO
Restaurante * Snack-Bar * Pastelaria
R Barata Salgueiro, 2
Telef 40115
Aos domingos especialidade da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS À RIBATEJANA
e COELHO À CAÇADOR
E LANCHES DE CASAMENTO

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
antónio
COZINHA PORTUGUESA
Diàriamente açorda de lagosta
AR CONDICIONADO
ENCERRADO AOS DOMINGOS
R. TOMÁS RIBEIRO 63

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de S4
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava limpo ou pouco nublado e o vento era fraco ou moderado de Oeste.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua, 30°,1; mínima: Penhas do Saude, 9°,8.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, 21°; Penhas Douradas, 7°; Coimbra, 22°; Portalegre, 22°; Lisboa, 20°; Faro, 23°; Funchal, 21°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 20°,2; na água do mar: 16°

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento geralmente fraco. Condições favoráveis á ocorrência de neblina ou nevoeiro matinais, na orla costeira continental, a norte do cabo da Roca.

Amanhã
Nascer ás 7 e 28
Ocaso ás 19 e 26

Dia 3 Dia 11 Dia 18 Dia 25

MARÉS:

PREIA-MAR. Dia 26 — 4 e 22 (4,3 m); 16 e 40 (4,5 m) Dia 27 — 5 (4,3 m); 17 e 20 (4,4 m). Dia 28 — 5 e 39 (4,2 m); 18 (4,3 m).

BAIXA-MAR: Dia 26 — 0 e 03 (0,7 m); 22 e 30 (0,7 m) Dia 27 — 10 e 40 (0,7 m); 23 e 06 (0,8 m) Dia 28 — e 20 (0,8 m); 23 e 41 (0,9 m).

8.° ANIVERSÁRIO DA ELEVAÇÃO DE QUELUZ A VILA

QUELUZ, 26 — Com a presença de várias individualidades do concelho de Sintra e da vila de Queluz realizou-se no salão de festas do Clube Atlético local uma sessão solene de encerramento das comemorações do 8.° aniversário da elevação de Queluz á categoria de vila. Presidiu o sr António Pereira Forjaz, vice-presidente em exercício da Camara Municipal de Sintra.

Aberta a sessão, o presidente da Junta de Freguesia local, sr. Alfredo dos Santos agradeceu ao Município o interesse que vem manifestando pelos principais problemas da vila de Queluz e salientou os esforços em que está empenhada a Junta a que preside no sentido da edificação do liceu de Queluz, a construção da escola do ciclo preparatório e do jardim materno-infantil.

A encerrar a sessão, falou o vice-presidente da edilidade sintrense, que se referiu aos principais aspectos da visita efectuada recentemente pelo prof. Marcello Caetano á vila de Queluz.

«Operação Saudade»

Proveniente da Guiné, chegou hoje a Lisboa o soldado Damião Castro, residente em São Cosme, Gondomar, em viagem integrada na «Operação Saudade», iniciativa do Movimento Nacional Feminino.

TURISMO EM MOÇAMBIQUE

O arquipélago de Bazaruto é um pólo de atracção para rodesianos e sul-africanos

• Em nove mil estrangeiros só dez por cento de portugueses

O arquipélago de Bazaruto, em Moçambique, é um centro turístico que se deve á iniciativa do comendador Joaquim Alves. Em 1952, ainda o arquipélago não era mais do que um conjunto de ilhas. A partir desse ano, foi-se tornando um conjunto de ilhas com hotéis, parque de campismo, aeródromo privativo... Um verdadeiro chamariz para quem necessite de escanso e entretenimento nas férias.

A sede do complexo turístico situa-se em Vilânculos, no continente — e os hotéis erguem-se em pequenas ilhas denominadas Santa Carolina, Santo António e Santa Isabel. O turismo que ali se pratica divide-se em *rico, médio* e de *campismo*

— De campismo...?

Explica o comendador Joaquim Alves que o seu complexo é frequentado por turistas que exigem um tratamento idêntico ao dos Hiltons do mundo cosmopolita, por turistas que se contentam com «flats» (e um trem de cozinha para a confecção das refeições) e, finalmente, por turistas que se dão muito bem sob uma tenda de lona (ou no interior de uma «roulotte») no ambiente de um parque aprazível.

— E muitos turistas, muitos...?

Joaquim Alves (comendador) informa que, o ano passado, passaram por Bazaruto cerca de nove mil turistas — nove mil turistas que se acomodaram nos trezentos e tal quartos do arquipélago. Qual a diária? A diária (ùnicamente a acessível...) oscila, por indivíduo, entre 180 e 200 escudos. E um casal? Um casal exportula um pouco mais de 300 escudos.

— Qual a nacionalidade dos turistas?

— *São, na grande maioria, sul-africanos e rodesianos.*

— Muitos portugueses?

— *Poucos. Uns 10 por cento da frequência.*

Informa ainda o sr. comendador Joaquim Alves que um dos maiores atractivos do arquipélago é o concurso internacional de pesca que ali se efectua todos os anos. Pelam-se os turistas por aquele desporto — e os hotéis enchem-se por completo. Outra época de grande frequência é a das chamadas férias grandes: Junho, Julho e Agosto. Também por ocasião do Natal os turistas afluem a Bazaruto.

— Turismo em progresso...?

— *Sim. Estão em construção mais três hotéis. Intensificou-se o serviço de táxis aéreos. Também subiu o número dos barcos de recreio e de pesca. Aviões de carreira procedentes da África do Sul e da Rodésia aterram em Santa Carolina (onde fica o aeródromo privativo) três vezes por semana.*

Nascido em Castanheira de Pera, o comendador Joaquim Alves há cinquenta anos que anda pelo Ultramar. Em 1952, como dissemos, saiu-lhe das mãos o complexo turístico do arquipélago de Bazaruto. E são muitas as pessoas que lhe dão os parabéns.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

GOLPE DE ESTADO NA BOLÍVIA

LA PAZ, 26 — (R.) — O presidente Siles Salinas, da Bolívia, foi hoje deposto por um golpe militar passando o Poder para uma junta constituída por três oficiais, segundo anuncia um comunicado distribuído pelo comando das Forças Armadas.

A Junta, chefiada pelo general Ovando Candia, nomeou um novo Governo Revolucionário.

Encontro em Aveiro (ao nível nacional) dos presidentes dos Grémios do Comércio

AVEIRO, 26 — Começou esta tarde, como anunciámos, o II Encontro Nacional dos presidentes dos Grémios do Comércio, que reune representantes de todos os grémios do continente e das ilhas adjacentes.

O importante acontecimento, iniciativa do sr. Carlos Mendes, presidente do organismo aveirense, principiou pela sessão solene á qual assistiram os srs. governador civil, presidentes da Junta Distrital e da Camara Municipal, além de outras entidades oficiais, incluindo os presidentes da Corporação do Comércio e das Uniões de Lojistas de Lisboa, Porto e Coimbra.

Usaram da palavra para salientar o significado da reunião, enaltecendo a sua realização, na qual serão feitas comunicações de muito interesse socio-económico os srs. Carlos Mendes, presidente do Grémio de Aveiro; Manuel Alberto Andrade e Sousa, presidente da Corporação do Comércio e dr. Francisco do Valle Guimarães, governador civil do distrito.

Finda a sessão, e após um pequeno intervalo, começaram os trabalhos com estudos subordinados aos seguintes temas: «Apreciação dos problemas apresentados ao II Encontro e que digam directamente respito aos vários sectores do comércio (retalhista)»

À noite, num hotel da cidade, haverá um jantar de confraternização, ao qual deve presidir o ministro das Corporações. Serão oradores os srs. Carlos Mendes, presidente da Corporação do Comércio; o governador civil e a encerrar a série de discursos o titular da pasta das Corporações.

O programa de amanhã inclui: ás 11 horas, sessão de encerramento, discursando o sr. dr. Gonçalves de Proença; apresentação das conclusões da sessão de trabalhos; alusão ao encontro pelo presidente da Corporação do Comércio; ás 13, almoço na Avenida das Tílias; ás 15, passeio turístico na ria e ás 17, «porto de honra» na Pousada da Ria.

Aumenta a tensão em Londonderry

LONDONDERRY, (Irlanda do Norte), 26 — (A. N. I. e F. P.) — Os soldados ingleses selaram por completo os bairros católicos de Bogside e Creggan, em Londonderry, em consequência de a Polícia irlandesa que vigiava a área ter sido apedrejada.

Um informador do Exército comunicou qe não será permitida a entrada a ninguém naquela área entre as 20 horas e as 6 da manhã. Entretanto, as forças do Exército, ontem reforçadas por uma companhia, obrigaram um grupo de jovens católicos que se concentravam nas ruas de Waterloo e William a dispersarem.

A tensão na cidade aumentou depois do assasínio por espancamento de William King, de 49 anos, na quinta-feira. O médico que procedeu á autópsia declarou que 1 deficiência cardíaca contribuira também para a morte. William King saíra de casa para ir á procura de seu filho Stuart, de 18 anos, que ficou ferido nas desordens daquele dia.

O rev. Ian Paisley declarou que os protestantes agiriam se a Polícia não encontrasse os agressores de King, o que levou Paddy Doherty vice-presidente da Associação de Defesa dos Cidadãos de Londonderry, a declarar que o Exército está já a investigar o caso, mas que os católicos não estão dispostos a deixar entrar ninguém em Bogside

Estudantes brasileiros de visita ao nosso País

A convite do Ministério dos Negócios Estrangeiros, de colaboração com o Centro de Intercambio e Turismo Universitário, chegou hoje a Lisboa um grupo de 20 alunos da Faculdade de Direito da Universidade de Bragança (Estado de São Paulo — Brasil).

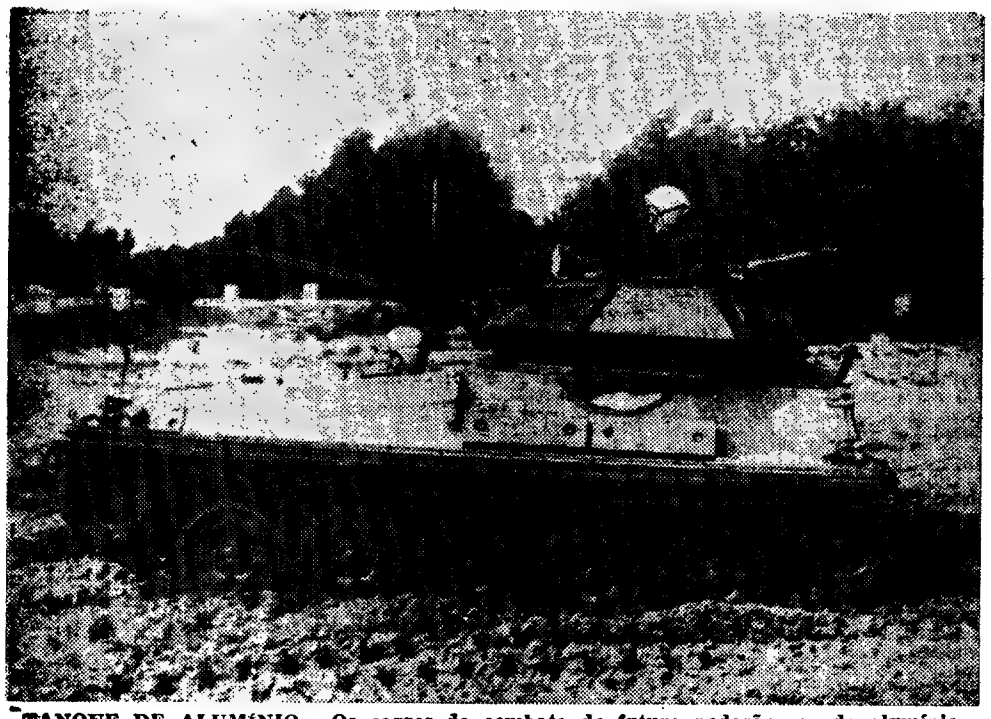
Os estudantes que vão visitar diversos pontos de interesse cultural e turístico do País, abandonam Lisboa no dia 3 do proximo mês,

Juramento de bandeira na Escola Naval

Efectuou-se esta manhã, na Escola Naval, com a presença do vice-chefe do Estado-Maior da Armada o juramento de bandeira de 45 cadetes do 14.° curso de formação de oficiais da reserva naval.

Depois de um breve discurso pelo director da Escola, o primeiro tenente Rosa Garoupa proferiu uma exortação aos cadetes, seguindo-se leitura dos deveres militares, juramento e desfile da Companhia de Alunos.

O «Prémio Reserva Naval» foi atribuído ao cadete com melhor classificação no curso, Brito Soares.



TANQUE DE ALUMÍNIO — Os carros de combate do futuro poderão ser de alumínio. Este é o «Escorpião», um modelo com grande poder de manobra que as fábricas Alvis, de Coventry, estão a produzir para o Exército britânico

VÍTOR FORTES PREMIADO NA BIENAL DE SÃO PAULO

SÃO PAULO, 26 — (A. N. I. — O prémio internacional para gravadores «engenheiro Armando de Arruda Pereira» da décima bienal de arte de São Paulo (que amanhã abre ao público) foi atribuído ao português Vítor Fortes.

Quanto ao «grande prémio Itamarati», coube a Erich Hauser, da Alemanha Ocidental, que apresentou sete esculturas de aço.

Os outros oito prémios internacionais foram assim distribuídos:

1.° — Ernest Fuchs, (Áustria) pintura, desenho e gravura, 25 obras expostas.

2.° — Eduardo Ramirez, (Colômbia), oito trabalhos em madeira.

3.° — Marcelo Bonevardi, (Argentina), quinze obras de acrílico e outros materiais.

4.° — Anthony Caro, (Inglaterra) oito trabalhos de pintura em aço.

5.° — Robert Murray, (Canadá), cinco trabalhos de alumínio e aço.

6.° — Waldemar Zwierzy, (Polónia).

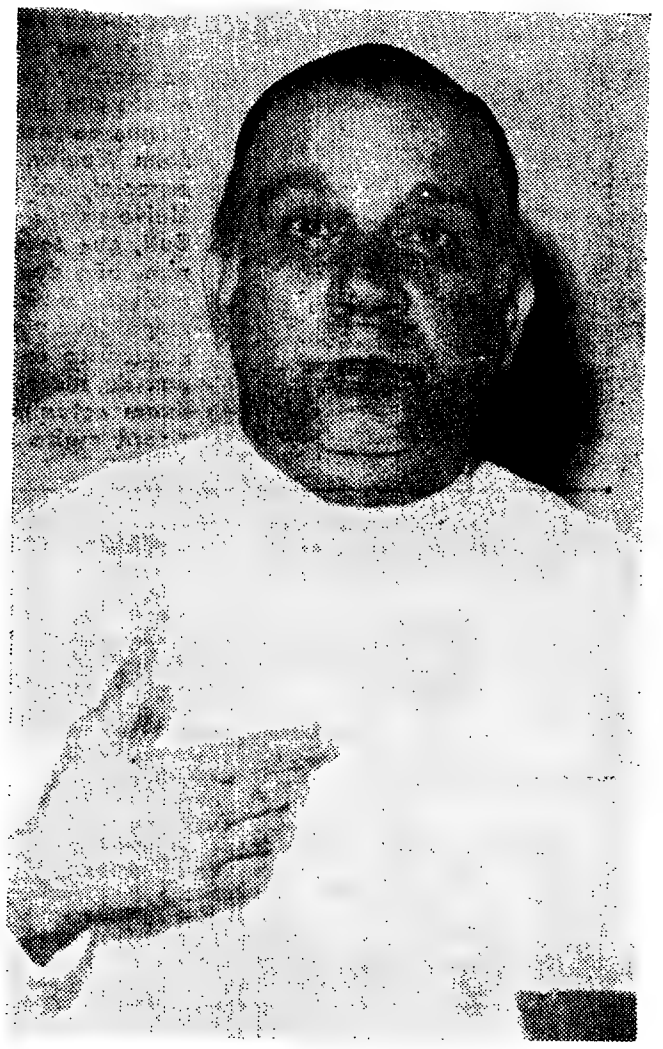
7.° — Juri Koler, (Checoslováquia) 21 trabalhos.

8.° — Herbert Distel, (Suíça), 15 trabalhos de polyester.

O «doping» e a educação social dos atletas

MESA REDONDA

Entrevista com o cardiologista ARMÉNIO FERREIRA



Que o «doping» é um fenómeno social, não restam grandes dúvidas. E que muito boa gente desconhece o que é, verdadeiramente, o «doping», também não... Criou-se, até, o hábito de associar estimulante e estupefaciente, numa tremendíssima confusão. «Doping» — convém referir antes de mais nada — não é crime. Tomar um estimulante não é tomar um estupefaciente! Por outro lado, não pode deixar de causar certa estranheza o facto de a palavra surgir estreitamente ligada à prática do ciclismo, enquanto nas outras modalidades desportivas não adquire qualquer acuidade. Só os ciclistas se «dopam»? Claro que não: mas são eles, sobretudo, que dão uma importância extraordinária ao uso de estimulantes, na prática da sua modalidade. Por que razão, então, o ciclista se «dopa» por excelência? Quais as possibilidades que vê aumentadas depois de tomar um estimulante? Por que recorre a ele, sabendo que põe em perigo a saúde? — são perguntas que, certamente, todo o homem consciente, interessado ou não pelo ciclismo, tem necessàriamente de formular.

Procurámos quem nos pudesse esclarecer, quem nos pudesse dizer, claramente, com bases sóli-

(Continua na pág. 9)

NO CENTENÁRIO DO AUTOR DE «O PRÍNCIPE»:

Actualidade de Maquiavel

MIGUEL URBANO RODRIGUES

Ha escritores que sao muito citados e pouco lidos. Clausewitz e um, Maquiavel outro. O famoso general prussiano continua sendo vitima de copiosas referencias de militares e politicos que discorrem sobre a estrategia clausewitziana sem nunca terem aberto o tratado *Sobre a Guerra*. Com Maquiavel acontece algo mais grave. O autor de *O Principe* tem o seu nome ligado a uma palavra, traduzida para todos os idiomas, usada por quem não a liga à existência de um pensador político e que, geralmente, serve para designar um tipo de comportamento incompatível com a visão da história do eminente florentino.

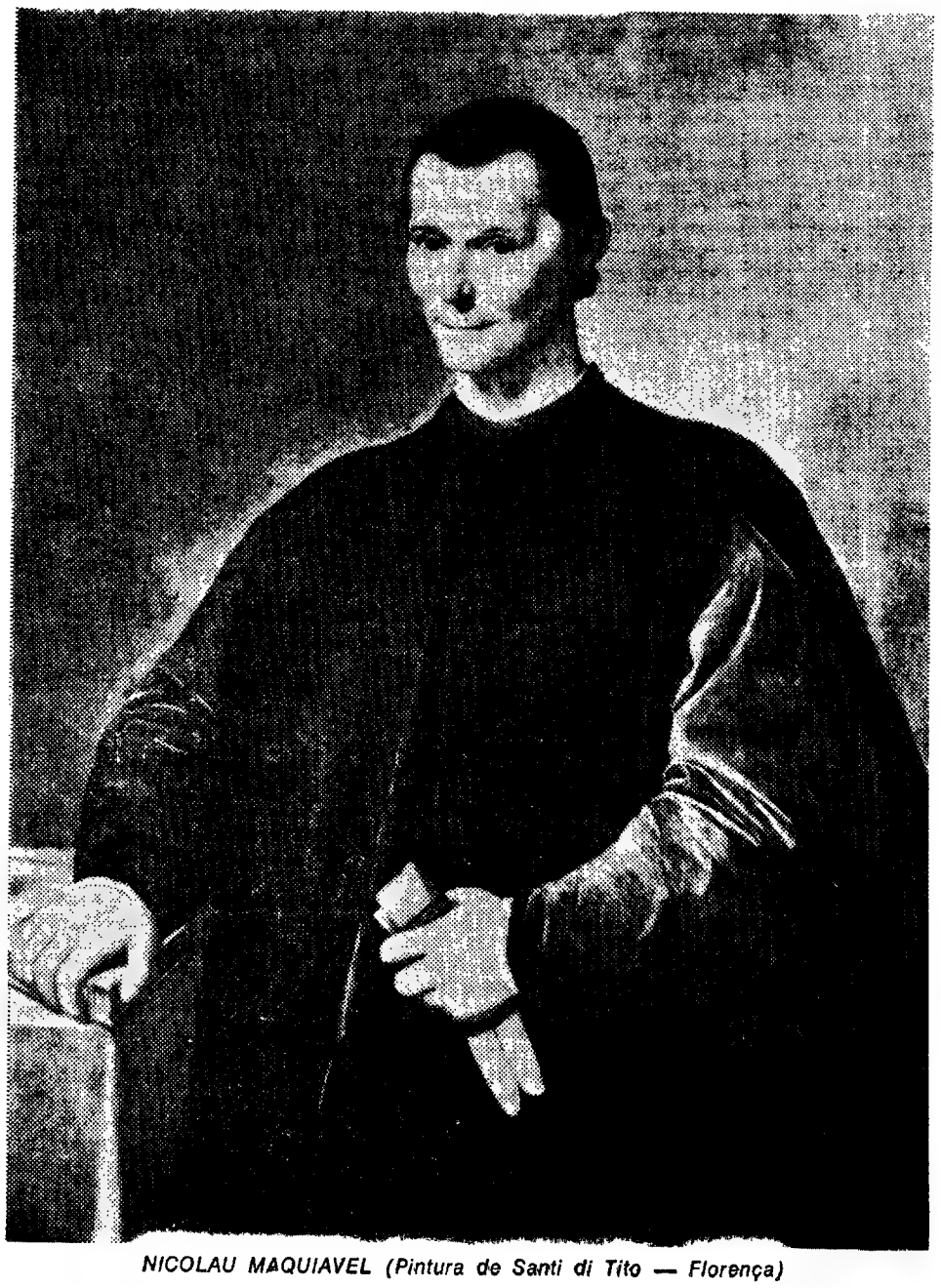
Maquiavel surge-nos com a antítese do chamado maquiavelismo, das tácticas ditas maquiavélicas. É verdade que ele faz desembocar tudo na política, na arte de governar os homens; mas não é verdade, como se diz com trequência, que o maquiavelismo seja uma maneira de proceder astuciosa e pérfida.

Maquiavel era um patriota confrangido pela incapacidade da burguesia italiana medieval para superar a fase corporativa. Havia uma moldura arcaica em que se destacavam o Papado, o clero e os humanistas; mas não existia sequer o embrião de um Estado moderno. Florença confirmava a regra humilhante.

Maquiavel não preconizou uma «política destituída de lealdade e boa-fé», como asseveram os maus dicionários: escreveu livros de *acção directa imediata*, exprimiu conceitos gerais que enformam uma concepção original do mundo que parte da acção concreta do homem. A este, caberia, repudiando a tradição, isto é, todos os elementos de carácter metafísico, actuar de modo a transformar a realidade em obediência a imperativos históricos.

Os exemplos da Espanha e da França impressionavam Maquiavel. As monarquias nacionais (ou multinacionais) que tendiam para o absolutismo eram a forma do Estado moderno que permitia um desenvolvimento harmonioso das forças produtivas burguesas. Ao centralismo dinamico e consentido desses Estados opunha a Itália as suas repúblicas medievais, incapazes de se libertar dos resíduos municipais de raiz feudal. Na Itália de Maquiavel não havia instituições representativas no género das existentes em França. O facto merece ser destacado por-

(Continua na pág. 10)



NICOLAU MAQUIAVEL (Pintura de Santi di Tito — Florença)

A CONFERÊNCIA ISLÂMICA DE RABAT

Os verdadeiros inimigos de Israel são os resistentes de Arafat

As Guerras Santas pertencem á história. Se alguma vez as houve, o que é duvidoso, no século vinte não têm a minima razão de ser. Não são sequer pensáveis.

Em Rabat reuniram-se os representantes de 26 países islâmicos para tratarem, sobretudo da defesa dos Lugares Santos de Jerusalém.

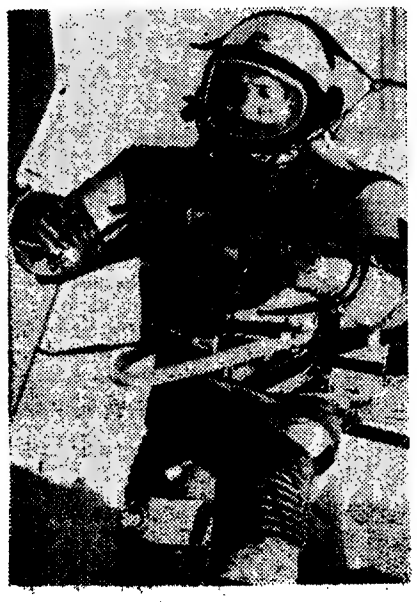
A causa da reunião é sabida: o incêndio da mesquita de Al Aksar, espécie de catedral de São Pedro do Islão.

Os chefes de Estado e representantes dos 26 países, não conseguiram ater-se a problemas religiosos. Falaram de coisas mais prosaicas. Mas como o laço de união que os levara ali era muito ténue — apenas afirmavam ser todos muçulmanos — foram forçados a ficarem-se por generalidades.

Na verdade, que mais poderiam fazer representantes de países tão diferentes politicamente, como a Guiné e a Pérsia? Haverá, de facto, algum ponto de contacto entre os interesses dos Governos desses dois países ou mesmo de outros mais chegados geográficamente como a R. A. U. e a Arábia Saudita? Cremos bem que não. Esta conferência, se obtiver algum resultado prático, não irá além de

(Continua na pág. 11)

ASSIM VAI O MUNDO



Canhão investigador

À medida que o tempo passa, as profecias de Júlio Verne vão-se tornando realidade. Isto já não constitui surpresa, mas o mesmo não se poderá dizer do facto de o famoso ficcionista ter acertado, também, nos pormenores, ou, pelo menos, em alguns... Os americanos, na verdade, dão razão ao escritor ao pretenderem utilizar um canhão para pôr em órbita um dos seus satélites artificiais. O projecto foi entregue ao Instituto de Investgação Espacial, de que é director John Wooley. A utilização de um canhão para a investigação espacial, foi proposta, em 1962, por um investigador da Universidade McGille, de Montreal, Canadá, o dr. Gérald Bull, que todos se apressaram a considerar louco. Este, porém, não deu ouvidos a críticas e acaba de apresentar um projecto muito sério ao Exército dos Estados Unidos, cujos responsáveis procuram, a todo o custo, arranjar uma maneira económica de pôr em funcionamento uma aparelhagem capaz de fazer face ao novo tipo de radar que os russos utilizam actualmente. E acontece, precisamente, que o canhão ficará muito mais barato que qualquer foguetão.

A política do ensino na Itália

A O. C. D. E. publicou há pouco um estudo sobre a política seguida na Itália em matéria de ensino, na sua série intitulada «Exame das políticas nacionais de educação».

Entre os resultados obtidos neste país — que no sector do ensino começou mais tarde do que qualquer dos outros países membros, encontrando-se perante disparidades sociais e geográficas muito acentuadas — o relatório aponta a redução do analfabetismo e o aumento da escolarização em todos os grupos de idade. A Itália é um dos raros países que instituíram uma escola média única que conduz o conjunto de população em idade escolar ao termo da escolaridade obrigatória e que permite elevar aos 14 anos a idade em que os alunos devem fazer a sua opção.

É de salientar, no relatório, o facto do ensino técnico e profissional ser encorajado em tal proporção que não tem equivalente na maioria dos outros países. Daí que, à saída da escola média mais de metade dos jovens em idade escolar se oriente para os institutos técnicos e profissionais. A formação, o recrutamento de professores e a actualização dos conhecimentos, assim como o ensino das ciências, a nível secundário superior, são os dois outros temas a que o relatório consagra um exame detalhado.

ASSIM VAMOS NÓS

Divisão

«Toda a divisão que se pretende ou se esboce dentro da frente dos que defendem a integridade da Nação é, pura e simplesmente, um acto de traição. As coisas são o que são e têm os nomes, mais ou menos claros, que efectivamente lhes pertencem. Dizia o Eclesiastes que uma corda tripla dificilmente se quebra. Na sequência do mesmo pensamento, tudo quanto se oponha à resistência máxima dessa corda é atentado contra os direitos da Grei. É traição — e como tal deve ser tratada. Se na paz e na guerra a união traz a vitória, como escreveu Rollenhagen, a falta de união joga contra a vitória, no caso concreto de Portugal, nas circunstâncias actuais, joga contra a Pátria, joga contra os moços soldados que neste momento se batem em África pela integridade da Nação.

As oposições, colocadas, conforme vemos estarem, no plano antinacional, não são incoerentes ao cindirem-se. O mesmo não sucede com os que se apresentam como defensores da realidade eterna da Nação. Aqui, os traidores acumulam com a infâmia deste nome o peso da estupidez.

As coisas são como são e não admitem evasivas.»

(Do artigo de fundo «Divisão igual a traição», do «Diário da Manhã», de 23 do corrente)

Alfabetização

O semanário «Correio Português», que se edita em Paris, revela que «em França, um emigrante em dois não sabe ler nem escrever», num artigo intitulado «Batalha Cultural», publicado no último número. Aquele semanário, órgão da Associação Nacional dos Portugueses em França, diz nomeadamente, ao assinalar a passagem do «Dia Mundial da Alfabetização» (8 de Setembro):

«Segundo estatísticas oficiais, um trabalhador estrangeiro em França em cada dois não sabe ler nem escrever.

São variados os organismos particulares e públicos que se têm dedicado á criação de cursos para adultos, chegando-se a gastar anualmente muitos milhões de francos tirados do chamado «Fundo de Acção Social», que recebe a diferença entre o dinheiro dos abonos de família pagos pela Segurança Social e aqueles que os trabalhadores recebem.

Mas, todos esses cursos nada são para cerca de um milhão de imigrados analfabetos em França.

Segundo as estatísticas tornadas públicas, apenas 23 400 adultos (dos quais 2340 mulheres) participaram nesses cursos no ano de 1968. Entretanto, o «Fundo de Acção Social» gastou com esses mesmos cursos a linda soma de 9 125 000 francos.

Muitos franceses, sabendo que esse dinheiro é pertença dos imigrados, protestam contra a sua aplicação, feita um tanto desorganizadamente e de modo insuficiente para as necessidades urgentes.

Infelizmente, poucos são os organismos franco-portugueses que beneficiam da ajuda deste Fundo (FAO), como poucos são também, infelizmente, os nossos compatriotas que aproveitam esses cursos para aprenderem o francês.»

Corporativismo

No 36.º aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional, e na presença do Presidente do Conselho, o ministro das Corporações afirmou o seguinte:

«Uma vez mais se dignou V. Ex.ª, Sr. Presidente do Conselho, honrar a política social e de modo particular a Organização Corporativa Portuguesa, acompanhando-a em dia grande das suas comemorações de aniversário. E ao salientar tão honrosa deferência, ao nosso espírito acorrem, antes de mais, três acontecimentos que confirmam a particular satisfação que neste momento sentimos. O primeiro decorrido em dez de Outubro de 1968, poucos dias após a constituição do novo Governo quando, na primeira audiência concedida a organismos representativos das actividades nacionais V. Ex.ª se dignou receber os presidentes das Corporações. E ao nosso ouvido soam ainda as palavras de confiança então proferidas ao afirmar a característica social do Estado Corporativo que a Constituição consagra, isto é, «um poder político que insere nos seus fins essenciais o progresso moral, cultural e material da colectividade, numa ascensão equilibrada e harmoniosa que, pela valorização dos indivíduos e pela repartição justa das riquezas, encurte distâncias e dignifique o trabalho».

5 de Outubro

O programa das comemorações do 5 de Outubro deve, este ano, revestir-se de particular grandeza e solenidade, estando já previstas cerimónias em Lisboa, Porto, Braga e muitas outras localidades do País.

A proclamação da República continua a ser uma data viva. Presente nas páginas da História e na consciência dos portugueses.

Revolução cultural

Já se passaram cerca de três anos e meio sobre o início da Revolução Cultural, que entrou, actualmente,numa nova fase. Ao que se sabe, vai ser intensificada a «crítica de massa» contra os «revisionistas» que actuam nos sectores da literatura, da filosofia e da ciência. Os responsáveis são de opinião que este último campo do saber se encontra particularmente exposto ao «revisionismo soviético», em virtude de os principais cientistas chineses terem feito os seus estudos na União Soviética.

A crítica abrange os seguintes «desvios» ideológicos: «anarquismo», «sectarismo» e «liberalismo» — que ajudam à criação de «grupinhos», autênticos «reinos independentes», cuja localização geográfica é dada nos arredores de Pequim. Tais tendências, de carácter regional, preocupam o Governo, receoso da «sobrevivência de ideias feudais no seio das diversas nacionalidades».

Rodésia

A corporação alimentar da Rodésia vai construir em Salisbúria uma instalação de preparação e embalagem de alimentos, no valor de 158 000 libras.

Como factores principais do desenvolvimento da associação, citam-se a protecção concedida aos produtos locais e a grandes campanhas levadas a cabo no sentido de induzir o público a adquirir os produtos alimentares nacionais.

Segundo as autoridades rodesianas, o ano transacto foi um dos melhores na expansão da indústria de produtos alimentares e, desde a fundação, há seis anos, da Associação dos Fabricantes de Produtos Alimentares, a produção da indústria aumentou de 40 para 50 milhões de libras anuais.

Condição

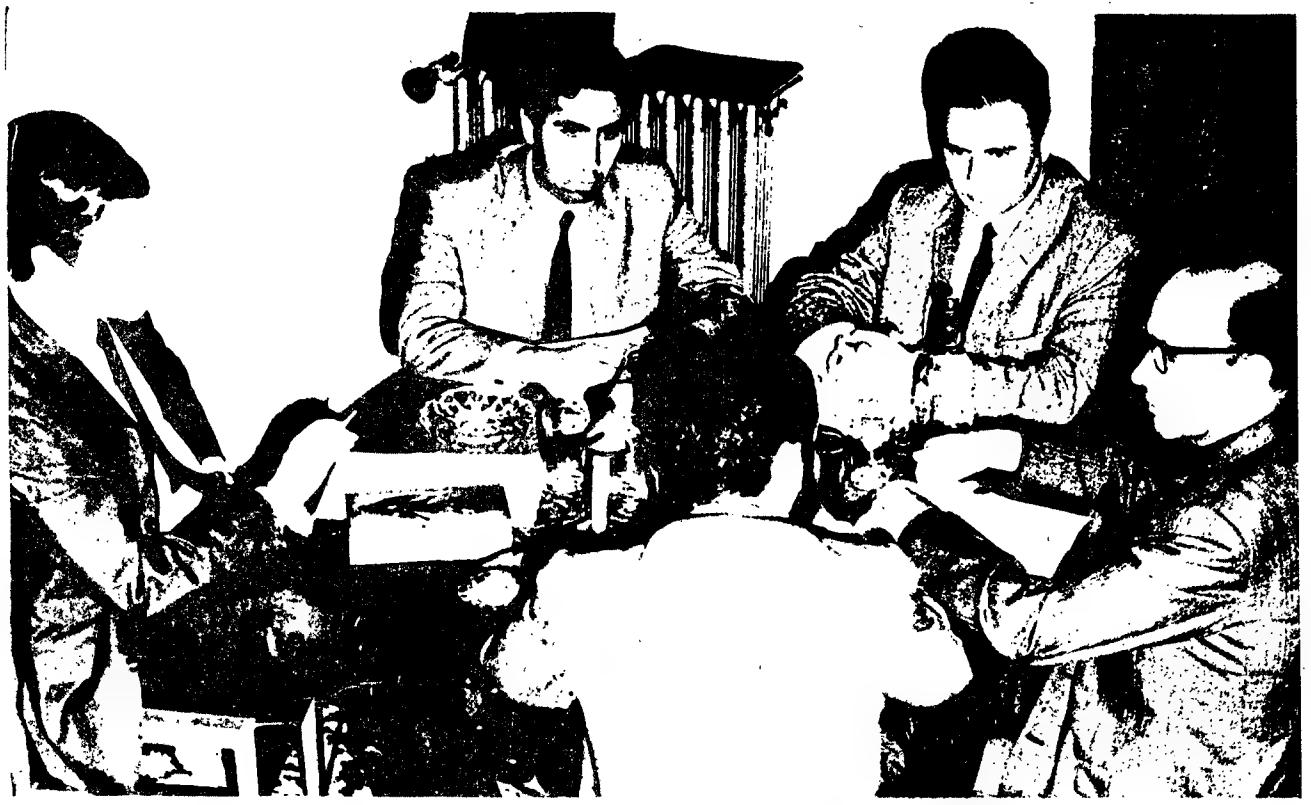
Regressemos ao tema: «a condição operária».

Conta Mariella Righini: na Fiat (exemplar empresa do neocapitalismo italiano) nas oficinas, as cadências são tais que, para *aguentar*, os operários faltam em média 3,4 dias por mês. No Verão, o absentismo vai de 13 a 25% dos trabalhadores.

Diàriamente, em média, há 6000 operários que se não apresentam ao trabalho, a maior parte para se retemperar do desgaste físico-psíquico (principalmente psíquico) que o ritmo das cadências lhe exige.

Quem disse que deixou de existir a «condição operária»?

Planeamento económico e progresso social



Conclusão da mesa-redonda em que tomaram parte C. G. Correia Gago, Francisco Pereira de Moura, J. M. Prostes da Fonseca, Vítor Pessoa e Sérgio Ribeiro

A PRIMEIRA PARTE da mesa-redonda acerca do «Planeamento e Política de Desenvolvimento Económico», publicada no número anterior, termina com a intervenção do dr. Francisco Pereira de Moura, que colocou o problema de necessidade de apoiar a técnica «numa política social que atente nas realidades actuais da comunidade, nas necessidades e nas condições de vida da maior parte da população».

O ponto levantado pelo dr. Pereira de Moura conduziu a discussão para o plano do estudo das relações da técnica e da política e da responsabilidade do planeador perante as necessidades sociais, enquadradas numa perpectiva determinada.

MODERADOR — Parece-me adequado o comentário do dr. Moura. No entanto, dentro do esquema que temos, talvez o assunto levantado viesse a ter inteiro cabimento mais adiante. Podemos no entanto fazer desde já um desvio para esse ponto, que interessa fundamentalmente aqueles que participarão nesta mesa-redonda como leitores, e não, agora, como participantes.

ENG.º CORREIA GAGO — Eu não queria deixar de lembrar que o que disse o dr. Moura é o sublinhado daquilo que afirmei: que a capacidade técnica de planear não significa rigorosamente nada quanto á vontade de executar. Foram palavras que eu empreguei mais ou menos.

DR. PEREIRA DE MOURA — Concordo com isso, mas vou um pouco mais longe. Um instrumental técnico aperfeiçoado pode estar ao serviço de objectivos e de orientações de desenvolvimento que não vão no sentido da transformação social imposta pelo próprio desenvolvimento económico-social. Portanto, não é só o problema de um plano bem feito ser mal executado, ou nem mesmo ser executado: é o problema de o próprio plano já não corresponder ás necessidades da comunidade, entendidas no sentido da transformação, e não por deficiência dos técnicos, mas simplesmente porque são apontadas aos técnicos limitações que de facto não lhes cabe a eles suprir.

DR. VÍTOR PESSOA — Concordo com o que o dr. Moura acaba de afirmar, porquanto o planeamento deve ser mais qualquer coisa do que a simples previsão a médio prazo do crescimento de determinadas variáveis económicas, e é fenómeno que se liga também com outro aspecto muito importante que é o das transformações sociais que se deverão verificar numa determinada comunidade O dr. Moura afirmou ainda que isto é um problema que ultrapassa os técnicos. Sem dúvida que me parece que se põem opções políticas fundamentais para a sociedade, mas talvez eu pudesse aqui também acrescentar que os técnicos não podem andar muito alheados dessas transformações sociais. É talvez necessário que os técnicos se compenetrem da necessidade de abandonarem uma visão demasiadamente tecnocrática das suas funções. E só queria acrescentar o seguinte: o eng.º Correia Gago afirmou aqui que na preparação do Quarto Plano de Fomento se está a prever que ele seja integrado numa perspectiva de longo prazo, supunhamos um período de quinze ou vinte anos. Ora, todos nós sabemos que as variáveis económicas são mais ou menos quantificáveis na sua evolução a médio prazo. Poderão ser também projectáveis a longo prazo. No entanto, as transformações sociais são mais lentas e nem sempre qualificáveis. Eu portanto, perguntaria: quando os técnicos afirmam que têm necessidade de integrar o planeamento em ópticas de mais longo prazo, não estarão também a pensar na previsão das transformações sociais que a comunidade deverá sofrer? Creio bem que sim.

DR. PEREIRA DE MOURA — Certas transformações sociais, e feitas de certa

Francisco Pereira de Moura

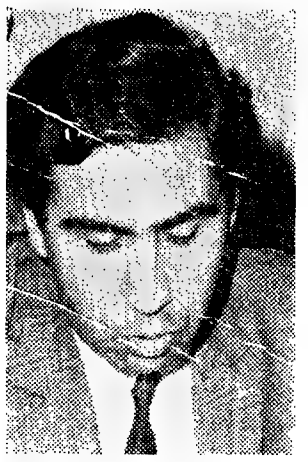
maneira, da maneira tradicional, são lentas. Mas há muitas transformações sociais básicas que não são nem têm de ser lentas, desde que nos desprendamos dessa maneira tradicional de esperar as coisas, em vez de as analisar para acelerar a sua evolução por intervenções políticas. Inclusivamente nós já tivemos em Portugal certas tentativas destas, embora limitadas — e cito uma que me ocorre ao espírito, o plano de alfabetização de adultos: se tivesse sido levado ao seu termo, poderia constituir o exemplo de uma transformação social extremamente profunda. Mas noutros países, programas desse género têm sido amplos e rápidos, conduzindo a transformações sociais profundas, quase instantâneas.

O outro problema que levantou de os técnicos não poderem confinar-se á sua posição de técnicos eu concordo que, de facto, é assim. E acrescento uma razão áquela que deu: é que esses técnicos são cidadãos e têm por isso uma responsabilidade extremamente pesada, sobretudo num país como o nosso, numa sociedade atrasada como a nossa.

DR. VÍTOR PESSOA — O dr. Moura disse que algumas transformações poderão ter lugar dentro de um período curto. Apontou um exemplo. No entanto, eu talvez possa duvidar que determinadas transformações sociais sejam possíveis a curto prazo. No entanto, estou absolutamente de acordo que muitas dela nomeadamente nas estruturas políticas, poderão processar-se em prazos limitados. Mas repare-se que talvez haja outras onde a transformação é mais difícil a curto prazo, por exemplo, as mutações nas estruturas globais da sociedade e nas próprias mentalidades.

DR. PEREIRA DE MOURA — Recordei há pouco um exemplo. Mas, entretanto, como decorreram uns minutos e as suas próprias palavras ajudaram, ocorrem outros. Nós temos estado a assistir, e com grande rapidez, a uma transformação social profundíssima, que é o fenómeno da urbanização, que é quase um fenómeno novo em Portugal; urbanização dentro do País, não me refiro aos emigrantes. Outro fenómeno de transformação social profunda, que é a emigração em massa das zonas rurais para o estrangeiro. Ainda outro fenómeno que não assumiu até agora os mesmos aspectos maciços, mas que julgo já ter uma importância muito grande em Portugal, é a transformação na condição económica da mulher, sobretudo nas zonas urbanas. Ora aqui estão mais três exemplos de transformações sociais rápidas. E a sensação que eu tenho é de que qualquer delas em Portugal, e até hoje, escapou ao planeamento.

DR. VÍTOR PESSOA — De acordo. E quando eu me referia a transformações rápidas e transformações mais lentas, relacionava isto, por um lado, com o fenómeno social total (para que tipo de sociedade se pretende caminhar?) e, por outro, com o próprio período dos actuais planos. Efectivamente há aspectos parcelares que ultrapassam o plano. A própria urbanização, por exemplo, necessita de ser enquadrada em perspectivas de longo prazo. Quais os centros urbanos a desenvolver? Que virá a ser a rede urbana no futuro? Uma política de crescimento urbano orientado envolve opções que se repercutem em períodos dilatados. E, portanto, há necessidade de integrar o fenómeno urbano em planos efectivamente a prazo largo, que ultrapassem os tais seis anos. Creio, aliás, que o planeamento até agora feito entre nós, essencialmente de médio termo, se



Vítor Pessoa

mostra hoje insuficiente e daí a premência, já referida, de o inserir em horizontes mais vastos.

MODERADOR — No intuito de tentar encaminhar a discussão no sentido de um esquema prévio, quero saber se deveremos centrar-nos sobre um ponto. Estamos a ver até que ponto a estrutura de uma orgânica de planeamento pode perspectivar um tipo de transformações que não sejam puramente de melhoria técnica, sem entrar com os condicionalismos de médio e longo prazo no tipo de transformações sociais. Portanto, estamos na altura de poder pôr este problema: qual a estrutura de planeamento que possibilita a participação política, no sentido de uma participação alargada, no sentido de poder estar em condições de efectivamente perspectivar as transformações sociais de uma determinada sociedade. Esta será uma forma de ver se isto acontece ao nível da estrutura do planeamento, se essa participação observa o cuidado de analisar toda a estrutura social e devia ver como isso se pode reflectir no desencanto com que os técnicos vêem que a execução não acompanha o planeado.

ENG.º CORREIA GAGO — Eu vou tentar, muito rápidamente, dar uma ideia de como se processa o planeamento, mas chamaria liminarmente a atenção para um ponto: nós não podemos pretender que a orgânica de planeamento e que a estrutura das representatividades que essa orgânica assegura tenha uma validade ímpar neste País. Ela tem que reflectir aquilo que as estruturas existentes são capazes de emanar para essa organica, porque esta se serve dessas estruturas e a elas vai buscar os elementos que a integram. Tem de ser, portanto, uma imagem da maneira como o resto da vida social portuguesa se organiza e se faz representar.

Com o Plano Intercalar e o III Plano, marcaram-se, apesar de tudo, progressos significativos, ao concretizar métodos de preparação que procuraram, e em grau considerável conseguiram, alargar a participação dos agentes económicos no processo de planeamento. Constituíram-se, para o efeito, na fase dessa orgânica, os chamados grupos de trabalho. Nesses grupos de trabalho fizeram-se representar os serviços públicos, os organismos corporativos e privados, relacionados em cada aspecto ou sector de actividade abrangido. Foi a estes grupos de trabalho que se cometeu, por mandato, e segundo normas emanadas do Secretariado Técnico, a elaboração dos relatórios preparatórios, tanto para o Plano Intercalar como para o III Plano. Foi um trabalho exaustivo, pouco divulgado, a cuja importancia já me referi, e que teve tanto mais mérito quanto é certo que a maior parte dos grupos de trabalho constituídos carecia de apoio técnico e material adequado. Aconteceu que os presidentes e os relatores acumularam as suas funções profissionais normais com a tarefa de reunir, tratar e dar forma de relatório ás informações necessárias e ás conclusões apuradas. Os serviços do Secretariado Técnico, por seu turno, tinham submetido ao Conselho de Ministros para Assuntos Económicos um relatório preliminar em que se definiam as grandes opções consideradas possíveis, que o Conselho interpretou e fixou. A partir dos relatórios dos grupos de trabalho e dos estudos realizados pelos seus serviços próprios, o Secretariado Técnico preparou um projecto de plano. Este projecto do III Plano foi apreciado em sessões sucessivas do Conselho, várias delas restritas e com a presença dos presidentes dos grupos de trabalho, de dirigentes e técnicos do Secretariado, o que constituiu também um progresso a notar, no aspecto de diálogo entre os níveis político, técnico, e os agentes económicos propriamente ditos. Foi uma apreciação longa e atenta de que resultou a fixação do texto governamental do plano e a respectiva lei, submetidos ao parecer e aprovação das Camaras e publicados. Quer dizer: ao Secretariado Técnico compete a definição das grandes opções básicas e prévias para escolha do Conselho de Ministros e a realização dos estudos asseguradores dos tais equili-

(Cont. na pág. seguinte)

Planeamento económico e progresso social

(Cont. da pág. anterior)

brios fundamentais e da consistência entre os objectivos. Estes estudos permitem-lhe, em certa medida, contabilizar e coordenar os resultados do planeamento sectorial, este a executar descentralizadamente, embora acompanhado por especialistas do Secretariado Técnico. A execução, essa fica inteiramente a cargo dos departamentos do Governo, dos serviços da administração publica e das empresas privadas, publicas e de economia mista; ao Secretariado Técnico cabe apenas, nesta fase, o acompanhamento dos Planos.

Este é o esquema do processo. Pode perguntar-se se é perfeito e se é inteiramente eficaz. Eu considero sem dificuldade que não, embora se me afigure justo referir que não parou ainda de progredir-se, sobretudo quanto ao processo de planeamento propriamente dito, se é que faz sentido desligar o planeamento da sua execução. Eu considero, de passagem, que o planeamento deve fazer-se apenas na medida em que a vontade e a capacidade de o executar o reclamem. Está implícita uma reserva quanto à eficiência com que se passa da fase de planeamento à execução. As linhas de progresso que estão identificadas como mais urgentes de seguir são a instituição ou o reforço de órgãos capazes de assegurar a coordenação sectorial de investimentos, e aspecto este particularmente importante, capazes de preparar e avaliar projectos concretos isto em sectores onde a intervenção do Estado é determinante: transportes, energia, educação, etc; órgãos capazes, por outro lado, de assistir tècnicamente os responsáveis políticos, no reforço da capacidade de intervenção promocional orientada junto dos empresários privados, o que implica o asseguramento da capacidade de preparar e executar, pronta e eficazmente, as medidas da política programadas, de forma que os empresários possam sentir, da parte do Estado, uma atitude de receptividade positiva encorajadora, libertadora de peias, às iniciativas que se insiram no espaço das prioridades definidas no plano. Exprimir este ponto de vista que é, evidentemente, ignorar as dificuldades com que a administração luta para robustecer a sua capacidade técnica e a eficácia das suas intervenções, as quais exigem meios humanos e materiais actualmente disponíveis. Isto é afinal chamar a atenção para a enorme importancia de que se reveste para o desenvolvimento económico esse grave problema que actualmente preocupa o Governo e que o levou a preparar uma reforma administrativa, e a incluir no plano a consideração da reorganização das estruturas do sector público ligadas ao funcionamento da economia.

ENG. J. M. PROSTES DA FONSECA — Refiro-me à primeira parte da intervenção do eng.º Correia Gago. Falou ele da reduzida divulgação dada aos trabalhos preparatórios dos Planos de Fomento, nomeadamente do terceiro. Eu suponho que este aspecto é extremamente importante. Como já se tem dito hoje aqui, interessa fundamentalmente que a Nação, toda ela, através de todos os seus sectores, compreenda porque existem planos de fomento, o que são e para que são.

Ora, é evidente que isto só se consegue através de uma abertura muito grande na discussão, no debate de tudo o que respeita à preparação dos planos. Julgo, aliás, que os trabalhos preparatórios dos Planos de Fomento constituem as peças mais importantes desses mesmos planos. É pena pois, que não tenha sido viável a divulgação ampla de todos esses trabalhos preliminares. E aproveito a oportunidade para fazer um voto no sentido de que a revisão do III Plano de Fomento seja feita com a maior abertura possível tanto no âmbito global como nos sectoriais.

Um outro aspecto que desejaria referir: afigura-se-me que se sentiu pelo menos nalguns sectores um certo desfasamento entre os Grupos de Trabalho da Comissão Interministerial de Planeamento e Integração Económica e a maneira como os vários departamentos do Estado encaram as suas actividades ligadas aos Planos de Fomento. Talvez a preocupação inicial de dar uma certa autonomia a esses Grupos de Trabalho — nomeadamente para os libertar de condicionalismos de carácter mais político — ao lado de

C. G. Correia Gago

outros factores, que tenham levado certos sectores públicos a considerarem, em alguns aspectos, os Planos de Fomento como qualquer coisa um tanto à parte. Ora, é desejável que os vários departamentos do Estado não encarem os Planos de Fomento independentemente das suas actividades normais.

O planeamento é um método de trabalho, um hábito que deve ser introduzido na actuação normal da Administração; esta não deve proceder, pois, como se houvesse, separadamente, uma actividade normal e outra adicional chamada Plano de Fomento. É evidente que isto pressupõe a aceitação plena, por todos os sectores do funcionalismo, da ideia de planeamento em todas as actividades a seu cargo. Aliás, tanto quanto tenho observado, julgo que se está evoluindo neste sentido, o que quer dizer que devemos ser optimistas.

DR. PEREIRA DE MOURA — Eu atrevia-me a voltar atrás, porque estava a ouvir o eng.º Correia Gago há pouco e a concordar com o que ele dizia, e mais, a sentir que era muito importante que neste momento, em que há um certo interesse renovado no País pelas coisas que dizem respeito a planeamento, haja oportunidades de dizer em público, e para público, que manifestamente se interessa por estas coisas, qual é a orgânica do planeamento. Mas ao mesmo tempo estava a sentir o seguinte: em primeiro lugar, já foi aqui dito, mais que uma vez, que o planeamento do desenvolvimento, como peça essêncial da evolução social e económica, há-de dirigir-se aos interesses, às necessidades da comunidade. Nós hoje estamos em Portugal já mais habituados do que há uns tempos atrás a ser considerados como uma grande família. E eu pergunto: dessa grande família que são os nove milhões e meio de portugueses europeus quantos é que sabem o que é o plano de fomento? A que é que ele responde? A importância que tem? As nossas populações rurais, que têm problemas, e têm-nos tido com tal gravidade que até emigram para a cidade ou para o estrangeiro cada vez mais maciçamente, não sabem aquilo que nós sabemos e que temos estado aqui a dizer: que o plano de fomento seria o instrumento normal de preparação da política para resolver os seus problemas e evitar essa saída desordenada. Nas nossas populações operárias, as centenas de milhares de trabalhadores das indústrias, das actividades secundárias portuguesas,

J. M. Prostes da Fonseca

também lá os operários têm problemas de salário, têm problemas de relações humanas, têm problemas de ambiente de trabalho, têm problemas de promoção, têm problemas de formação profissional, além de todos os seus problemas pessoais, semelhantes aos da generalidade dos portugueses de todos os outros sectores, que são os problemas da educação dos filhos, da alimentação, da habitação, de ascensão para uma vida económica e social mais moderna e mais humana. Quantos deles sabem que existe um plano de fomento e que esse plano de fomento é o quadro natural de manifestação dos seus anseios?

A maioria das nossas populações rurais e operárias nem chega a saber que existe todo este enquadramento, toda essa preparação política. Sabem, quando muito, porque vêm uns títulos no jornal de vez em quando, que efectivamente o Governo fez mais qualquer coisa, que foi discutida mais qualquer lei na Assembleia Nacional, mas tudo aquilo lhes aparece sempre como uma linguagem e acção emanadas de cima. E nós sabemos, das experiências estrangeiras e, até, de uma ou outra experiência nacional, bem como dos estudos científicos sobre o assunto, que as coisas emanadas só de cima em geral dão muito mau resultado.

Uma segunda observação: estava a ouvir a descrição sobre a orgânica do planeamento e a interrogar-me sobre o seguinte: o planeamento da política de desenvolvimento há-de dirigir-se á transformação, que em alguns casos é profunda, das estruturas económicas e sociais. Qual é, de todo o organigrama que foi resumido, fielmente resumido, o ponto onde se pode inserir as propostas ou sugestões para essas profundas transformações de estrutura económicas e sociais? Os dois únicos pontos que vejo no quadro que foi traçado são as intervenções do Governo, ao dar uma orientação básica aos serviços para delinearem o seu esboço de plano (evidentemente o Governo pode ser ajudado pelos próprios técnicos do planeamento, ao detectar problemas ou ao fazer os seus relatórios com certas sugestões), ou as discussões já em fase adiantada do processo na Assembleia Nacional; não há aqui outra saída. Simplesmente isto corresponde a que não há verdadeiramente a oportunidade de se sair ou, sequer, de ser sugerida uma saída dos quadros económicos e sociais preestabelecidos. Há possibilidade de pequenas saídas, pequenas soluções, e nunca a possibilidade de propostas francamente ousadas de transformação que, nuns casos, se reconheceria depois que não eram aceitáveis para a comunidade e para o jogo de forças em presença, em outros casos que não eram ainda oportunos, e em outros casos que teriam de ser cerceadas — admitamos, porque é a história de tantos outros países. Mas em muitíssimos casos teriam de ir avante as reformas porque sem isso não há desenvolvimento económico e social, não há a tal transformação. Ora o que é que me parece faltar cá no País, além da animação popular e da participação popular? O que é que parece que falta como complemento ou como maneira de dar forma a essa participação quanto a este grande problema? Pois parece-me que o que falta é a possibilidade de diferentes correntes ideológicas, diferentes correntes de opinião acerca das questões profundas da harmonização da sociedade se poderem manifestar, de certo modo em pé de igualdade, pelo menos na manifestação de intenções. Não digo na deliberação

Sérgio Ribeiro

nem na execução sequer. Ao menos na manifestação, na apresentação do projecto para a comunidade.

Tem-se argumentado clássicamente em Portugal contra ideias deste género, dizendo que isso conduz á divisão e que já teríamos uma triste experiência das divisões provocadas por coisas deste género. Tenho a impressão de que temos experiência mais do que suficiente neste momento para contra-argumentar sobre esse perigo da divisão — e vejo muitos e muitos países do Mundo que não estão mais atrasados que nós apesar de abrirem a porta para essa divisão da opinião pública — creio que se pode contra-argumentar, em primeiro lugar, que a divisão existe efectivamente. Existe, sómente não pode manifestar-se por parte de algumas correntes de opinião. Não há canais legais para essa manifestação. E creio que se pode contra-argumentar em segundo lugar que a contrapartida de não termos eventualmente certas manifestações de divisão, ou de elas não aparecerem claramente, é a estagnação económica em que estamos, a impossibilidade prática de efectuar a promoção das nossas populações E creio que estes são pontos a meditar.

MODERADOR — Parece-me que nós temos na experiência portuguesa um exemplo de uma tentativa do tipo que o dr. Moura indicou. Tenho a impressão de que no segundo Plano de Fomento há um esboço no sentido de a agricultura ser mais qualquer coisa do que o enquadramento dentro de um determinado esquema. Houve mais qualquer coisa que se tentou e que naquela altura não seria oportuna.

DR VITOR PESSOA — Gostaria de abordar três pontos: dois levantados pelo eng.º Prostes da Fonseca e o outro focado pelo dr. Moura, que é o da participação no planeamento. O eng.º Prostes da Fonseca referiu a necessidade de a Administração passar a ver o planeamento como uma actividade normal e não como uma função marginal em relação ás suas actividades correntes. Eu concordo inteiramente com isso. Até agora grande parte do trabalho da planificação tem competido a um organismo central, que é o Secretariado Técnico da Presidência do Conselho. Actualmente caminha-se para uma outra solução: que os próprios ministérios de que dependem os diversos sectores económicos e sociais sejam responsáveis pelo planeamento dos respectivos sectores. Como consequência restarão a nível central as grandes opções globais e de equilíbrio entre os vários ramos da actividade. Mas se eu concordo inteiramente com o eng.º Prostes da Fonseca, iria mais longe, porque creio que não há possibilidades de fazer um planeamento eficaz em Portugal se essa óptica do planeamento não for levada mesmo ao ponto das empresas. O que é que acontece, por exemplo, na elaboração dos nossos planos de fomento? Realmente o aperfeiçoamento das técnicas de planificação representa um avanço real. Mas essas técnicas não valem nada se não tiverem por detrás de si um conjunto de projectos que efectivamente vão ser realizados durante o período do plano. Aquilo que quase tem verificado é que nós encontramos projectos, por exemplo, para os três primeiros anos do plano, deixando por cobrir os anos finais. Ora isto resulta muito do seguinte facto: as empresas não têm um sistema de planificação que lhes permita projectar ou programar os investimentos que não sejam os de curto prazo. A planificação deve-

(Continua na pág. 8)

Problemas e perspectivas do Cooperativismo em Portugal

inquérito

Dr. M. Sérvulo Correia

(Assistente da Faculdade de Direito de Lisboa; assistente do Instituto de Estudos Sociais; autor de diversos estudos sobre cooperação)

«A amplitude do sector cooperativo variará em função das aptidões e anseios dos cooperadores e do equilíbrio das forças político-económicas»

1. Em todas as épocas os homens conheceram fórmulas comunitárias de produção, ditadas pela pressão das necessidades e pelo natural instinto associativo. Muitas dessas fórmulas apresentam grandes similitudes com os métodos cooperativos: é, entre nós, o caso dos celeiros comuns e dos compromissos marítimos. No entanto, as sociedades cooperativas pròpriamente ditas apenas surgiram no século passado, como instrumentos de defesa dos proletários urbanos, dos artesãos e dos pequenos e médios agricultores perante uma economia em vias de industrialização e estruturada sobre o dogma da absoluta liberdade de concorrência, que os colocava à mercê de quantos, baseados no capital, dominavam a produção manufactureira, a comercialização e o crédito.

Não pensavam numa cooperativização integral de economia os fundadores das primeiras cooperativas. Tendo embora consciência de reagir contra uma estrutura injusta, procuravam não tanto superar a sociedade capitalista do seu tempo, mas antes criar nela melhores condições de vida para si e para os que lhes quisessem seguir o exemplo. Quando muito, alguns deles, discípulos de utopistas como Oven e Fourier, desejavam que as cooperativas constituissem uma primeira etapa para a criação de colónias comunitárias e auto-suficientes, no seio das quais pudessem recuperar o paraíso perdido da economia fechada.

Só nos fins do século XIX, graças sobretudo ao pensamento do maior doutrinário cooperativista, Charles Gide, se difundiu a ideia da «República cooperativa», em cujos termos as cooperativas de consumo deveriam progressivamente apropriar-se das empresas industriais e, numa última fase, das agrícolas. Isso far-se-ia de uma maneira voluntária e natural, pelo gradual afluxo dos consumidores àquelas cooperativas, e assim se criaria uma economia democrática em que os homens seriam o fim e não o meio.

A análise científica da doutrina do cooperativismo integral demonstrou, segundo creio, ser ela muito mais um ideal generoso do que um programa viável. E, entre os estudiosos da cooperação, a tese que goza hoje de mais aceitação, e que perfilho, é a do «sector cooperativo»: as cooperativas não poderão invadir toda a economia, mas sim constituir um dos seus sectores.

1 — Quais as possibilidades da solução cooperativa na vida económica de um país?

2 — Que pensa do movimento cooperativo em Portugal e das suas possibilidades e perspectivas no momento actual?

3 — Quais os principais problemas do Cooperativismo português e suas aspirações para uma maior eficácia de acção?

A amplitude do sector cooperativo variará em função das aptidões e anseios dos cooperadores e do equilíbrio das forças político-económicas.

2. A expressão «movimento» pressupõe a vontade esclarecida de atingir certos fins e um sentido de participação numa obra comum por parte de todos os que os prosseguem. Entre nós poderá falar-se de «movimento» quanto à cooperação de consumo, mas não ainda quanto às outras espécies de actividade cooperativa. Por isso prefiro dizer «sector cooperativo».

No sector cooperativo português avultam em primeiro lugar as cooperativas agrícolas, em número aproximado de 550, se nelas incluirmos as caixas de crédito agrícola mútuo, como me parece correcto. São hoje comummente aceites como motivo de esperança para uma lavoura em dificuldades. O que com elas se conseguiu já nos domínios do vinho, dos lacticínios e do crédito às explorações agrícolas é notável e seria injusto não apontar aqui os auxílios financeiros do Estado que tornaram essa obra possível. Apesar destas animadoras primícias, creio que a grande hora das cooperativas agrícolas não soou ainda entre nós, pois que ela está dependente de uma inevitável reestruturação fundiária. É evidente que a simples articulação das actuais explorações agrícolas nos circuitos cooperativos não basta. Seria funesto considerar as cooperativas como tábuas de salvação de empresas agrícolas de antemão condenadas dada a sua natureza minifundiária. E não é pelo facto de se servirem das cooperativas que os latifúndios se redimem dos seus aspectos socialmente negativos. Em contrapartida, a cooperativa é um complemento indispensável das empresas agrícolas familiares e viáveis (isto é, de média dimensão) a quem assegura nos domínios da mecanização, da comercialização e transformação industrial dos produtos, do aprovisionamento em matérias-primas e do crédito uma sã integração na economia do mercado. Será, pois, no dia em que domine entre nós a exploração agrícola familiar da dimensão viável que as cooperativas terão encontrado as suas condições óptimas de actuação e se revelarão mais úteis.

Quanto á cooperação de consumo, verifica-se que atinge já hoje razoável densidade nas zonas industrializadas do nosso país. Quase centenária, ela recompõe-se laboriosamente de vícios de estrutura herdados de tempos em que as cooperativas serviam fundamentalmente de defesa contra o pequeno comerciante usurário e desonesto nos pesos e na qualidade dos produtos. Paradoxalmente, o declínio do pequeno comércio significou também o início das dificuldades que muitas cooperativas ainda conhecem. A causa comum destes fenómenos reside no aparecimento de grandes organizações comerciais, com métodos racionalizados de gestão, que lhes permitem concorrer com as próprias cooperativas em matéria de preços de venda. Em vista disto poderia perguntar-se se a necessidade das cooperativas de consumo se mantém. A resposta é, sem duvida, afirmativa. Num mercado de massa, é a elas que compete dar ao consumidor poderes de decisão, defendê-lo contra os preços de monopólio e os efeitos desorientadores de uma publicidade desenfreada. Ainda recentemente uma voz autorizada se queixava entre nós da falta de associações de consumidores suficientemente representativas. Pois temos uma na «Unicoope», cooperativa de segundo grau agrupando por sua vez 75 cooperativas de consumo, que englobam cerca de 300 000 associados e familiares. E' por influência deste vértice da cooperação de consumo portuguesa, orientado por um conjunto de dirigentes dinamicos e esclarecidos, que se vem processando a aplicação de um plano de desenvolvimento e racionalização elaborado com a assistência de reputados técnicos suecos. O actual afluxo da população rural em direcção aos centros urbanos cria excepcionais condições para esse desenvolvimento.

Quanto ás cooperativas de habitação, elas são mais frequentemente designadas entre nós como cooperativas de construção, o que logo nos diz da sua verdadeira natureza de instituições de crédito para a edificação de habitações. Nesse domínio, o seu papel tem sido mais relevante do que se poderia pensar: de 1953 a 1964 os fogos edificados com a sua intervenção representaram 16,8 % dos construídos pelo sector publico e semipublico. Lutam porém com grandes dificuldades, entre as quais a falta de auxílio financeiro e um regime fiscal inexplicávelmente desfavorável. A isto se deve sem duvida que ainda não tenham experimentado fórmulas, como a do inquilinato cooperativo, que lhes permitiriam estender a sua actuação ás camadas mais desprotegidas.

A par dos três ramos mencionados, existem inda entre nós cerca de 20 cooperativas de distribuição de energia eléctrica e cerca de 40 cooperativas de fins variados. De entre estas, distinguem-se algumas cooperativas de produção nos ramos dos transportes e da construção civil e algumas cooperativas universitárias para venda de livros e fornecimento de refeições aos associados. Para não me alongar, apenas mencionarei a sua existência, salientando a enorme importancia de que as cooperativas universitárias se poderão revestir como meio de difusão dos princípios e métodos cooperativos entre a elite da Nação.

3. Limitar-me-ei a referir as maiores necessidades, que creio corresponderem também a aspirações, comuns aos vários ramos do sector cooperativo português.

Em primeiro lugar, e afinal todos os outros problemas acabam por entroncar neste, uma actualização e aperfeiçoamento do estatuto jurídico da cooperação. Neste domínio as regras basilares são ainda as do Código Comercial, velho de 80 anos. Daí resulta uma grande imprecisão de regime jurídico que, entre outros malefícios, permitiu a alguns órgãos da Administração virem considerar as principais cooperativas de consumo como associações e não como sociedades, para efeitos de tutela. A questão está a ser debatida no Supremo Tribunal Administrativo e espero que tal tese não vingue. Factos como este demonstram no entanto a urgência de um mais claro tratamento legal das cooperativas. Segundo creio, estão em curso trabalhos conducentes a tal objectivo.

Em estreita ligação com a legislação cooperativa, surge-nos a definição de uma «política cooperativa». Após trabalhos em que participei, a Conferência Internacional do Trabalho aprovou há alguns anos por unanimidade uma significativa recomendação sobre o papel das cooperativas no desenvolvimento económico e social. Aí se proclama que os governos dos países em edsenvolvimento deveriam elaborar e executar em relação ás cooperativas uma política de auxílio e encorajamento de natureza económica, financeira, técnica e legislativa que não implicasse qualquer dominação sobre as mesmas. No nosso país poderá falar-se de uma política desse género em relação ás cooperativas agrícolas, mas não quanto ás restantes. Há poucas semanas, as cooperativas de habitação — ao que parece em vias de um federação indispensável á conveniente defesa dos seus interesses — dirigiram ao sr. Presidente do Conselho uma exposição em que lucidamente solicitam medidas articuladas de ordem financeira, fiscal e de acesso a terrenos.

E' também urgente que se autorize o sector cooperativo a constituir os seus próprios estabelecimentos de crédito.

E por fim, mas principalmente, aquelas necessidades que só o sector cooperativo poderá satisfazer: a mentalização dos cooperadores em geral e a formação de dirigentes esclarecidos, como requisitos básicos para que de vez se ultrapasse a fase da actuação por cooperativas isoladas em benefício de uma sólida estruturação organica á escala nacional de cada um dos ramos da cooperação portuguesa. Se isto se conseguir, teremos o mais por acréscimo.

No número anterior escreveu-se, por engano, que o arq.º José Pulido Valente era vice-presidente da Cooperativa «Árvore», quando o seu cargo nesta Cooperativa é o de vogal da direcção.

A ICI anunciou os seus resultados para o primeiro semestre de 1969

A ICI anunciou os seus resultados financeiros referentes ao primeiro semestre de 1969, os quais apresentam não só um sensível aumento de vendas em relação ao mesmo período do ano passado (668 milhões de libras contra 603 milhões no primeiro semestre de 1968) como também um ainda mais espectacular aumento dos lucros, que são, depois de deduzidos os impostos, da ordem dos 53 milhões de libras, contra 43 milhões no mesmo período do ano passado. O principal factor que contribuiu para esta melhoria de resultados, segundo o comunicado da ICI, foi o aumento do volume de transacções das subsidiárias da Companhia fora da Grã-Bretanha, particularmente no Canadá e na Europa Continental. Mais de metade do total das vendas do Grupo foi, com efeito, realizado no estrangeiro.

EPERC
EXTERNATO NOVA OEIRAS

FÉRIAS NO ALGARVE
Uma semana (7 dias), pensão completa
900$00 — todas as taxas incluídas
Aproveite p/ conhecer as famosas Ilhas da Armona e Farol e instale-se na
ESTALAGEM CAIQUE
sob a gerência do seu proprietário
40 quartos todos c/ banho e telefone
OLHÃO Telefone 72167

Onde a criança s

INQUÉRITO DE MAR

Menos, felizmente cada vez menos, ouvimos as pessoas dizer: «quando crescer, o meu filho há-de ser médico». Ou advogado, ou farmacêutico, ou construtor civil... Pais frustrados transmitem aos filhos as suas frustrações, dispostos a transformá-los em agentes de um êxito conseguido por interposta pessoa. Cada vez mais, porém, ocorre a muitos pais perguntarem-se: que espécie de homem será o meu filho? O adulto que a criança será depende de diversos factores, muitos dos quais escapam à vontade familiar, desenvolvendo, transformando ou anulando o sentido que a família procurou imprimir à educação. Por outro lado, debate-se, com um interesse talvez único na história do mundo, que se entende por educação? Como preparar os jovens para enfrentar e criar a vida futura? Como será de resto, essa vida? Num momento em que as mais profundas certezas dos homens carecem de urgente revisão a resposta a estas perguntas não é fácil. E contudo, todos sentimos não ser possível abandonar a criança ao caos da nossa perplexidade. A consciência de que ela terá alguma coisa a acrescentar à nossa experiência, algo de novo para criar e que virá responder, quem sabe, às nossas dúvidas presentes, impede-nos de lhe transmitir uma súmula acabada de conhecimentos que, hoje mesmo, valem, para nós, como instrumentos de racionalização de uma realidade em permanente transformação. Significará esta atitude a demissão da família perante o problema da educação da criança? De modo algum. Significa tão-só que educar se torna mais difícil e simultâneamente muito mais fácil. Porque distanciadas ou abolidas as barreiras que separavam pais e filhos melhor se criam as possibilidades de estes e aqueles se encontrarem e, em conjunto, procurarem determinar as mais correctas vias de acesso ao futuro.

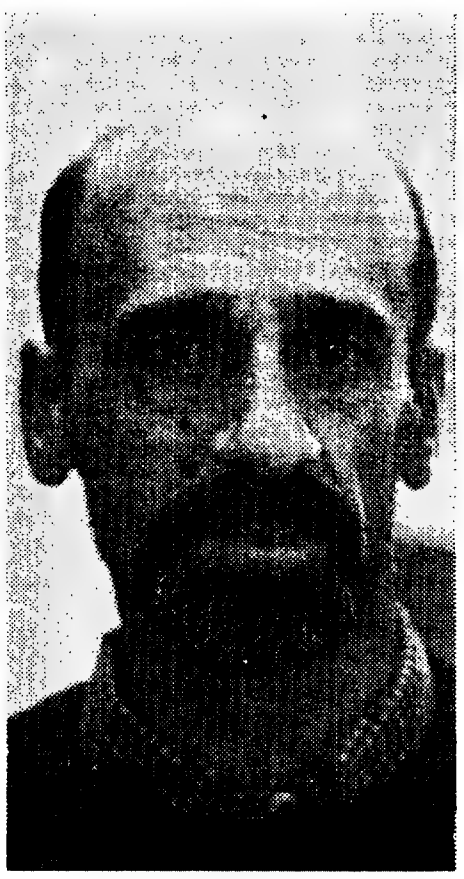
Uma coisa é certa: o menino que está no berço, dependente quase que exclusivamente dos cuidados maternos, um dia enfrentará outros seres. Brincará no jardim, irá à escola, escolherá uma profissão, um modo de actuação na vida. Será um homem entre outros homens. Preparemo-lo para que o seja com eles, conservando-se a si próprio. «Quando exortas as crianças, julgas ter cumprido o teu dever de educador? — escreveu António Sérgio. Sabes o que aprendem elas com esse método? A exortar (...) A boa vida de cidadão não levará a conseguí-la nenhum processo de *instrução*, menos ainda o do discurso, mas o de habituar a criança à *acção cívica*, ao exercício dos futuros direitos de cidadania e autogoverno».

A família e a escola surgem à criança como os dois veículos primeiros de integração social. Como deverão e poderão agir uma e outra, entre elas e em relação ao educando, de modo a ajudá-lo a viver em sociedade? Como deverão família e escola actuar de forma a realizar a educação cívica da criança?

Estas as perguntas que, num inquérito sumário, fizemos a um pai, a um médico e a três educadores. Outras respostas interessantes, reveladoras de muitos mais aspectos, poderiam ter sido acrescentadas. Os testemunhos que se seguem pareceram-nos, no entanto, suficientes para documentar a nossa intenção, aflorar um problema palpitante de interesse e actualidade, deixando margem ao leitor para a divagação e exploração das facetas não mencionadas. Se isso acontecer, como supomos, o nosso colectivo foi atingido. oPrque nenhum de nós tem a Verdade na mão. Podemos é concordar num método — ou métodos — que nos conduza à aproximação da melhor verdade para cada um — e que é conquista de nós todos.

A CRIANÇA NECESSITA DE AMOR E ATENÇÃO

— Apesar de todas as outras influências — escola, sociedade — creio que a influência da família na educação da criança é primordial. — Começou por afirmar o arquitecto Costa Martins, pai de um jovem de vinte anos, aluno da Escola de Belas-Artes, de Lisboa, o primeiro testemunho que recolhemos. — *Mas penso, também, que se complica exageradamene o problema dessa educação. Fundamentalmente, uma criança precisa de amor e atenção. Uma real atenção. Quer dizer: não fingir que se está atenta ao que a criança nos expõe e continuar a pensar noutro assunto. Se não se pode prestar atenção num dado momento é porque se está a trabalhar ou a fazer qualquer outra coisa, a criança tem de entender isso. Mas quando nos dispomos a atender uma criança o nosso interesse e disponibilidade têm de ser autênticos. Com uma criança não se pode fingir. Além disto, de que necessita ela? Na realidade, de muito pouco. Nos primeiros anos, uma criança normal requer, sobretudo, cuidados de higiene e ordem, um certo número de regras muito elementares. Só as crianças anormais precisam de cuidados especiais. Os problemas surgem quando a criança entra para a escola e começa a desenvolver-se como indivíduo entre outros indivíduos. Nesta fase, o amor dos pais continua a ser fundamental, mas não pode ser obsessivo. O adulto não deve procurar formar a criança à sua imagem ou em função de qualquer imagem que se tenha em mente. Eu julgo que para cada idade há uma liberdade necessária. Penso que os pais devem conferir o mais cedo possível aos filhos a liberdade correspondente à sua idade, mostrando-lhes que têm confiança neles, permitindo-lhes realizar com autonomia o que se pode fazer naquele momento, de modo a criarem a sua própria experiência e a desabrocharem por simesmas. Dar liberdade a uma criança de seis anos é permitir-lhe acender um fósforo, como, aos dois, ficar sòzinha no escuro. Naturalmente, isto é difícil: todos os pais têm tendência para descobrir perigos, para evitar perigos. Mas nenhum se pode substituir ao risco que a criança tem, fatalmente, de correr. Mas de nada serve procurar preservá-la do contacto com os outros, com a realidade. Quando entra para a escola, a criança começa a dispor de muitos mais pontos de comparação. Nessa altura, se o respeito que sente pelos pais não assentar em qualidades reais que estes possuam, o amor filial degrada-se. E que resta, então, aos pais? Melhorarem-se, ficando a esperança de que os filhos sejam melhores do que eles. Sinceramente creio que o exemplo dos pais, a sua capacidade de comunicação com os jovens são os factores fundamentais de influência na formação do futuro cidadão. Certo é que a partir de uma certa idade, o professor, os amigos passam a ocupar um papel muito importante na vida dos jovens. Receosos de perder os seus descendentes muitos pais desejam evitar ou controlar demasiado estes novos contactos. Erro grave, penso eu. O contacto com outros jovens deve ser, pelo contrário, altamente facilitado, estimulado. Um pai com interesses não fica geralmente excluído da roda dos amigos: é um amigo a outro nível. Mas para isso é preciso que o pai permaneça um homem. Por respeito à tradição, o jovem pode respeitar o pai, qualquer pai. Mas não o ama. Os sentimentos vivos são os que são alimentados por uma prática de amizade e amor. Se ele não descobre no pai motivos ou condições para esta prática, confina-se aos amigos.*



Arq.º Costa Martins — Com uma criança não se pode fingir

O PAI: UM AMIGO A OUTRO NÍVEL

O arquitecto Costa Martins dá uma grande importância ao papel do exemplo familiar na educação cívica da criança. A fim de compreendermos melhor o seu pensamento, pedimos-lhe que nos esclarecesse sobre como, em sua opinião, a conduta dos pais influe na formação do que será um bom ou mau cidadão.

— *O contacto diário com alguém que a criança ama leva que se estabeleçam linhas de conduta que não serão desfeitas. Quando o adolescente cria a sua autonomia, funda a sua própria linha de conduta em sociedade sobre um substracto de maior ou menor importância consoante a riqueza deste. O ambiente de casa condiciona a escolha dos amigos. São estes que lhe restam se deixou de poder trocar impressões em casa. Isto acontece muitas vezes porque os pais não aceitam que o filho seja diferente daquilo que eles pensavam. E como não o aceitam, tal qual ele é, ou é nessa fase, o filho esconde-se, finge, mente, subtrai-se à sua acção e ao seu convívio. Os filhos só continuam a amar os pais que conseguem entrar no seu grupo de amigos. Mas isso não é fácil, só é possível se os pais forem suficientemente jovens para acompanharem estes sem se impor. Claro que este processo é facilitado entre pais e filhos que têm interesses comuns. Por circunstância da vida prática, por falta de tempo, concordância de horários, etc., é mais fácil um pai arquitecto e um filho pintor entenderem-se do que um filho artista e um pai banqueiro... Em qualquer caso, mesmo nestes casos, um confronto de ideias é sempre útil. A discussão é sinal de saúde. Agora pergunta-me você: tudo isto pode levar um jovem a interessar-se pelos problemas sociais, a ponto de desejar transformar a sociedade em que vive? Pode, mas não fatalmente. Eu creio firmemente que um pai honesto, procedendo inteligente e honestamente, terá um filho honesto. Fazer dele um lutador é impossível: é uma questão de personalidade, não se pode moldar.*

O MELHOR MESTRE: O EXEMPLO

D. Maria Cândida Mendonça é professora do ensino primário, especializada no ensino de crianças deficientes pelo Instituto Aurélio da Costa Ferreira. Muito interessada em problemas de educação através dos meios audiovisuais, estagiou na Escola Normal Superior de Saint-Claud e nas Radiotelevisão francesa e italiana, técnica do Instituto Português de Meios Audio-Visuais de Educação, colabora neste momento na elaboração dos novos programas para jovens da Radiotelevisão Portuguesa

Respondendo à nossa pergunta, no âmbito da idade primária, afirmou sem hesitação:

— *Tudo o que mais contribui para a educação cívica da criança é o exemplo — na família, na escola ou na sociedade. Ora, a escola é a primeira sociedade da criança. Aos sete anos, ela resolveu o seu problema de egocentrismo. A partir daí, o mundo não existe apenas em função dela própria: descobre o professor, o colega, o amigo. A sua socialização torna-se concreta. Claro que esta fase pode ser avançada com o ensino pré-primário, embora aí, tenha características específicas. Devemos ter presente que até aos 9-10 anos a criança quando joga*

Maria Cândida Mendonça — A escola é a primeira sociedade da criança

FORÇA REFORMATRIZ

«Estudemos agora quais são os princípios fundamentais deste método de educação.

É sua razão primeira, como vimos, a ideia de que se não pode adestrar uma criança para um dever social sem a fazer quinhoeira de uma vida de sociedade se a escola lhe não ministra condições para genuínos actos sociais, semelhantes às que depois adulto, encontrará, a doutrina moral resulta oca, verbalista, cadavérica, — e, por conseguinte, ineficaz; é de necessidade absoluta que o aluno se a faça a cooperar livremente pelo bem de uma comunidade, e que a escola reproduza o mais possível a estrutura da vida social adulta entre gente autónoma e responsável.

Por outro lado, o hábito escolar de obedecer a uma governação de que o estudante não participa amolda um futuro cidadão que aguentará apàticamente todos os desmandos, todos os abusos, todos os atropelos e traficâncias dos grandes senhores que todo lo mandam, sob políticos autoritários; ficam, assim, desde o tempo dos estudos determinados os nossos modos de procedimento para com o governo da comunidade: e os jornalistas de oposição, ou os tribunos palradores, poderão levantar em nossas almas lindas *opiniões* de protesto, e até arranques passageiros, mas não desviam de um segundo o nosso proceder *quotidiano*, o nosso cívico carácter, — o qual constitui, repeti-lo-ei, a única força reformatriz de verdadeira eficiência. Trazêmo-la todos do tempo da escola, a comichosa albarda da resignação!

O objectivo do sistema é pois afazer a rapaziada — na idade em que os hábitos se formam, e com os hábitos o carácter, — às responsabilidades do civismo. Não é este uma ciência teórica, mas uma arte de acção, de dinamismo prático; tão disparatado se me antolha o querer incuti-lo só com livros, apostegmas, prelecções, como ensinar por esse modo o jogo do pau, a dactilografia ou a guitarra; a educação cívica meramente teórica parece-me pois um ensino de esgrima em que se não empunhasse uma única arma, ou uma aprendizagem de piano em que os dedos se não mexessem: é um absurdo.»

António Sérgio in «Educação Cívica»

... torna cidadão...

ANTÓNIA PALLA

cria as suas leis, não se submetendo a um chefe do seu tamanho. É só a partir dessa fase que aceita a autoridade de um não-adulto. Compreende-se, pois, que o papel do professor neste período é muito importante. a ele cabe mostrar à criança que ela se insere num conjunto onde cada um tem os seus direitos e os seus deveres para consigo e para com a colectividade. É quanto a mim, uma altura excelente para ensinar essa «banalidade»: os nossos direitos só vão até onde começam os direitos dos outros

Sendo uma fase caracterizada por uma grande vitalidade, os desportos, na opinião de D. Maria Cândida Mendonça, constituem um óptimo meio de canalizar a natural exuberância infantil, permitindo-lhe expandir-se psíquica e fisicamente, sem prejudicar outrem

«Não é por acaso — diz — que nas escolas inglesas todas as crianças aprendem natação. E é sabida a importância que os exercícios físicos têm nas escolas francamente isso não acontece entre nós. Ao entrar para a escola, a criança sofre a sobrecarga de um trabalho intelectual não compensada por uma actividade física visando a estabelecer um equilíbrio saudável. Quantos distúrbios nas aulas se não evitariam? Quantos castigos inúteis, quando não traumatizantes, se poderiam substituir por horas de desporto, alegres, estimulantes?

PROGREDIR, SIM COMPETIR, NÃO

Atender à noção de competição é outro dos problemas que envolve toda a autêntica educação cívica Sobre este ponto, a opinião de D. Maria Cândida Mendonça é formal:

— O professor tem de criar na criança a noção de que ela tem de bater os seus «records», não em relação aos outros mas a si mesma. Na minha opinião, as crianças devem ser preparadas para colaborar, progredir e não para competir.

— Quanto à família, como deverá ela agir, de modo a participar positivamente na educação cívica da criança?

— A atitude da família, nesta fase, terá de assentar, essencialmente, numa harmonia, na prática de certos princípios gerais de boa educação, sem os quais a criança não consegue, ou com muita dificuldade, organizar os seus valores. Nada destrói mais uma criança do que assistir a uma discussão que ela se sente impotente para solucionar ou até para entender. Por outro lado, a família deve criar à criança uma atmosfera tal que a leve a distinguir o bem do mal, o honesto do desonesto, o autêntico do falso, incutindo-lhe, por outro lado, o sentido de indulgência necessária para, não aceitando os erros dos outros, saber agir de uma maneira activa, sem banir as pessoas, mas ajudando-as Eu penso que esta altura é talvez cedo para se mostrar à criança que o aceitável e o reprovável podem depender do paralelo onde se vive Seja como for, nunca é cedo para incutir na criança noções de justiça e condescendência, que a levará a estar atenta aos outros, e a entender o sentido poético e dramático da vida E, assim, valorizando-se a si própria, será um elemento útil na sociedade de que faz parte

Publicaremos no próximo número a segunda parte deste inquérito.

Que pensa da existência de duas listas de candidatos da Oposição Democrática?

O malogro das negociações destinadas a evitar em Lisboa (e no Porto) a existência de duas listas da Oposição Democrática lançou a confusão em muitos espíritos e contribuiu para cimentar a indiferença já instalada em muitos outros. Os sentimentos resultantes desse facto foram e são os mais díspares: dúvida, incompreensão, revolta, desalento; outros receberam-no como uma forma de clarificar posições e de estremar campos. As realidades devem porém ser encaradas como tal e o importante é que se extraiam lições e se colham ensinamentos que poderão ser preciosos no futuro. Por isso nos pareceu importante abrir um debate nesta hora que muitos classificam de provação. A troca serena de pontos de vista pode ajudar a clarificar situações e a ajudar a formar opinião num horizonte onde há nuvens a desfazer e pessimismos excessivos que convirá arredar.

ENG. BARREIROS MARQUES

O aparecimento, em prélios eleitorais, de candidatos de várias tendências é frequente em qualquer país de constituição democrática, podendo até esta variedade ser tomada como índice de pujança da vida política.

Parecia de elementar bom-senso que aqueles verdadeiramente interessados se aliassem, congregando os seus esforços na apresentação e defesa de uma lista, ou representativa de todos ou de coligação das diversas tendências eventualmente existentes. É o que se está a dar na quase totalidade dos círculos eleitorais do Continente e Ilhas Adjacentes. Em dois ou três, todavia, surgem duas listas de Oposição que — tive ocasião de verificar — correspondem a uma realidade política. No círculo eleitoral de Lisboa aparecem duas correntes propondo as duas listas: uma é a que se apoiam numa organização de pessoas estruturadas em comissões na base de uma organização interna de tipo democrático; a outra representa aqueles que entendem dever a luta política ser conduzida através de uma acção pragmática orientada mais pela eficiência na conquista de objectivos concretos do que pela obediência a uma organização interna representativa e democrática.

Dos programas de acção pouco se sabe ainda. Verificou-se não haver efectivamente qualquer possibilidade de atingir o entendimento entre estas duas correntes, como desejou largo número de democratas, apelando, como é sabido, para as duas facções em presença. A existência de duas listas reflecte pois uma situação real que é, pelo menos de momento inamovível.

Havemos de concordar que a existência das duas listas é um facto altamente prejudicial para a democracia em Portugal. Prejudicial e inevitável, não terá porém a existência de duas listas nenhum aspecto positivo? Acima de tudo permite uma indispensável clarificação de posições. A discussão a que vamos assistir é diferente do habitual. Não bastará agora criticar o Governo; vai ser preciso definir posições em competição. A existência de duas listas traz um elemento novo á pugna eleitoral e, a par dos enormes prejuízos em termos de ganhos eleitorais, vai impor um tom novo á campanha, tom a que não estamos habituados, mas não deixará de ser de grande vivacidade e interesse.

Apesar do grande e sincero desejo de unidade que é de tantos e tantos democratas, há que ter em mente que sem verdade não pode haver democracia autêntica. Ocultar, disfarçar ou adiar os problemas, a longo prazo, não serve os interesses do povo. Esperemos que uma campanha esclarecedora e elevada permita ao eleitorado — nos permita a nós — fazer uma escolha acertada.

M. DA CONCEIÇÃO BORGES COUTINHO

É uma pena que as diversas tendências democráticas não tenham conseguido entrar num acordo para apresentação de uma lista única.

Se a cisão persistir até ao acto eleitoral, isso vai acarretar òbviamente a divisão de forças. Por outro lado, mesmo que uma das listas democráticas se retire no decurso da campanha, isso não leva necessàriamente os seus partidários a votar na outra lista democrática: pode levar — e em muitas ocasiões tem levado — a uma atitude de indiferença. Não haverá divisão, mas abstenção de esforços e de votos. Em ambos os casos, grande prejuízo.

Está claro que nem sequer admira muito que as duas comissões não tenham conseguido chegar a um acordo. É que acordos desta natureza são extraordinàriamente complexos e morosos, necessitando, para bem se desenvolverem, de um clima de liberdade que favoreça o diálogo e a livre consulta aos sectores populacionais; Os casos de Lisboa, Porto e Braga — dos distritos mais politizados e portanto onde há mais necessidade de diálogo e negociação — são disso prova evidente.

DR. DUARTE VIDAL *

Como partidário de formas de organização política que consintam a expressão pluralista das correntes de opinião e a sua organização como forças actuantes, dispondo de autênticas liberdades de associação e pensamento não fiquei surpreendido com a circunstância de terem surgido duas listas de Candidatos da Oposição Democrática. Considero perfeitamente natural a existência de várias correntes ideológicas no selo da Oposição Democrática e que surjam divergências de opinião e actuação entre os componentes da mesma Oposição, sendo evidente que, como democrata, não pudesse pensar e reagir de outra forma pois tal é da essência da Democracia. Como democrata não posso ser dos que entendem que se pode tapar a boca aos que divergem de nós.

Não obstante a total compreensão com que encaro a existência das duas listas não deixo de lamentar profundamente que na actual conjuntura política nacional a Oposição Democrática não tenha conseguido apresentar nalguns distritos, uma única lista de candidatos.

* Este depoimento foi escrito antes do anuncio da substituição do dr. Pedro Amadeu Santos Coelho pelo dr. Duarte Vidal, como candidato pela C. E. U. D.

DR.ª ALICE SAMPAIO

Devo ainda considerá-la um caminho politicamente errado, pois sou de parecer que no momento actual a democracia no nosso País não deveria dar-se ao luxo das divergências, arriscar-se a inúteis malógros.

Note-se que nunca me surpreenderam as divergências nem as opiniões díspares — e tanto menos porquanto reconheço haver toda uma sobrecarga de motivação, surpreendeu-me, apenas, num primeiro embate, que os democratas portugueses, as suas elites lisboetas, sobretudo, não fossem capazes de ultrapassar problemas de ordem secundária (que não serim de menosprezar mas de adiar), afim de evitarem perplexidades e cisões.

Na verdade, a Oposição Democrata portuguesa tem hoje dois problemas fundamentais em comum: 1.º a recusa do autoritarismo político; 2.º) a criação de uma verdadeira democracia — e parecerá a muitos imaturidade politiqueira se não se souber ou não se quiser estabelecer uma plataforma única donde partir para a almejada democracia.

O povo português, em totalidade, merece ser considerado acima de tudo como capacidade pensante. Que nunca se caia

no logro de subestimar a sua inteligência, potencial ou manifesta.

Devo esclarecer que se admito e tomei parte na iniciativa de um apelo à unidade democrática, é que me pareceu viável um entendimento entre as duas correntes mais consideráveis da Oposição do distrito de Lisboa — e tal pareceu também a muitos democratas que aderiram a esse apelo. A partir de dada altura, porém, adverti que apenas ás comissões C. D. E. e C. E. U. D. competiria, de futuro, julgar em tal matéria, pois que de matéria de sua competência se tratava.

Resta-me, pois, para já, desejar que a verificar-se o aparecimento de duas listas de oposição, haja entre elas, por assim dizer, coexistência dinamizadora, na defesa para todos fundamental da democracia portguesa.

E sem utopias, quero acreditar que uma vez resolvidos os problemas essenciais, e tido como válido o direito de ser livre, toda a diversidade será de admitir, igualmente válida, podendo ser expressa e humanamente, corajosamente defendida.

Planeamento económico e progresso social

(Continuação da pág. 4)

ria pois ser aperfeiçoada ao nível da própria empresa. Por outro lado, o eng.º Prostes da Fonseca disse que houve ideia de dar autonomia aos grupos de trabalho. E este ponto pode ligar-se com o outro focado pelo dr. Moura: a participação Em primeiro lugar eu tenho a impressão que os grupos de trabalho enfermavam de diversos defeitos. Nomeadamente: o peso excessivo de representantes da actividade pública; uma falta de representatividade das actividades privadas; e da nação no seu conjunto. E deverei acrescentar que, para além do peso excessivo, que tinha a actividade pública nos grupos de trabalho, verificava-se que muitas das pessoas que neles participavam não tinham autonomia de decisão, e portanto o próprio trabalho técnico ficava comprometido logo à nascença

Efectivamente, os representantes dos serviços públicos expressavam muitas vezes opiniões preexistentes nos respectivos departamentos ministeriais e não a sua opinião própria sobre as questões em análise. Em certa medida pode dizer-se que se verificava uma determinada politização prévia de assuntos em relação aos quais se pretendia obter simplesmente um conjunto de informações e orientações, resultantes de um diálogo aberto e da combinação de trabalho de gabinete dos técnicos de programação com a experiência das pessoas mais directamente ligadas ao exercício das actividades lítica viria depois...

Será, pois, de pôr a seguinte questão: em que medida é que as Comissões de Planeamento, recentemente criadas, poderão responder, ou não responder, ás necessidades atrás implícitas: ou seja, por um lado, uma verdadeira autonomia no exercício das suas funções e, por outro, até que ponto permitirão a tal participação, com foros de representatividade, dos interesses privados e das populações em geral na formulação de opções de política económica e social que se proporão ao Governo

ENG.º CORREIA GAGO — Um dos pontos que eu tinha para abordar, o da tal marginalização do planeamento na vida corrente dos ministérios, foi já bem sublinhado pelo Pessoa. Eu apenas acrescentaria que a nova orientação que se está tentando imprimir à orgânica do planeamento teve essa experiência com uma das suas motivações fundamentais: a criação de órgãos de planeamentos nos ministérios em estreita ligação com o Secretariado, por um lado, com os serviços ministeriais, por outro, é uma tentativa no sentido de minorar esse inconveniente e de fazer do planeamento uma pulsação diária do funcionamento dos departamentos da administração pública. Quanto às perguntas que o Pessoa fez acerca da medida em que as comissões de planeamento que estão criadas poderão obviar aos inconvenientes que foram apontados aos grupos de trabalho, eu creio que ele lhe conhece as respostas. Também aí foi a partir de experiência dos grupos de trabalho que se concebe a composição das novas comissões. Estas comissões deixam de ter como tarefa a elaboração de textos básicos, passam a ser de natureza consultiva, visando-se uma apreciação muito ampla, com a representação de pontos de vista diferentes sobre as matérias a apreciar. Tem de assegurar-se que a sua presidência seja assumida por pessoas independentes da administração pública. Compreende-se que é fundamental continuar a ter os representantes dos ministérios, mas deve alargar-se muito a representação de outros interesses. Evidentemente que aqui eu tenho de recordar a reserva de há pouco: essa representação chegará pelos canais que estão constituídos para a formar.

Quanto ao problema levantado pelo dr. Moura acerca da divulgação, ele é realíssimo. Estamos muito sensibilizados a isso, os técnicos que trabalhamos no Secretariado, e cremos ir ter a oportunidade de avançar também nesse sentido. Mas eu arriscava dizer aqui uma coisa que pode soar mal, pode soar a tecnocracia, mas me parece ter algum fundamento: esquecendo por momentos as vantagens da mobilização de vontades e de receptividade para um esforço, os grandes, os fundamentais, os radicais problemas da sociedade portuguesa, são razoàvelmente conhecidos pelas pessoas que têm a seu cargo as tarefas do planeamento.

O dr. Moura pergunta também onde se insere nesta orgânica de planeamento a oportunidade de indicar frontalmente as transformações de base que são necessárias para se atingir os objectivos programados. Pois apesar de não haver no organismo uma divisão expressamente para isso, na fixação dos objectivos, mesmo dos sectoriais, dos sectores produtivos designadamente, abundam as oportunidades de o fazer.

Para os técnicos, que trabalham no planeamento, é a própria probidade profissional que obriga a que se chame a atenção para o facto de certas metas quantitativas de crescimento, exemplo: a agricultura, implicarem como pressuposto uma alteração substancial dos dados estruturais em que a actividade se está actualmente processando. E isso é apontado.

DR. PEREIRA DE MOURA — Tenho falado tantas vezes no facto de o planeamento se destinar ao desenvolvimento tendo em atenção as alterações de estruturas, que, evidentemente, não posso dizer qualquer palavra contra o que foi aqui comunicado a um público mais geral acerca das alterações em começo nas estruturas do planeamento. E mais: eu participei em grupos de trabalho relacionados com a industria, e acompanhei outros pontos da organica em fases sucessivas, e não tenho duvida nenhuma de que algumas dessas experiências estão agora a ser bem aproveitadas nas remodelações que são necessárias.

Mas o ponto que eu queria focar era este: não nos pode satisfazer de mode nenhum, acerca dos grandes problemas da sociedade portuguesa, que, a propósito dos trabalhos do sector agrícola, pessoas independentes (sejam técnicos ou não) venham dizer que era preciso fazer isto ou aquilo; e que a propósito do sector industrial, as mesmas pessoas vão dizer que é preciso isto ou aquilo, e até, ás vezes, impor ou encaminhar em determinado sentido as decisões, se tiverem muita força para isso. Isto não satisfaz. E não satisfaz porque essas várias e profundas transformações ligam-se umas ás outras e ou constituem um **sistema coerente** ou nunca representam uma alteração séria e profunda. Mais: até algumas propostas podem parecer caricatas quando desligadas de um conjunto. Ora na organica actual — e era de esperar, não podia ser doutra maneira — e apesar das transformações mais recentes, não há a possibilidade de projectos globais de transformação da sociedade portuguesa serem apresentados; projectos globais diferentes daquele em que o próprio poder constituído pensa e que ele mesmo apresenta. Não há, de facto, na nossa estrutura política lugar para isso; e portanto, não era através de uma reforma das comissões que isso podia surgir. Recordo palavras suas de há pouco: o planeamento e a nossa organica do planeamento há-de traduzir uma situação nacional. Este tópico. parece-me, fica em aberto e não podemos ficar satisfeitos com o ponto em que estamos ainda em Portugal.

ENG.º CORREA GAGO — A intervenção do dr. Moura é perfeitamente legítima. A esse respeito eu apenas posso responder que me parece que o problema não é apenas da organica de planeamento, mas também deriva da necessidade de repensar a própria vocação, o próprio domínio de competência dos órgãos técnicos que assistem os poderes políticos na escolha das grandes opções para que havemos de encaminhar a nossa actividade como nação.

Também este problema nos preocupa, aos técnicos de planeamento, cabendo recordar, do que já referi, a intenção de alargar o horizonte de previsão e incluir nas funções normais dos serviços de planeamento a caracterização das situações para que caminharemos se fizermos determinadas opções — activas ou passivas.

Esta caracterização objectiva fornecerá ao Governo — e, desejávelmente, á opinião dos portugueses — os necessários elementos para uma escolha consciente e as razões para intervir, programadamente, no sentido de acelerar as transformações básicas, de carácter estrutural, que hão-de enquadrar e favorecer a realização das opções mais progressivas, se forem citar as escolhidas.

Não tenho duvida em reconhecer que as perspectivas de curto e médio prazo têm, até agora, absorvido a quase totalidade dos meios disponíveis nos serviços de planeamento e que o Conselho para os Assuntos Económicos carece de ver fortalecida a assistência que lhe é prestada no sentido da definição do que havemos de visar a longo prazo.

DR. PEREIRA DE MOURA — Só uma pequena precisão: nós estamos a discutir o planeamento do desenvolvimento económico português e não, exclusivamente, o papel do Secretariado Técnico dentro desse planeamento. O problema que eu levantei transcende completamente o Secretariado; e não me passa pela cabeça dizer que o Secretariado não cumpre; por não estar a fazer-se aquilo que eu disse. Mas sinto aqui um problema básico para o nosso desenvolvimento económico e social.

ENG.º J. M. PROSTES DA FONSECA — Desejaria juntar uma palavra sobre a participação das populações nas actividades de planeamento Sabe-se — como já foi abordado nesta mesa-redonda — que, para que o planeamento tenha consequências práticas dentro de uma política de desenvolvimento — não se limitando, portanto, a um conjunto de estudos com um tecnicismo mais ou menos apurado — é indispensável que o mesmo culmine numa programação clara de projectos concretos a realizar.

Trata-se de estabelecer a ligação entre as fases de estudo e planificação propriamente dita e a fase de execução. Julgo poder afirmar que é neste ponto que se situam algumas das maiores dificuldades e deficiências das actividades de planeamento em curso em Portugal — como acontece, aliás, na generalidade dos restantes países.

Suponho que a falta de ligação apontada resultará fundamentalmente de uma inadequada e insuficiente participação na preparação e delineamento das acções daqueles que, depois, têm de as executar e, muito principalmente, dos que sofrerão as suas consequências, sejam estas benéficas ou maléficas

A participação efectiva e permanente de todos os sectores populacionais nas diversas fases do planeamento impõe-se, pois, por duas ordens de razões: maior garantia de encontrar as soluções mais justas para os problemas em equação e melhores perspectivas quanto á rentabilidade — não só em quantidade mas, principalmente, em quantidade — resultante da execução dos planos.

Creio que isto se pode conseguir sem obrigar a profundas modificações das estruturas políticas. Por exemplo, no campo da educação reconhece-se a necessidade de obter uma maior vivência, por parte dos professores, das famílias, dos estudantes — numa palavra, da Nação —, das reformas e das iniciativas a empreender. É neste sentido que o órgão de planeamento do Ministério da Educação Nacional projecta levar a cabo e fomentar diversas formas de diálogo acerca dos problemas fundamentais do ensino, tanto no âmbito nacional como no contexto regional: organização de colóquios, seminários, grupos de trabalho, etc.

DR. VÍTOR PESSOA — Tem-se vindo a falar, ao longo desta mesa-redonda, da participação dos diversos sectores da população no planeamento. Foi já posta em evidência a necessidade de se proceder a uma ampla divulgação do que são os Planos de Fomento e para que servem, de forma a criar até um estado de espírito favorável ao planeamento em Portugal. Repare-se, ainda, que tem side colocado o acento tónico na participação nos trabalhos preparatórios dos planos. Creio, porém, que o problema poderá ser visto noutra perspectiva: a dos benefícios do desenvolvimento económico e, consequentemente, dos resultados do próprio planeamento desse desenvolvimento. E porquê? Porque me parece difícil mobilizar um conjunto de potencialidades humanas — donde um clima de passividade — se as pessoas não sentem que poderão tirar real partido dos benefícios que podem advir de um processo de desenvolvimento enquadrado por planos de fomento. Estou em crer, pelo contrário, que será através da participação efectiva de todas as camadas da população nos resultados de um crescimento planificado da economia nacional que se poderá obter uma verdadeira adesão da Nação á problemática do planeamento e á preparação dos planos, os quais deverão constituir um esquema que integre as autênticas aspirações e anseios da comunidade portuguesa.

MODERADOR — Julgo podermos concluir esta mesa-redonda. A sua intenção de divulgação e de esclarecimento, se não satisfeita (que nunca o estará), parece cumprida, nos condicionalismos em que se insere (até de espaço, para que não afugente leitores). E já que falei em leitores, quero terminar com o agradecimento á intervenção «deste lado da mesa», e acrescentar o voto que a «mesa» se continue para o «outro lado» do jornal feito papel e tinta, pois só assim terá sido divulgação e esclarecimento.

O planeamento serve de ilustração cabal á urgência de todos (podermos) participar. Mas participar efectivamente. Como instrumento «da» política, como instrumento «de uma» política, o planeamento será o que for «a» política que serve. E por maior que seja o aprumo técnico, o planeamento só será instrumento de desenvolvimento económico e progresso social, se a política global tiver esse sentido, e a «política» só poderá ter o sentido do desenvolvimento económico e progresso social se for uma política participada, quer dizer, a partir de condições e exercício de cidadania.

ERRATA — Na primeira parte de mesa-redonda sobre «Planeamento económico e progresso social» foi publicada, por lapso, uma referência do dr. Vítor Pessoa ao I Plano de Fomento, que se corrige para o seguinte: «O I Plano de Fomento, que vigorou de 1953 a 1958, foi o passo seguinte para âmbitos mais latos de planificação.»

CURSO COMERCIAL
NOCTURNO
ESTÃO ABERTAS AS MATRICULAS
EXTERNATO LUSITANO DE COMÉRCIO
RUA DOS ANJOS, 2, 1.º TELEFONE 40297

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, RC e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057
SERVIÇO
estação de serviço
peças legítimas
e oficinas
carros novos e usados
com garantia
facilidades
de pagamento,

Confusão sobre «doping»

(Continuação da pág. 1)

das, o que é o famigerado «doping» e quais os seus principais implicativos — e, por isso, fomos falar com o dr. Arménio dos Santos Ferreira, cardiologista, recém-chegado de Lausanne, onde participou, como convidado, no VII Congresso do Agrupamento Latino de Medicina do Desporto. Estudioso atento dos problemas que o desporto põe à Medicina, médico durante 10 anos do Sporting Clube de Portugal, Arménio Ferreira interveio, no citado Congresso, numa mesa-redonda sobre «Aspectos pseudopatológicos relacionados com o coração do desportista».

— Pode dizer-nos o que é, realmente, o «doping»?

— *Há uma grande confusão quando se fala em «doping», e isso é fàcilmente verificável ao ler-se o que se tem escrito sobre o assunto... Antes de mais nada, quero precisar uma coisa: estimulantes e estupefacientes nada têm em comum. São produtos completamente diferentes. Um indivíduo que se «dopa» não está a cometer um crime, mas pela maneira como se fala no assunto poderia pensar-se o contrário... Em resumo, posso dizer-lhe que as substâncias «dopantes» são remédios, à base de anfetaminas, conhecidos internacionalmente. Conhecidos e reconhecidos — convém precisar.*

OS ESTIMULANTES SURGIRAM COM A GUERRA DE 39-45

— Há quanto tempo surgiram os produtos à base de anfetaminas?

— *Apareceram no início da segunda conflagração mundial, em 1939 ou 1940, e destinavam-se a manter os pilotos dos aviões «Stuka» acordados e atentos. O medicamento dava pelo nome de «Maxiton», e os ingleses, para o mesmo efeito, usaram produtos semelhantes. Como vê, os estimulantes não constituem, pròpriamente, novidade...*

— ...

— *Hoje, para se manterem acordados, os estudantes «dopam-se», com «Profamina», «Pervitine» e outros produtos parecidos. Os moderadores do apetite, que tanta gente toma, são, também, substâncias idênticas e, no entanto, o seu uso clínico é de todos conhecido. Actualmente, existem mais de 1000 produtos farmacêuticos com base nas anfetaminas, que actuam sobre o sistema nervoso e demais sistemas, provocando uma maior intensidade de atenção e a insónia. Em contrapartida, o indivíduo perde o apetite e fica eufórico.*

PERIGO PRINCIPAL: «É UMA MÁSCARA DA FADIGA FISIOLÓGICA»

— Qual é o maior perigo do «doping»?

— *Mascarar a fadiga fisiológica. O «doping» é, pois, e antes de mais nada, um problema essencialmente médico. Só muito depois, e por razões que com ele não directamente se relacionam, poderá vir a ser um problema jurídico... E isto porque não se trata de «LSD» ou qualquer coisa desse género!*

— Chegamos, agora, a uma pergunta que nos parece da máxima importância: por que razão se «dopam», por excelência, os ciclistas, enquanto os praticantes das outras modalidades o não fazem, ou fazem-no em escala muito mais reduzida?

— *Tal facto foi objecto de um inquérito, em Itália, e ficou amplamente demonstrado, na verdade, que, enquanto a maioria dos ciclistas tomava estimulantes, os futebolistas, por exemplo, não o faziam, ou faziam-no numa escala ínfima. Da ordem do 1 por cento, posso precisar. Para mim, a resposta à sua pergunta é só uma: o ciclismo é uma modalidade desportiva essencialmente comercial. Quanto maior for a «vedeta», tanto maior será a publicidade a reverter para a firma que a apoia. Ora, no futebol, já não sucede o mesmo. Trata-se de um jogo de conjunto, de onde não se pretende tirar uma publicidade imediata. Na Itália, e só entre os amadores, porque os profissionais se recusaram a ser analisados, obtiveram-se percentagens da ordem dos 46,6 por cento. O mais curioso em toda esta questão é que, quanto a mim, o estimulante não faz andar mais depressa; não aumenta a capacidade física do indivíduo. Tem, isso sim, sobre o mesmo, um efeito psicológico.*

«DOPADOS SEM O SABEREM, FIZERAM PIORES PROVAS...»

— Fala baseando-se em alguma experiência?

— *Com efeito. Certa vez, enquanto médico do Sporting e durante treinos, ministrei estimulantes a diversos atletas e nadadores sem que os mesmos tivessem disso conhecimento. Pois bem, fizeram piores provas do que costumavam fazer e isso leva-me a concluir o seguinte: o estimulante não aumenta a capacidade física do corredor. Actua psicològicamente, isso sim, e uma simples massagem pode transmitir ao ciclista uma confiança extraordinária, capaz de o fazer correr mais, apenas porque está convencido de se encontrar sob a acção de um estimulante... Quanto a mim, portanto, os estimulantes aumentam a frequência cardíaca, não são úteis ao rendimento do atleta e, como disse mais atrás, mascaram a fadiga. Utilizá-los numa prova de longo curso, como é a «Volta» a Portugal, por exemplo, torna-se algo de criminoso. O atleta fica sem apetite numa altura em que precisa de ser bem alimentado e quebra-se o alerta de reacção ao cansaço. O sono não surge, o atleta não repousa. E, com a continuação, chega-se à fase aguda da intoxicação. Surge a fadiga patológica, a confusão mental, o coma, a morte.*

— Mas isso sucede desde que o «doping» não seja controlado clinicamente, não é assim?

— *Sim, com efeito, só apresenta estes perigos quando não controlado pelo médico. Desde que o seja, pode dizer-se inofensivo, desde que não se atinja uma fase incontrolável, produto da habituação.*

— De qualquer modo, discorda do «doping»?

— *Discordo em absoluto. O «doping» é um cancro, que só prejudica o desporto. Benefícios só traz quem procura angariar publicidade, através do desporto... E tem de haver uma legislação anti-«doping» internacional, que não há, por enquanto, o que traz acentuados inconvenientes... As leis que hoje existem são fàcilmente alteradas. Um ciclista houve que, embora a sua análise se apresentasse positiva, foi perdoado. Motivo: utilizara um produto novo («Reactivan»), que suscitou dúvidas entre os analistas...*

A EDUCAÇÃO SOCIAL DO ATLETA

— Qual o país mais adiantado na luta anti-«doping»?

— *A Itália, sem dúvida alguma. Bem vê, o «doping» deve ser banido do desporto, porque não há «contrôle». Mas para que o «doping» seja banido, há que começar pela prevenção, traduzida na educação social do atleta. Há que responsabilizá-lo perante a sociedade de que faz parte. Porque o atleta deve, sim, procurar melhorar as suas possibilidades através de um treino honesto, e nunca recorrendo a expedientes. Essa educação social cabe aos médicos dos clubes, encarregados de velar pelo bem-estar físico e psíquico dos jogadores, pela sua segurança. Dar um ou dois comprimidos á base de anfetamina, sob «contrôle», a um atleta, não é perigoso, mas o pior é que o atleta foge ao «contrôle» e começa a tomar os comprimidos que julga necessários... E já agora, convém referir que, no que respeita a «doping» em Portugal está-se no princípio! Sim, porque no estrangeiro quase todos tomam estimulantes! Há pouco, transmiti-lhe a minha convicção: o «doping» não aumenta a potência muscular. Devo dizer-lhe, no entanto, que esta opinião não é geral. Há quem afirme o contrário, na verdade. Note, também, que eu não ponho o problema em termos de desportivismo ou antidesportivismo, e isto porque, se todos se «dopam», todos ficam em igualdade de circunstâncias...*

— Há pouco, falou-se na Itália como sendo o país mais avançado em medidas anti-«doping». Pode dizer-nos como elas se traduzem, concretamente?

— *O organismo de «contrôle» anti-«doping», na Itália, compreende um laboratório central, em Florença, com funcionamento permanente, um superintendente, o prof. Sio, e uma comissão executiva, de que fazem parte o prof. Nicolini e alguns outros: e 30 médicos desportivos, que são outros tantos inspectores qualificados e especialistas na luta anti-«doping».*

Dr. Arménio Ferreira — «dopar-se» não é um crime

— E, entre nós, existem médicos analistas especializados em Medicina Desportiva?

— *Não, não existem. Não é possível adquirir-se tal especialização no nosso país.*

A ANFETAMINA SÓ É ELIMINADA AO FIM DE 4 DIAS

— Recentemente ocorreu um caso que apaixonou a opinião pública sobremaneira. Foi referida, então, a possibilidade de uma troca de frascos, entre muitas outras hipóteses... Como acha que devia ser feita a recolha da urina, no fim das provas?

— *Da única maneira que me parece lógica e susceptível de não deixar dúvidas a ninguém: o ciclista devia urinar na presença do médico e o frasco seria depois fechado, selado, assinado pelo próprio ciclista e identificado com o número da respectiva ficha clínica.*

— Quanto tempo leva o organismo a eliminar a anfetamina?

— *Segundo a opinião de um dos maiores especialistas em «doping», o prof. António Venerando, de Roma, três ou quatro dias depois de ingerido o produto, ainda a anfetamina aparece no líquido orgânico. Isto, como fàcilmente se depreende, impede que, sem margem de erro, se estabeleça qual foi a etapa em que um corredor se «dopou»... É possível recorrer-se ao doseamento, mas não sei se se poderá obter um resultado absolutamente indiscutível. A eliminação do estimulante, por outro lado, faz-se tanto pela urina como pela saliva e pelo suor.*

(O dr. Arménio Ferreira que, de colaboração com o prof. António Venerando, vai escrever um livro versando o tema «O coração do desportista», participará, em Bolonha, de 13 a 15 de Novembro, no Seminário Internacional sobre o «Doping» no Desporto).

Substâncias «dopantes» mais usadas pelos desportistas:

Anfetamina, etilanfetamina, fenmetrazina e fendimetrazina

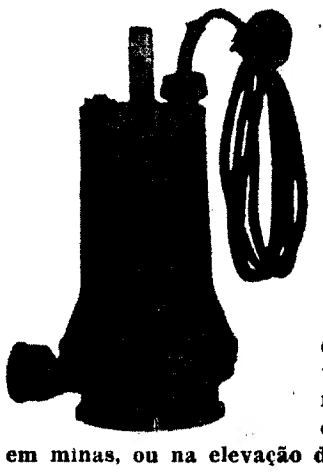
1 — Todas as substâncias utilizadas em competições ou absorvidas antes, de forma a que a sua acção psicológica eficaz se desenvolva no desenrolar dessas competições;

2 — Substâncias que possam aumentar a potência de trabalho do atleta;

3 — Que mascarem a fadiga fisiológica, retirando ao organismo o seu alento de defesa contra o cansaço;

4 — Que provoquem um altero-psiquismo, uma redução no autocontrôle;

5 — As intoxicações agudas e crónicas podem aparecer como corolário lógico dos produtos médicos «dopantes»: anfetaminas e cafeínas.



ELECTROBOMBAS SUBMERSÍVEIS

JUNG

As bombas submersíveis Jung são o resultado dum estudo profundo das diversas necessidades urbanas e industriais em permanente desenvolvimento. Desde a pequena fossa ou cave, às grandes ensecadeiras, na drenagem de obras de construção, em minas, ou na elevação de esgotos, há sempre um tipo adequado às respectivas necessidades. Muito robustas e de extrema facilidade de utilização, podem ser adquiridas em 10 modelos diferentes, ou mais, sob consulta.

Estão equipadas com disjuntor e podem ter incorporado um sistema patenteado de comando automático por bóia.

Tipo	Motor cv	Tensão V	Boca "	Altura em metros 1	2	4	6	8	10	12	14	16	18	20	22
U 66	0,5	220	1 1/4"	14	13	9	7	4	1			caudal em m³/h.			
U 75 D	3/4	380	1 1/4"	10,5	10	9,8	9	8	6	3,5					
U 100 D	1	380	1 1/2"	18,5	18	17	15	13	9,5	7	1				
U 200 D	2	380	2"	32	31	30	26,5	24	20	18	13	4,5			
U 300 D	3	380	2"	36	36	34,8	34	31	29	25	22,5	20	16	9	1
UK 2	2	380	3"	65	58	44	30	16							
US 3	3	380	4"	100	90	75	52	24	6						
UT 5	5,5	380/660	4"	100					15						
UT 7	7,5	380/660	4"	100					70	40	20	5			
UT 10	10	380/660	4"						115	90	65	40	20	5	

LUSOVEMA

SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS ELECTROMECÂNICOS S. A. R. L.

Avenida João XXI, 6, r/c., direito

Tel. 71 65 72 Lisboa-I Tel. 72 86 32

Actualidade de Maquiavel

(Continuação da pág. 1)

que dificulta ainda mais a tradução da linguagem fundamentalmente política do pensador para uma linguagem económica. Aparentemente, a questão não é relevante. Mas ganha importância se encararmos Maquiavel como um precursor do jacobinismo, na acepção integral do termo. O problema da formação da vontade colectiva apresentou-se sempre a seus olhos como indissociável da batalha pela criação do Estado moderno, tal como a via.

Quais as condições ideais para que surja e se desenvolva uma vontade colectiva nacional-popular? Seria um exagero dizer que ele encontrou resposta para essa grande interrogação. Como acentua António Gramsci (1), «a razão dos sucessivos malogros das tentativas de criar uma vontade colectiva nacional-popular deve ser procurada na existência de determinados grupos sociais que se formam a partir da dissolução da burguesia comunal e no carácter particular de outros grupos que reflectem a função internacional da Itália como sede da Igreja e depositária do Santo Império Romano».

Essa função contribuia na Península itálica para a estabilidade de uma conjuntura económico-corporativa que se apresentava como a pior das formas da sociedade feudal, estagnada e antiprogressivista. Faltava em Florença, faltava em Génova, faltava na própria Veneza, na sua esplêndida decadência, aquela força que, na Espanha dos reis católicos, na França dos Valois e no Portugal modelado pela revolução burguesa de 1383-85, pudera gerar a vontade colectiva nacional-popular imprescindível ao advento do Estado moderno.

Maquiavel tinha a percepção lúcida de que a formação dessa vontade colectiva nacional-popular só seria viável se as massas camponesas da Itália irrompessem na vida política ao lado das massas urbanas. Nesse jacobinismo precoce de Maquiavel, vislumbra Gramsci o germe da sua concepção da revolução nacional.

Estava certo Maquiavel. A revolução inglesa de 1648, a revolução francesa de 1789, as revoluções russas de 1905 e de Fevereiro e Outubro de 1917, embora profundamente diferentes no processo e nos objectivos, apresentam como denominador comum o desembocar caudaloso de um descontentamento generalizado de camadas e classes sociais oprimidas numa vontade colectiva nacional e popular. As revoluções nacionais da Grécia contra o Império Otomano, da Irlanda contra o domínio britânico, de Cuba contra a Espanha, da Argélia contra o colonialismo francês, para citarmos apenas alguns exemplos expressivos, também só foram possíveis mercê do surgimento da vontade colectiva nacional e popular, embora nesses casos não estivessem em jogo o problema da construção do Estado, mas essencialmente o da libertação nacional.

Só uma análise histórica e económica da estrutura social de cada país e das tentativas feitas, através dos séculos, para suscitar essa vontade, nos poderia revelar as razões profundas dos malogros onde quer que eles se verificaram.

Maquiavel foi talvez o primeiro pensador político a preocupar-se sèriamente com esse problema fascinante. Antes dele, a ciência política era uma mistura confusa de utopia e escolástica. Com *O Príncipe* essa ciência assume uma forma fantástica e artística, mas riquíssima de ensinamentos. O conjunto de elementos doutrinários passa a ser encarnado pelo *condottiero*. O príncipe torna-se o símbolo da vontade colectiva; é uma simples abstração doutrinária. O que movia sobretudo Maquiavel era o desejo forte de revelar aos florentinos, e aos italianos do príncipe ideal, capaz de criar o novo Estado.

Felizmente, Maquiavel não era um tratadista sistemático. Não havia nele nada de sábio humanista tradicional. *O Príncipe* brotou como obra voltada para a acção: o conteúdo tem a força e o estilo de um manifesto de partido.

«Não parece que ele queira sugerir a quem já sabe — sublinha Gramsci — nem o seu estilo é o de uma desinteressada actividade científica (...) Pode, portanto, supor-se que Maquiavel tem em vista quem não sabe, que pretende educar politicamente «quem não sabe».

E *quem não sabia* na Itália do seu tempo? Justamente as forças potencialmente revolucionárias da época. Maquiavel ambicionava esclarecer essas forças, persuadi-las da necessidade de ter um *Príncipe* como chefe e de segui-lo disciplinarmente, mesmo que a sua linha pudesse chocar-se com a ideologia então intangível: a religião.

O autor do «Discurso sobre a Primeira Década de Tito Lívio» não era um mero cientista: era igualmente um político prático apegado tanto ao «dever ser» como á realidade factual. Mas o seu realismo lúcido, como nos recorda Gramsci, não podia levá-lo a vencer as limitações insuperáveis decorrentes da sua condição de simples indivíduo «uma pessoa privada, um escritor, e não o chefe de um Estado ou de um exército, que também é apenas uma pessoa, mas tendo á sua disposição as forças de um Estado ou de um exército, e não sómente exércitos de palavras». O genial florentino tinha uma noção precisa das fronteiras que o tolhiam. Nunca se propôs, pesoalmente, mudar a realidade social: tentou apenas mostrar como deveriam agir certas forças do seu tempo para forjarem uma vontade colectiva e fazer história.

O Príncipe não perdeu actualidade. No ano em que a humanidade celebra o centenário de Maquiavel não nos parece excessivo insistir no facto de que o moderno príncipe nos surge materializado nos organismos políticos estruturados. O partido político — como elemento do corpo social que exprima uma vontade colectiva nacional e popular traduzida na acção — é *O Príncipe* dos nossos dias.

---

(1) António Gramsci, «Note sul Machiavelli, sulla Política sullo Stato Moderno».

Escolheu BMW porque tem uma personalidade muito de acordo com a sua. É firme, rápido, seguro! Pronto no arranque, faz caminho com a segurança veloz que lhe exige a vida moderna. Atento à evolução dos detalhes imprescindíveis do actual conforto, o BMW alia a potência técnica às linhas da moderna elegância. Obediente à mão firme que o sabe conduzir, o seu BMW responde com rapidíssimo arranque e segurança que o satisfazem E depois, o motor BMW é fora-de-série e o chassis é um verdadeiro seguro de vida expresso em termos de engenharia.

a classe do seu carro é a sua classe

Pelo prazer de conduzir — B M W

BMW É O ÚNICO CARRO QUE LHE VAI BEM

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO: SOCIEDADE COMERCIAL E INDUSTRIAL DE AUTOMÓVEIS FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO, S.A.R.L. AGENTES EM TODO O PAÍS

BMW 2002 — Aceleração 0/100 Km — 10 9 seg

LINTAS 69 BMW-08

A importância dos pneus

BANDEIRA DE LIMA

Há pouco tempo abordámos nesta secção o facto esquisito das pessoas que se não apercebem que começou a chover.

Hoje, complementarmente, falaremos de pneus. Eles representam o ponto de contacto entre o automóvel e a estrada e controlam, portanto, todo o movimento do carro, possibilitando-lhe o necessário poder de tracção, de curvar e de travar.

Trata-se assim, de um órgão absolutamente vital, o que ninguém ignora conquanto muitas pessoas «façam força» para esquecer esse facto.

Aliás esse esquecimento está na origem da recente obrigatoridade legal de um milímetro (mínimo) de altura de piso.

Para quem mais de perto lide com automóveis e deva encarar os respectivos problemas de ordem técnica, esse mínimo legal é de pequeno significado.

Na realidade as circunstancias diferentes que se podem pôr são tantas que o «milímetro» será, para nós, sempre difícil de entender.

Por exemplo: em piso regular, seco, um bom pneu careca é sempre melhor do que um mau pneu cheio de piso. Os grandes «dragsters» que manejam potências da ordem de 800 HP usam pneus completamente lisos. E qualquer pneu de corrida actual raramente ultrapassa, em novo, o tal milímetro de altura de piso; e, no entanto, na competição automobilística, tudo se passa bem em cima dos limites, que como se calcula, são os mais elevados que a técnica actual pode fornecer — curvas, travagens e acelerações passam-se, em corrida sempre bem perto do limite conhecido da aderência.

Podemos apresentar um caso absolutamente concreto numa comparação, em corrida, de dois automóveis da mesma marca e modelo absolutamente iguais, ambos rigorosamente de série: os dois BMW 2002 que José Lampreia e Francisco Romãozinho guiaram na Granja do Marquês, na corrida que abriu a temporada de velocidade deste ano. José Lampreia, que usava pneus radiais próprios para «rallye» não conseguiu aguentar a marcha de Francisco Romãozinho, cujo carro, equipado com pneus de corrida tinha um poder de curva superior. A parte os pneus, e como atrás dissemos, os carros eram iguais. No piso regular e abrasivo da pista da Granja do Marquês, a altura do piso dos pneus de «rallye» era desfavorável!

Em que circunstancias, então, é que uma apreciável altura de piso começa a ser favorável?

Citámos há pouco o facto de José Lampreia ter usado pneus de «rallye» na pista da Granja.

Atentemos, portanto, no que se encontra numa competição de «rallye»: médias difíceis (ás vezes impossíveis) de cumprir, estradas que vão do razoável alcatrão á simples terra batida (ou por bater...) condições climatéricas as mais diversas — mas quase todas as grandes provas se passam na estação invernosa — chuva, pisos molhados, lama, neve «de surpresa», etc. É aqui que a altura do piso dos pneus vale ouro: na diversidade de circunstancias em que o factor surpresa tem uma farta interveniencia. Os pneus de «rallye» poderão não ser «os mais rápidos sobre uma mesa de bilhar», mas asseguram tracção e aderência em circunstancias em que os pneus de corrida nem seriam capazes de fazer andar o automóvel.

Ora o que se passa no dia-a-dia e, embora com menos pressa toda a série de circunstancias de um «rallye»: o bom e o mau piso, o molhado e o seco, os paralelipipedos molhados pelas regas na Av. do Aeroporto, na Fontes Pereira de Melo e tantas outras, as areias das obras em curso dispersas por toda a parte (e que serão lamas quando chove) os basaltos sempre escorregadios, enfim, um sem-número de circunstancias que no fim de contas apenas diferem das de um «rallye» por se andar mais devagar, mas onde, ao mesmo tempo, qualquer manobra de emergência — uma guinada de direcção, uma travagem mais brusca roçam fácilmente o limite da aderência — tal como se se estivesse em competição mas sem a atenção a que esta obriga o condutor.

A conferência de Rabat

(Continuação da pág. 1)

recomendações já muito velhas ou exigências com as quais o Governo de Israel não perderá sequer tempo a apreciar.

Dos países presentes, alguns — a Guiné, o Yemen, Marrocos, o Mali, o Senegal, o Yemen do Sul, a Pérsia e a India — ainda mantém relações diplomáticas com o «inimigo publico n.º 1» do Islão. E, apesar da Líbia ter proposto o corte geral das relações, não é natural que todos os países interessados o venham a fazer.

A esmagadora maioria dos países representados na Cimeira, entre os quais não se contam dois dos mais acérrimos adversários do regime de Tel-Aviv: — a Síria e o Iraque —, em caso de nova guerra israelo-árabe, mesmo que o quisessem, não poderiam intervir. As distâncias geográficas do local de batalha e o subdesenvolvimento de quase todos eles permitem até, que, no fim da conferência, se façam afirmações bombásticas de solidariedade islâmica em face do inimigo judeu.

Serão puras afirmações gratuitas, pois todos sabem que não podem ser postas em prática. É no fundo, um apoio moral.

A guerra, se vier, será feita pelos mesmos do costume.

Quanto á possibilidade de deflagração de um novo conflito generalizado no Médio Oriente, o general Moshe Dayan não parece ter muitas duvidas. Afirmou ele recentemente que Israel se deve preparar para uma nova guerra e acrescentou: «O povo israelita deseja a paz, mas parece-me que para o futuro imediato, o optimismo não é possível». Dayan, que se afirmou um realista, analisa com justeza a «Cimeira» de Rabat: «Não penso que a «Cimeira» Islâmica de Rabat possa dar o sinal para uma nova guerra israelo-árabe, mesmo que a Guerra Santa venha a ser proclamada».

Dayan sabe que de Rabat não lhe virão perigos de maior, até porque na capital marroquina estão, disfarçados de inimigos, alguns bons amigos de Israel. Isto é, amigos dos E. U. A., o que no fundo é o mesmo.

Dayan sabe que os inimigos estão na R. A. U., na Síria e no Iraque. Os dois ultimos nem foram a Rabat. Mas os mais perigosos inimigos estão dentro das novas fronteiras de Israel, na Jordânia e no Líbano como refugiados. São os resistentes de Yasser Arafat quem, de facto, pode levar Israel a uma nova guerra de desfecho muito duvidoso. Na verdade, essa guerra está já em movimento. Todos os dias temos notícias dela.

Arafat esteve em Rabat. Comentando os trabalhos da «Cimeira» o revolucionário afirmou: «Repetirei aos meus irmãos muçulmanos reunidos em Rabat as palavras de Saladino, conquistador de Jerusalém: mais do que os vossos apelos, tenho necessidade de armas».

A. V. C.

Um Kadett que É ainda mais económico: o novo Kadett "E"

Económico em todos os sentidos

Com o lançamento do novo OPEL KADET «E», Você dispõe agora de um carro que reúne além das enormes vantagens da experiência OPEL, um factor verdadeiramente aliciante — O PREÇO! 58.618$00 (taxas incluídas)

Basta «pesar» as características do NOVO MODELO OPEL KADET «E».

Confirme por si próprio — visite ainda hoje o seu concessionário OPEL.

Kadett "E"

A TECNICA E A ELEGÂNCIA NUM CARRO EUROPEU

OPEL GM

É de confiança — como os bons

Um produto General Motors montado em Portugal com assistência técnica em todo o país.

Muçulmanos Negros — um rito característico

Filantropia...

A América continua a ser o país dos grandes contrastes, e também das fachadas bonitas a esconder muita coisa feia.. Um escritor norte-americano, Lundberg, no seu livro «Ricos e Super-Ricos», ocupa-se dos milionários do seu país, muito especialmente dos que possuem fundações caritativas. Segundo ele, o amor ao próximo é tão grande, nos Estados Unidos, que ali existem, pelo menos, 45 000 instituições daquela natureza, financiadas pelas mais diversas empresas. É caso para perguntar — note-se — como ainda continuam a existir pobres na América do Norte . É claro que há muitas minifundações, mas as 134 mais importantes totalizavam, há cerca de 10 anos, um activo de milhões de dólares. Bem, e, já agora, convém dar uma explicação para tanta caridade. Os anos de 1913 e 1916 marcam a época em que foram instituídos, além-Atlântico, os direitos de concessão e o imposto sobre o excesso de lucros. Antes destas datas — repare-se bem — existiam, apenas, umas 20 fundações.. Ora, como as sociedades de bem-fazer não pagam impostos, o resto deduz-se fàcilmente? As fundações tornaram-se, pois, uma maneira hábil de os poderosos deste mundo fugirem ao fisco, ao mesmo tempo que atraiam as atenções do público para os seus sentimentos caritativos. Um golpe de génio, como se pode ver!

O PROBLEMA NEGRO NOS E. U. A.

Renasce a antiga Sociedade de Colonização Americana

CLAUDIA LEVY

A Sociedade de Colonização Americana, ponta de lança do movimeno do século XIX de «regresso à África», vive ainda em *Capitol Hill*.

Foi em tempos uma confederação de organizações estaduais destinada a obter passagens para a Libéria a favor de escravos libertados. Agora está a ser reactivada, numa tentativa de alargar a onda de nacionalismo negro. Dantes constituia uma moderada oposição á escravatura; agora oferece o regreso dos negros á África como uma alternativa para a «integração á força» e uma «válvula para as tensões raciais».

A Sociedade emergiu novamente á superfície, na Primavera passada, quando um afável advogado, de Charlotte, Charles W. Counelly Jr., descobriu os documentos da organização na Biblioteca do Congresso. A Sociedade tinha sido dissolvida em 1964, por falta de apoio.

Counelly abriu um escritório, em Maio passado, com cerca de 10 000 escudos que recebeu do «lobby» ultraconservador.

A questão dos fundos e do apoio tem algum interesse para ele, porque, apesar do crescente interesse dos jovens americanos negros pela África, nem a Sociedade nem as pequenas organizações com que Connelly se corresponde, operam muito acima do nível deficitário.

Contudo, o passado da sociedade está cheio de personalidades relevantes que contribuíram com fundos.

James Monroe, John Marshall, Daniel Webster, Francis Scott Key e James Madison figuraram proeminentemente nas suas actividades iniciais. Henry Clay foi seu director durante anos e um primo de Washington, o juiz Budge Washington, foi o seu primeiro presidente em 1817.

Fox escreveu o seguinte acerca da Sociedade: «Desde o dia do seu nascimento até ao dia, em que, por proclamação do presidente, os escravos do Sul ficaram livres, os expoentes da política nacional e os principais pensadores olharam sempre para esta organização como a única capaz de salvar os escravos daquilo a que Jefferson chamara *«a campainha de alarme da noite»*.

O Sul receava as insurreições dos escravos e tinha sempre os olhos postos nos libertos que se viam contidos no Sul.

Depois de 1817, muitos senhores de escravos ofereceram-se para libertar os negros, desde que estes fossem para a Libéria a terra então alugada pela Sociedade de Colonização Americana, na costa ocidental da África.

«A Sociedade entendia que os negros ditos livres só o seriam na plena acepção do termo, quando estivessem de novo na sua terra natal», escreve Fox.

Em 1867, a Sociedade já tinha estabelecido entre 600 a 20 000 escravos na nova colónia.

Os fundos eram recolhidos por um sistema de agências e filiais á escala nacional. No dia 4 de Julho os sacerdotes recolhiam fundos para a Sociedade. Depois da emancipação, porém, a organização foi perdendo a sua força. No século XX, foi continuada pelo Movimento Nacionalista Negro, de Marcus Gravey, mas perdeu-se quando Garvey foi expulso dos E U A.

Connelly diz hoje que é dever da Sociedade dar a conhecer Garvey como «um grande americano deste século» e a instruir as pessoas brancas acerca de Garvey e das dimensões do seu movimento.

A viuva de Garvey tem assento no *board* dos «conselheiros africanos» e também assim o separatista Jeru-Ahmed Hassan.

O grupo de directores da Sociedade é, no entanto, estritamente branco. Inclui o senador da Luisana, William M. Rainach, que é um segregacionista feroz.

Uma circular da sociedade acusa a «integração forçada» de «levar as duas raças para dois campos separados e hostis», o que «é do maior agrado para os nossos inimigos comunistas. Eles sabiam que a integração levaria a uma sangrenta guerra racial, por isso a vêm promovendo há 15 anos».

Embora hoje seja pobre, a Sociedade entregou uma enorme quantia a uma fundação educacional de Nova York quando foi dissolvida há 5 anos

Connelly diz que a anterior S. C. A. agia de acordo com os esquemas da antiga Sociedade. Agora deve ser mais um organismo promotor de programas de troca de estudantes do que de «repatriação» (expressão que ele evita).

Trata-se para ele, segundo diz, de mais um esforço para aliviar as tensões A actual sociedade procura o apoio dos liberais.

Connelly observa que: «se a sociedade agir sob um ponto de vista conservador, estará a expulsar cidadãos americanos da América».

Washington Post-D. L.